

PROFESSORA MARIA LÚCIA
RUA DR. ALMEIDA CASTRO,
59.600- M O S S O R O - R



VIA AEREA
PAR AVION

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A "GAVETA DA HISTÓRIA": CULTURA HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA NA
ESCRITA DE RAIMUNDO NONATO DA SILVA (1980-1990)**

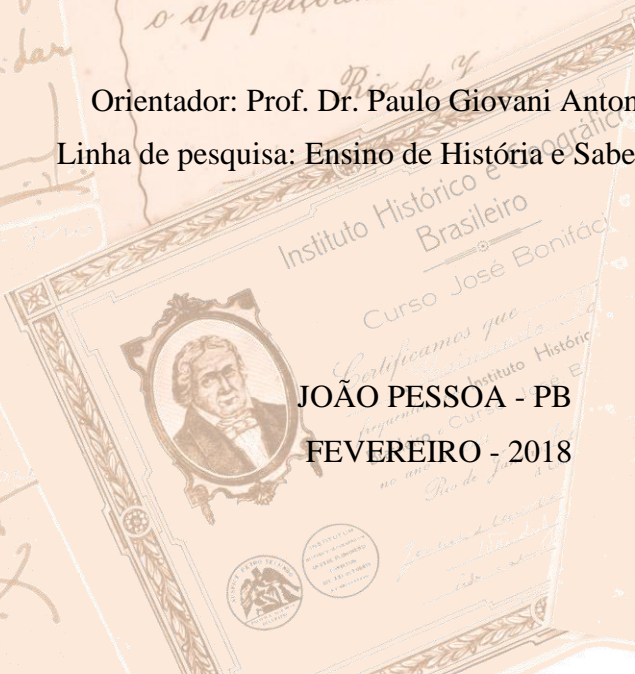
HÉLIA COSTA MORAIS

Orientador: Prof. Dr. Paulo Giovanni Antonino Nunes.

Linha de pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA - PB

FEVEREIRO - 2018



Diploma
II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS
Compre o presente Diploma
a Raimundo Nonato da Silva
em reconhecimento da sua
e aperfeiçoamento da educação

Jornalista
João Bosco,
Museu Histórico

João Bento - 12-3-
Lúcia etc. entregue
pedidos de xerox.
um livro de sua coleção

João Bento no Bito que
o Bito e agora
quando

CARTEIRO
1º PORTO



PROFESSORA MARIA LÚCIA

A “GAVETA DA HISTÓRIA”: CULTURA HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA NA
ESCRITA DE RAIMUNDO NONATO DA SILVA (1980-1990)

HÉLIA COSTA MORAIS

Orientador: Prof. Dr. Paulo Giovani Antonino Nunes

Linha de pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

Diploma

II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, na área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Curso José Bonifácio

JOÃO PESSOA – PB
FEVEREIRO - 2018



Raimundo Nonato

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M827g Moraes, Hélia Costa.

A "gaveta da história" : cultura histórica e historiográfica na escrita de Raimundo Nonato da Silva (1980-1990) / Hélia Costa Moraes. - João Pessoa, 2018.
134 f. : il.

Orientação: Paulo Giovanni Antonino Nunes.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. História. 2. Cultura histórica. 3. Historiografia.
4. Raimundo Nonato da Silva. I. Nunes, Paulo Giovanni Antonino. II. Título.


UFPB/BC

**A "GAVETA DA HISTÓRIA": CULTURA HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA
NA ESCRITA DE RAIMUNDO NONATO DA SILVA (1980-1990)**

Hélia Costa Morais

Dissertação de Mestrado avaliada em 07/02/2018 com conceito Aprovada

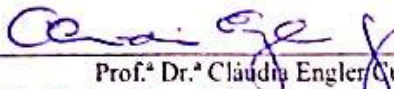
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo Giovanni Antonino Nunes
Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal da Paraíba
Orientador

Prof.ª Dr.ª Paula Rejane Fernandes
Departamento de História - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinadora Externa

Prof. Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Junior
Departamento de História - Universidade Federal da Paraíba
Examinador Externo



Prof.ª Dr.ª Cláudia Engler Gury
Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal da Paraíba
Examinadora Interna

Prof.ª Dr.ª Eliana Alda de Freitas Calado
Departamento de História - Universidade de Pernambuco
Suplente Externa

Prof. Dr. Elio Chaves Flores
Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal da Paraíba
Suplente Interno

Aos meus pais, com todo amor que há em mim.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Há tanto a agradecer que incorrer ao esquecimento é quase inevitável. Porém, citar alguns nomes é um dever moral, haja vista ter recebido muito apoio, carinho e incentivo ao longo desta caminhada. Acredito que o trabalho de mestrado, que é de fato a nossa primeira grande experiência de pesquisa e construção da narrativa, é um desafio que carrega consigo a marca das conversas e trocas formais e informais com os professores, os colegas e os livros. É, sem dúvida, um trabalho feito por muitas mãos.

Agradeço primeiramente à banca examinadora, que prontamente aceitou o nosso convite e muito contribuiu ao resultado final das questões aqui postas. À professora Paula Rejane, pelas considerações valiosas, disponibilidade e amizade prestada ao desenvolvimento desta pesquisa. À professora Cláudia Engler Cury, por sua leitura atenciosa e todas as sugestões que tentei incorporar ao texto como pude. E, sobretudo, pelo carinho e a forma atenciosa como conduziu a nossa relação ao longo do mestrado. Muito obrigada!

Dentre os membros da banca, gostaria de dedicar especial agradecimento ao professor Raimundo Barroso, por ter me orientado formalmente durante o primeiro ano deste trabalho e informalmente até os seus últimos dias de feitura. O professor Barroso me mostrou, com a força do seu exemplo, que é possível que atrás de uma mente brilhante de pesquisador e um vasto currículo Lattes, haja um ser humano generoso, humilde e profissional. Foi uma honra ter compartilhado este trajeto de pesquisa ao seu lado, ouvir os seus ensinamentos e desfrutar da sua amizade. Muito obrigada por tudo, este trabalho é nosso!

Ao querido professor Paulo Giovani, por ter se responsabilizado por este trabalho e por todo o apoio e carinho dedicado no decorrer da sua disciplina e no percurso do mestrado como um todo. É realmente impressionante saber que ainda existem pessoas no mundo iguais ao senhor. A ti, minha gratidão e profunda admiração!

Ao PPGH/UFPB por todo o suporte, por tudo o que aprendi e pela oportunidade de tornar tudo isso possível. Agradeço mais diretamente aos professores com quem tive o prazer de conviver ao longo das disciplinas. Como a professora Carla Mary, cujas aulas foram fundamentais no início desta escrita. Muito do que falastes nas aulas, tentei trazer para a narrativa e para pensar o nosso ofício, obrigada! Ao querido professor Tiago Bernardon, cuja referência de profissionalismo e humildade levarei comigo eternamente. Obrigada pelas aulas e discussões inesquecíveis. À professora Solange Rocha e o professor Elio Flores, que embora

não tenham sido meus professores, sempre foram solícitos enquanto coordenadores. À Geraldo, secretário do PPGH, pela eficiência e disponibilidade em auxiliar em tudo o que precisamos. Obrigada!

Eu não poderia deixar de agradecer também aos primeiros que acreditaram na viabilidade desta pesquisa e na minha capacidade para executá-la. E, estes foram os meus professores da UERN. Em primeiro lugar, o professor e amigo Marcílio Falcão, que me acompanhou ao longo de dois projetos de extensão e com quem compartilhei muitas discussões que permearam esta pesquisa e que tem acompanhado o meu trajeto com muito carinho e amizade. Ao professor Leonardo Rolim, por incentivar a minha vinda a UFPB; Aryana Costa, pela solicitude em todos os momentos em que precisei; Linhares Fonteles e Lindericy Lins, por sempre se mostrarem dispostos a auxiliar os nossos próximos passos. Aos colegas da UFRN, Felipe Tavares, por ter lido uma das primeiras versões deste projeto, e Gabriela Fernandes, pelo apoio e palavras doces em momentos cruciais.

Ainda dentro do grupo de professores que conheci na UERN, destaco mais pontualmente o meu orientador da monografia, o professor João Maurício Gomes Neto. Amigo “moinho”, que tem o dom de afugentar todas as palavras capazes de expressar a minha admiração, gratidão e amor. A ti, devo boa parte do que hoje sou. Amo você!

À Coleção Mossoroense por fornecer-me as fontes necessárias à pesquisa e por fazer com que eu me descobrisse pesquisadora. Especialmente aos funcionários com quem trabalhei à época, Langeane, Raniele e Caio. Ao Museu Lauro da Escóssia, especialmente a Maria Lúcia. Muito Obrigada!

À família de Raimundo Nonato, especialmente Marcelo, Carolina e Eledil, por sanarem as minhas dúvidas sempre que preciso e por acolherem este trabalho com carinho.

À querida turma de mestrado, que foi uma das mais gratas surpresas da minha vida. Turma agradável, que fazia as aulas fluírem com leveza e muito riso. Posso dizer que verdadeiramente fiz amigos que levarei para a vida. Alguns, obviamente, se tornaram mais próximos com o passar do tempo, os quais não poderia deixar de citar mais especificamente. Assis Severo, com quem compartilhei longas conversas acadêmicas e mazelas do cotidiano; Geilza, amiga querida de todas as horas; Ellen e seu esposo Kaubinho, por dividirem comigo as alegrias e dissabores deste trajeto; a Rejane e Lázaro, por me acolherem em sua casa tantas vezes e por toda atenção a mim dispensada; a Vanusa, Gerlane, Aline e Anicleide pelo

carinho e companheirismo; por último e não menos importante, a Jessica Reis, que foi a minha mais fiel escudeira desde o primeiro dia, com quem dividi todos os momentos destes dois anos dedicados a este trabalho, cujo resultado final não seria possível sem o seu companheirismo e amizade sincera, que se pretende eterna. A vocês, todo o meu carinho!

Ah, os amigos! O que seria da vida sem eles?! Se existe algo de que me orgulho, é de ter amigos de verdade. Sem o apoio dos quais, os sonhos permaneceriam apenas na linha do horizonte. Agradeço a Jeová, irmão de alma, por dividir comigo todos os sonhos e percalços da vida; a Kally, Aline e Micarla, pela amizade sincera e incondicional, amo muito vocês; a Kennedy, por me acolher em todos os momentos; a Raphael pelo afeto; a Lucas Vinicius pela ajuda com a correção do texto; a Karla, Jeh Coke, Rossy, Emília, Hellen, Janaíne, Luís André, Assis filho e Amaurí, que embora não tenham acompanhado o processo desta escrita mais de perto, sei das boas energias e vibrações enviadas. Vocês fazem a minha vida mais feliz!

Aos amigos que fiz em João Pessoa, muito especialmente agradeço à amiga Eri e suas filhas Vitória e Adriele, que me fizeram sentir que eu tinha uma família longe de casa. À Matheus Andrade, pela acolhida, carinho e cafés sobre a vida; ao meu querido Fernando, pelo colo, apoio e afeto.

Dedico este trabalho ao meu pai, Edmar Moraes. Jamais poderia imaginar que ele partiria logo no início da jornada do mestrado e me obrigaria a me reinventar para poder seguir caminhado. Que honra nascer sua filha e poder desfrutar da sua companhia, do seu exemplo e inteira confiança. A ti, meu pai, tudo o que eu vier a fazer de bom nesta vida. À minha amada *mainha*, Joventina, de nome peculiar e afeto inigualável. Amiga fiel e companheira incondicional, obrigada por ser exatamente como és. Às minhas irmãs, Erica e Elza, e meu irmão Erivan, por dividirem cada sonho meu como se fossem seus e estarem comigo a cada passo dado. Aos meus sobrinhos amados, Gustavo e Eduardo, por serem a minha fonte de amor e esperança na vida. Amo vocês!

À CAPES, cujo auxílio financeiro foi fundamental à dedicação exclusiva para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, agradeço à Paraíba, em especial à cidade de João Pessoa, terra que me acolheu com muito amor e que certamente me transformou numa pessoa melhor. Hoje, me sinto uma potiguar paraibana. Obrigada, até breve!

[...] é que sou ferrenho, obstinado, sectário da história. E neste gênero que tenho realizado quase tudo de minha obra. Das 20.000 páginas que escrevi, abrangendo diversos temas, entre todas não figura uma só onde se note total ausência de um episódio, de um fragmento histórico. Não sou idólatra nem vivo no paganismo, mas não posso negar que passo minhas noites e meus dias ajoelhado ante o altar de Clio.

(Raimundo Nonato)

RESUMO

Raimundo Nonato da Silva foi um intelectual potiguar que ao longo da sua trajetória manteve relações com diversas instituições de poder e saber; como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e a Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL). Tais instituições ajudaram a projetá-lo intelectualmente no decorrer de mais de 80 livros publicados. Professor, memorialista, historiógrafo, jurista, entre outras funções, conta com uma vasta produção bibliográfica nos campos da memória, história, crônica, etc. O presente trabalho intenciona compreender as representações narrativas produzidas pela sua escrita sobre o passado, aferindo as suas relações com a construção de uma *Cultura Histórica* (GADAMER, 2009) para a região Oeste Potiguar e a maneira como a *Cultura Historiográfica* (DIEHL, 2002, 2009) influenciou neste processo. Para tanto, se pretende refletir acerca do modo como as categorias *tempo* e *espaço* aparecem na construção da sua narrativa em torno da região. Admite-se, portanto, que Raimundo Nonato atuou consciente ou inconscientemente como artífice em um processo que representou uma consciência histórica na produção de um passado para a espacialidade. Desta feita, utilizaremos como fonte a coleção de livros *Minhas memórias do Oeste Potiguar*, escrita entre as décadas de 1980 e 1990; bem como, parte da correspondência ativa e passiva dada ao longo do recorte temporal proposto. Acredita-se que considerar tal percurso histórico e historiográfico descortina e historiciza práticas de saber e poder cristalizadas ao longo do tempo.

Palavras-Chave: Cultura Histórica e Historiográfica, Oeste Potiguar, Raimundo Nonato da Silva.

ABSTRACT

Raimundo Nonato da Silva was a potiguar intellectual who, throughout his career, maintained relations with several institutions of power and knowledge; such as the Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Norte (IHGRN) and the North Rio Grande de Letras Academy (ANRL). These institutions helped to project it intellectually through more than 80 published books. Professor, memoirist, historiographer, jurist, among other functions, has extensive bibliographical production in the fields of memory, history, chronic, etc. The present work intends to understand the narrative representations produced by his writing about the past, assessing his relations with the construction of a Historical Culture (GADAMER, 2009) for the West Potiguar region and the way Historiographic Culture (DIEHL, 2002, 2009) influenced this process. To do so, it will reflect on how the time and space categories appear in the construction of their narrative around the region. It is therefore accepted that Raimundo Nonato acted consciously or unconsciously, as an architect in a process that represented a historical consciousness in the production of a past for spatiality. This time we will use as a source the collection of books *My Memories of the Potiguar West*, written between the 1980s and 1990s; as well as, part of the active and passive correspondence given along the proposed temporal cut. It is admitted that to consider such historical and historiographic course unveils and historicizes practices of knowledge and power crystallized over time.

Keywords: Historical and Historiographic Culture, West Potiguar, Raimundo Nonato da Silva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mercado Público Municipal de Mossoró, em 1930.....	27
Figura 2 – Fotografia do arquivo pessoal de Raimundo Nonato no Museu Lauro da Escóssia.....	36
Figura 3 – Carta enviada por Raimundo Nonato a Maria Lúcia, presente na “gaveta da história”.....	37
Figura 4 – Da esquerda para a direita, os escritores Raimundo Soares de Brito e Raimundo Nonato da Silva. Fotografia publicada na Revista Comemorativa aos 30 Anos da Loja Maçônica Jerônimo Rosado, em uma das sessões das “Noites da Cultura” realizada em suas dependências. S/D.....	53
Figura 5 – Charge do Jornal <i>O Mossoroense</i> , de 24 de Agosto de 1993.....	55
Figura 6 – Sumário do livro <i>A Janela do Tempo, Memórias de Meus Remotos dias</i> , (NONATO, 1991a).....	57
Figura 7 – Mapa da divisão do RN em Mesorregiões (1989) – Parte 1.....	68
Figura 8 – Mapa da divisão do RN em Mesorregiões (1989) – Parte 2.....	68
Figura 9 – Mesorregiões do Estado do RN após divisão oficializada em 1990.....	69
Figura 10 – Planta Interna do Mercado Público Municipal de Mossoró no ano de 1919.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS

ABE - Associação Brasileira de Educação

ANRL - Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

CRN - Centro Norte-Rio-Grandense

DEGEO - Departamento de Geografia

DITER - Divisão de Estudos Territoriais

ESAM - Escola Superior de Agricultura de Mossoró

FGD - Fundação Guimarães Duque

FURRN - Universidade Regional do Rio Grande do Norte

FVR - Fundação Vingt-un Rosado

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOP - Instituto Cultural do Oeste Potiguar

IHGRN - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

RN - Rio Grande do Norte

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semiárido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. “NO CAMINHO DAS LETRAS” : TRILHANDO UM LUGAR PARA SI	24
2.1. “Corrente da Amizade”: Raimundo Nonato e o seu microcosmo intelectual ..	34
2.2. A Coleção Mossoroense e a Historiografia Potiguar	55
3. O “PAÍS DE MOSSORÓ”: A CIDADE COMO CENTRO REGIONAL	62
3.1. A mesorregião do Oeste Potiguar	63
3.2. Roteiros do espaço e do tempo	73
4. “MINHAS MEMÓRIAS DO OESTE POTIGUAR”: A ESCRITA NONATEANA 91	
4.1. A Cultura Historiográfica: como se escreve a história.....	92
4.2. Raimundo Nonato da Silva e a Cultura Histórica.....	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
6. FONTES	125
7. REFERÊNCIAS	127

1. INTRODUÇÃO

Há homens que parecem nascer antes de seu tempo. Outros, muito depois. Mas há os que coincidem com sua época. E nesse caso, tempo e homens se entrosam como uma unidade só de vida, um monumento único de verdade espiritual e histórica. Isto importa dizer que o destino os situou em um tempo propício a que eles fizessem de suas existências um roteiro para a busca dos grandes ideais (BRITO, 1987: p. 20).¹

A teia poética da qual se constitui a memória é composta pela articulação entre temporalidades diversas, responsável por operar discursivamente referenciais do passado que conferem legitimidade ao presente. A investigação em torno das memórias sugere reflexões acerca do seu processo de construção, desde os aspectos mais subjetivos e aparentemente singulares de quem narra, até no que concerne ao enredo alusivo à memória coletiva. Assim, ao debruçarmo-nos sobre uma narrativa memorialística, é preciso ter em mente que o texto é envolto tanto pelo tempo dos acontecimentos narrados, como o tempo da escrita sobre estes, quanto pelo o de quem se debruça sobre a sua análise. De modo que, “o tríplice problema do tempo, do espaço e do homem constitui a matéria do memorável” (LEROI-GOURHAN, 1964-1965: p.68), matéria esta tomada como base para pensarmos as questões propostas ao longo desta investigação.

Inicialmente, porém, é importante explicitar que a reflexão que trouxe a este trabalho deve ser percebida enquanto desdobramento de uma pesquisa iniciada ainda na graduação em História, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A partir das funções enquanto bolsista no projeto de extensão “*Coleção Mossoroense: incentivo à leitura por meio da formação de bibliotecas*”, foi estabelecido o primeiro contato com as fontes que norteariam a pesquisa que vem sendo desenvolvida desde então. Projeto cuja finalidade foi catalogar o acervo da editora Coleção Mossoroense, com o intuito de formar *kits* para doações em Instituições de Ensino Superior do país.

No decorrer do processo de catalogação, a extensa quantidade de obras publicadas por certo ‘Raimundo Nonato’² e o até então desconhecimento completo da sua figura, fez despertar o interesse em investigar mais a fundo o autor e a extensa bibliografia publicada por

¹ Discurso proferido por Raimundo Nonato na solenidade em homenagem aos seus 80 anos.

² Este que será devidamente apresentado ao longo do primeiro capítulo.

ele. A pesquisa inicial acabou por culminar na feitura do trabalho de monografia, intitulado “*Varal das memórias: o Oeste Potiguar na obra de Raimundo Nonato*”³, sob a orientação do professor Me. João Maurício Gomes Neto⁴. A monografia se propôs a analisar o modo como a narrativa de Raimundo Nonato construiu representações acerca da região Oeste Potiguar. Cujo foco de análise foi o livro *Memórias de um Retirante* (1987a)⁵, no qual narra com riqueza de detalhes, as paisagens, os indivíduos e costumes encontrados por ele no decorrer da sua trajetória de migrante da seca de 1919, aos espaços destinados aos intelectuais do Estado do Rio Grande do Norte.

O breve espaço de tempo para a confecção do trabalho monográfico resultou em questões que ficaram em aberto. De modo que, as reflexões dele oriundas, desdobraram-se em questionamentos que trouxeram ao atual ponto de investigação. A principal questão que nos causou inquietação foi justamente pensar as lacunas existentes em torno da espacialidade tão contemplada por Raimundo Nonato no decorrer dos seus livros: o Oeste Potiguar. Afinal, qual a teia histórica e historiográfica que compõe esta região? Por que o autor se dedicou a escrever uma coleção de memórias capaz de significar o tempo e espaço desta espacialidade? Estes foram alguns dos questionamentos iniciais, mais centrados no entendimento da construção histórica do espaço, que embora não tenham sido deixados de lado, ganharam novos contornos, conforme avançávamos nas disciplinas do mestrado e nas conversas dadas em orientação.

Logo de início, trabalhamos com a hipótese que compreendia os escritos produzidos por Raimundo Nonato como parte de uma cultura editorial em torno da editora Coleção Mossoroense. Esta, que contava com o engajamento de inúmeros intelectuais potiguares, através de um projeto político e intelectual que projetava a cidade de Mossoró como centro regional. O envolvimento em tal projeto escriturário fez com que atuasse para estimular a produção e divulgação de conhecimentos sobre Mossoró e o Rio Grande do Norte como um todo. A cidade passou a despontar a partir do final da década de 40, como referência em

³ MORAIS, Hélia Costa. *Varal das Memórias: O Oeste Potiguar na obra de Raimundo Nonato*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Departamento de História. – Mossoró/RN, 2013.

⁴ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista UNESP/Franca e professor do departamento de História da Universidade Federal de Rondônia/UNIR.

⁵ A primeira edição data de 1957.

termos de produção cultural e científica – enquanto capital da região Oeste –, e para tanto precisou promover a tessitura em torno desta espacialidade.

Embora seja uma discussão relevante e que perpassa a nossa investigação, não será o nosso foco de análise pensar propriamente o projeto político da editora Coleção Mossoroense. Mas, entender o lugar que a escrita de Raimundo Nonato ocupa dentro deste. A intenção é compreender os traços simbólicos que fizeram com que a sua escrita tivesse papel de relevância na construção de um passado para o Oeste Potiguar. Averiguando os meandros que possibilitaram a afirmação de uma Cultura Histórica para o Oeste e a influência de Raimundo Nonato neste processo. Por esse motivo, será inevitável atentar ao lugar institucional no qual estava inserido quando escreveu a sua coleção de memórias.

Sendo assim, num primeiro momento buscaremos nos aproximar da sua trajetória de vida pessoal, intelectual, em articulação aos espaços políticos e sociais aos quais se vinculava. Em seguida, o intuito será refletir acerca do modo como as categorias *tempo* e *espaço* aparecem na construção da sua narrativa em torno do Oeste Potiguar. Compreendendo a maneira como este espaço foi utilizado a fim de monumentalizar o passado, atentando ao processo seletivo da memória enquanto elo ordenador da dialética lembrança/esquecimento. Ou seja, o processo que decide o que deve ser lembrado e o que se deve esquecer. Admitindo, portanto, que Raimundo Nonato atuou consciente ou inconscientemente, como membro e artífice em um processo que representou uma forma de consciência histórica na produção de um passado para a espacialidade em questão.

Pensando na tessitura desta escrita, sob uma teia memoriosa, se dá o cerne da nossa problematização, que reflete: de que maneira as representações narrativas da escrita de Raimundo Nonato ajudam a construir uma Cultura Histórica em torno do passado do Oeste Potiguar? Em que medida esta escrita se relaciona com a Cultura Historiográfica da sua época? E de que maneira a sua narrativa memorialística e histórica contribui no processo de construção do tempo e espaço regional?

Esta investigação passará, portanto, pelo entendimento da construção histórica e historiográfica em torno do tempo e espaço do Oeste Potiguar. A fim de aferir as condições de sua emergência e a rede de interesses que possibilitou a sua produção e legitimação identitária. Para tanto, tomamos como fonte a produção intelectual de Raimundo Nonato centrada na coleção *Minhas memórias do oeste potiguar*, que conta com cerca de 35 volumes

publicados pela Coleção Mossoroense, entre as décadas de 1980 e 1990 – período ao longo do qual se estende o nosso recorte temporal.

Ao avaliarmos a amplitude das fontes e realizar uma leitura mais detalhada destas, metodologicamente optamos por selecionar alguns volumes⁶, dentre os que compõem a coleção. O critério se pautou em analisar os livros que responderiam mais diretamente aos nossos questionamentos, ou seja, que ajudassem a pensar o tempo, o espaço e os personagens do Oeste Potiguar. Por esse motivo, levamos em consideração a repetição de alguns artigos e personagens/descrições com perfis semelhantes no decorrer da coleção, de modo que buscamos abarcar a maior diversidade de narrativas possíveis, na tentativa de compor a maneira como se reporta ao passado e auxilia na elaboração de uma cultura histórica em torno deste. Além do que, seria problemático esboçar uma análise acerca do conjunto completo das fontes, haja vista o risco de promover uma análise superficial e reducionista.

Ao longo das *Minhas memórias do oeste Potiguar*, Raimundo Nonato narra sujeitos que encontrou e espaços pelos os quais passou, numa narrativa que muito se confunde à sua trajetória individual. Mas, que é capaz de revelar a constituição espacial e temporal de lugares já distantes do seu contexto, de modo a esclarecer aspectos que os constituíram historicamente. Costumes, experiências compartilhadas individual e coletivamente, hábitos e pensamentos típicos da memória coletiva local são narrados como se representassem o passado comum dos lugares e sujeitos descritos por ele. Este varal de memórias não abriga apenas aspectos e impressões individuais do autor, mas singularidades expressas nas relações

⁶ NONATO, Raimundo. *O país de Mossoró - minhas memórias do oeste potiguar* - Coleção Mossoroense: série “C”, vol. 808 – 1992b; *As andanças de um cambiteiro de cana - minhas memórias do oeste Potiguar*. Coleção Mossoroense, 1992a; *O Romeiro do “30 de setembro” viagens do Rio de Janeiro a Mossoró presença nas sessões das “noites da cultura”*, vol. 20 - minhas memórias do oeste potiguar - Coleção Mossoroense, 1991b; *A Janela do Tempo Memórias de Meus Remotos Dias* – Col. Mossoroense, série C, vol. DCCXXXII, 1991a; *Reencontro com as imagens do tempo I* - minhas memórias do oeste Potiguar, vol. 16 – Coleção Mossoroense, 1990a; *Reencontro com as imagens do tempo III* - minhas memórias do oeste Potiguar, vol. 16 – Coleção Mossoroense, 1990b; *Vidas errantes - Minhas memórias do Oeste Potiguar*. Coleção Mossoroense. ESAM/FGD, 1989a; *Relembranças do tempo e da vida* - minhas memórias do oeste Potiguar, vol. VII - Coleção Mossoroense, 1988b; *Conversa a luz das piracas*.- minhas memórias do oeste Potiguar. Coleção Mossoroense. ESAM/FGD, 1988c; *Estrangeiros e Mossoró*. vol. 8 - minhas memórias do oeste potiguar - coleção mossoroense, 1988d; *As miragens da estrada do sal* - minhas memórias do oeste potiguar vol. 5 - coleção mossoroense, 1988e; *Memórias de um Retirante* - Minhas Memórias do Oeste Potiguar. 2ª edição - Coleção Mossoroense, 1987a; *Os arrancadores da arca da botija* - minhas memórias do Oeste Potiguar. ESAM/FGD, 1989b; *Entre sol e poeira* - minhas memórias do oeste potiguar vol. 2. Coleção Mossoroense, 1987b. *Varal das memórias* - minhas memórias do oeste potiguar vol. 4 - coleção mossoroense, 1988f; *Quando cai o nordeste* - minhas memórias do oeste potiguar vol. 3 - coleção mossoroense, 1988g; *Diocese de Santa Luzia de Mossoró* - minhas memórias do oeste potiguar - coleção mossoroense, 1988h.

sociais, culturais e políticas estabelecidas em seu entorno. A sua narrativa atua como uma base que descreve e inscreve maneiras de significar representações em torno do tempo e espaço através de artimanhas que conduziram a produção dos espaços e sujeitos.

Também faremos uso da correspondência⁷, *ativa* e *passiva*, dada dentro do recorte temporal proposto, a fim de melhor entender a sua rede de sociabilidade. Pois, as cartas figuram como artefato cultural capaz de revelar práticas sociais e culturais através dos escritos trocados com os sujeitos envoltos no pacto epistolar⁸. A troca missiva deve ser compreendida enquanto modo de realização da cultura escrita, posto que as práticas de correspondência se articulam a um universo mais amplo de práticas culturais (GASTAUD, 2009). É válido salientar que os trechos a serem citados, oriundos de publicações em jornais, também foram retirados da sua coleção de memórias, não tendo sido uma pesquisa realizada empiricamente nos jornais referenciados.

Para tanto, utilizamos como principais suportes teóricos o diálogo com o historiador Michel de Certeau (1982) e o seu conceito de *lugar social*, com o intuito de pensar a escrita de Raimundo Nonato como parte de uma formação social capaz de qualificá-la como produto de um lugar institucional. Sendo este lugar indispensável ao entendimento da produção das suas narrativas, haja vista ser condicionado por determinadas particularidades políticas, econômicas, sociais e culturais, com base nas quais os métodos e interesses de escrita e pesquisa são instaurados.

O historiador francês Jean-François Sirinelli nos auxilia duplamente, primeiro através do conceito de *intelectual*, que conta com uma definição em torno de duas acepções; a primeira mais ampla em torno de uma perspectiva sociocultural, que entende por intelectuais os criadores e os “mediadores” culturais. Já a segunda baseia-se no engajamento social, de modo que o intelectual é entendido a partir do papel de intervenção que assume na sociedade. Assim, pensar em Raimundo Nonato enquanto intelectual é considerar a sua atuação enquanto “mediador cultural” por meio da sua condição tanto de professor, escritor, jornalista, jurista; quanto o seu engajamento social com os membros de instituições que compõem essas esferas.

⁷ As cartas utilizadas no decorrer deste trabalho podem ser encontradas tanto dentro da Coleção de memórias aqui utilizada como fonte; quanto no livro *Apostila do afeto* de Raimundo Soares de Brito (1986) e *Cartas de amizade a Raimundo Nonato* de Lauro Escóssia (1990).

⁸ O pacto epistolar diz respeito ao “receber, ler, responder e guardar cartas” (GOMES, 2004: p. 19).

Num segundo momento, Sirinelli contribui ao se referir às *estruturas de sociabilidade*, que se constituem como ferramentas para a compreensão de como se dá a organização e a dinâmica dentro do campo intelectual, segundo o qual “todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (SIRINELLI, 2003: p. 248). Tal noção será imprescindível para pensar o espaço de troca cultural no qual o nosso personagem se inseria. Aqui, nos referimos mais particularmente ao grupo de intelectuais ligados à editora Coleção Mossoroense⁹. Entendendo que o envolvimento no projeto escriturário da editora os permitia atuar enquanto criadores e mediadores culturais, operando na sociedade através de um lugar de produção e divulgação de conhecimento. Cujos debates intelectuais partilhavam de uma lógica que utilizava de valores comuns, sejam eles científicos, ideológicos, morais, etc.

A noção de *campo intelectual* formulada por Pierre Bourdieu (2002) é basilar ao sugerir uma análise do meio no qual se estabelecem os intelectuais e suas práticas escriturárias, considerando as relações de disputas dentro dos espaços sociais. Outra contribuição importante de Bourdieu é o conceito de *capital simbólico*, que atenta ao modo como os agentes sociais posicionam-se e utilizam-se de capitais, sejam eles econômicos, culturais ou sociais, se valendo deles para definir hierarquias e construir relações arquitetadas de maneira a legitimar uns aos outros.

O conceito de *comunidades imaginadas*, formulado por Benedict Anderson (2008), nos auxilia de maneira singular, pois nos permite pensar a espacialidade Oeste Potiguar não no sentido de ser uma comunidade legítima ou não, mas buscando aferir a maneira como é imaginada por seus membros. Anderson atenta que “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo como são imaginadas” (2008: p. 33). Assim, interessa-nos perceber os substratos culturais envoltos no seu processo imaginativo de significação e pertencimento. A intenção é compreender a maneira como se cria uma narrativa identitária para o Oeste, dotando-o de significado, como uma comunidade, que por meio dos escritos se firma simbolicamente no imaginário coletivo.

⁹ Editora criada em 1949, na cidade de Mossoró (RN), por Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, que objetivou reunir e publicar documentos, pesquisas e textos nos campos da política, história, etnografia, ciências agrárias, etc. O projeto tinha sob pano de fundo a cidade de Mossoró, a mesorregião do Oeste Potiguar e o Nordeste como um todo.

Por último, elencamos os dois principais conceitos nos quais centramos a compreensão deste trabalho: são os conceitos de *cultura história* e *cultura historiográfica*.

O contato com novas leituras, as discussões instadas ao longo das disciplinas do mestrado e até mesmo o reordenamento na nossa maneira de compreender o próprio conceito de História nos aproximou mais intimamente do conceito de *cultura histórica*. Conceito este, que rege a área de concentração do presente programa de pós-graduação e que veio “dar luz” a boa parte das lacunas conceituais desta pesquisa ao alargar as bases de compreensão das fontes aqui utilizadas. Como alerta a historiadora Rosa Godoy Silveira, trata-se de um conceito “circular e redundante em sua substantivação e em sua adjetivação”, por esse motivo adotamos uma linha de pensamento semelhante ao que ela propõe ao relacionar a “Cultura Histórica em suas relações com as territorialidades e representações e o que deve ser considerado em tais relações” (SILVEIRA, 2007: p. 42).

No que concerne à maneira como operacionalizamos tal conceito, temos como base as reflexões do historiador Hans-Georg Gadamer (2009) acerca da consciência histórica. Que se refere à tomada de consciência sobre a historicidade humana, segundo a qual, “ter senso histórico é superar de modo consequente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual” (GADAMER, 2009: p.18). Entendemos que a cultura histórica diz respeito à maneira como voltamos o nosso olhar sobre o passado; à produção do conhecimento histórico, que surge como uma consciência humana sobre o tempo, capaz de dar percepção tanto sobre o passado, o presente, quanto sobre o futuro enquanto possibilidade de realização.

Já a *cultura historiográfica* pode ser compreendida como a maneira como os historiadores e historiógrafos se utilizam de certos modos de escrever, matrizes teóricas e paradigmáticas em voga em determinado período. Como afirma o historiador Astor Diehl (2009: p. 227), a cultura historiográfica tem a ver com os interesses e o arcabouço teórico que circundam as estruturas narrativas contidas nas representações sobre o passado. Assim, quando nos referimos ao conceito de cultura historiográfica, estamos tratando “do *topoi* interpretativo do conhecimento histórico”, que diz respeito ao “espaço da experiência na qual nós exercitamos um conjunto de estratégias para interpretar a própria cultura histórica, individual ou coletiva, seja ela feita por profissionais da área ou feita por não profissionais da área”.

Assim sendo, ambos os conceitos são utilizados de modo imbricado, de maneira a complementarem-se. O objetivo é refletir acerca da cultura historiográfica que influencia na escrita de Raimundo Nonato: ele converge, diverge, perpetua uma tradição historiográfica? Aprioristicamente, supomos que tenha se engajado na tradição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) – enquanto membro de uma de suas seções regionais, o IHGRN. De modo que, é preciso refletir se a sua escrita sobre o passado do Oeste Potiguar, comunga com a concepção que se tem sobre a escrita da história daquele período. Assim, a fim de melhor compreender o momento no qual se inseria na historiografia nacional e o modo como esta veio ou não contribuir nos relatos que o ajudaram a construir uma cultura histórica para o Oeste.

Busca-se com isso, romper um pouco com a ideia de que somente os profissionais da academia têm a ver com a produção de conhecimentos e sentido sobre o passado. Ao contrário, o exercício de “reconstituição do passado” por meio da cultura histórica está ligado ao modo como voltamos o nosso olhar sobre o tempo. Podendo, pois, ser realizado tanto por profissionais ou não. Isso porque, o exercício que cada indivíduo realiza ao olhar para o seu próprio passado, é uma forma de produzir cultura histórica, mesmo que de modo individual (DIEHL, 2009).

No primeiro capítulo, *“No caminho das letras”*: *trilhando um lugar para si* procurou-se refletir sobre os passos percorridos por Raimundo Nonato em direção ao mundo das letras, demonstrando o meio intelectual no qual estava inserido e o modo como este lugar de produção pode ter contribuído na sua narrativa sobre o passado. O intuito é situar a sua escrita no espaço e no tempo.

No segundo capítulo, *O “país de Mossoró”*: *a cidade como centro regional*, a intenção é historicizar o Oeste Potiguar no espaço e o tempo, visando pensar as influências exercidas pela escrita de Raimundo Nonato no processo de constituição desta espacialidade, bem como de um passado para esta. Sendo imprescindível, portanto, refletir acerca do imbricamento entre as instâncias tempo, espaço e homem na composição das suas memórias. Aqui também se dão as primeiras reflexões em torno das representações narrativas produzidas por sua escrita sobre o passado do Oeste Potiguar e suas relações com a cultura histórica.

No terceiro capítulo, *“Minhas memórias do Oeste Potiguar”*: *a escrita Nonateana*, procuraremos inserir Raimundo Nonato dentro da Cultura Historiográfica do seu lugar de escrita, buscando perceber como esta contribuiu, ou não, na constituição da sua narrativa. A

fim de perceber em que medida os seus critérios e compreensão da produção do conhecimento histórico comungava ou diferia da maneira de se conceber história ora em voga.

2. “NO CAMINHO DAS LETRAS”¹⁰: TRILHANDO UM LUGAR PARA SI

As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências (THOMSON, 1997: p. 57).

Raimundo Nonato da Silva¹¹ nasceu em 18 de agosto de 1907, na cidade de Martins¹², estado do Rio Grande do Norte. Filho do casal de lavradores, João Cardoso da Silva e Ana de Lima e Silva, aos 12 anos de idade mudou-se para a cidade de Mossoró durante a seca de 1919¹³. E, junto a uma leva de migrantes, rumou em busca de meios de subsistência. Ao longo de suas memórias descreve paisagens físicas e sociais que fizeram parte da sua trajetória e foram responsáveis por fazê-lo deixar a sua terra-natal – em suas palavras – à procura “de novos dias e de outras esperanças” (NONATO, 1987a: p. 44).

Sobre a sua infância no sítio Trincheiras, nos arredores da estrada da Serrinha em Martins, relata:

Ali, a bem dizer, não cheguei a ter infância, nem conhecer a mocidade, pois mal abri os olhos, para o mundo, fui logo atirado aos rudes afazeres do campo, do trato da terra, da vida solta no meio agreste de uma natureza madrasta, onde o sol já me encontrava nos baixios, cambitando olho de cana, num jerico sonolento e lerdo, botando lenha do mato para a fornalha, quando não ficava rodando, ao pé dos arrancadores, juntando mandioca, num balaio, para levar à casa de farinha (NONATO, 1987a: p. 13).

A sua descrição não se refere a uma realidade exclusiva a ele, mas à de muitos outros meninos do sertão, que começam a trabalhar desde muito cedo no “agreste de uma natureza

¹⁰ É como nomeia o tópico no qual descreve os caminhos trilhados à vida escolar (NONATO, 1987a).

¹¹ Optamos por nos reportar a ele, na maior parte das vezes, apenas como Raimundo Nonato, uma vez que é assim que assina os seus livros e é o modo como ficou conhecido no meio intelectual.

¹² Município localizado no interior do Estado do Rio Grande do Norte, a uma distância de 380 km da capital - Natal -, e 144 km da cidade de Mossoró. Possui uma área territorial de 169 km² e, de acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - no censo 2010, sua população é de 8. 228 habitantes. Com uma altitude de mais de 700 metros acima do nível do mar, é famosa pelo clima ameno, em contraste ao clima semiárido predominante nos outros municípios do interior do estado.

¹³ Os efeitos desta seca foram devastadores, sobretudo, no sertão pernambucano. Provocando aumento no êxodo rural na região Nordeste. A pressão em torno do Congresso Nacional se intensificou por meio da imprensa, enquanto a opinião pública exigia a intervenção do governo. Como isso, em 17 de março de 1920 foi regulamentada a Caixa Especial de Obras de Irrigação de Terras Cultiváveis do Nordeste Brasileiro, destinadas a custear as despesas na construção e conservação de obras necessárias à irrigação, mantida com 2% da receita tributária anual da União.

madrasta” a qual pertenciam. O relato contempla cenários vividos durante as secas¹⁴ que assolaram a região Oeste Potiguar – e o Nordeste como um todo –, e que foram responsáveis por um grande aumento no êxodo rural. Aqui se inclui como exemplo o próprio Raimundo Nonato, vejamos o que narra sobre a sua mudança do sítio para a cidade de Martins:

[...] na verdade, essa mudança era apenas de aparência, pois as razões fundamentais permaneciam irremovíveis, as dificuldades sempre se acumulando dia a dia, os problemas sem meio de solução. A luta toda consistia em sobreviver, quase por um instinto irracional. Assim, a mudança do sítio para a rua em nada modificou o plano da minha vida, que não tinha deixado de ser o que era: pobre, esquecido, abandonando (NONATO, 1987a: p. 22).

Fugindo dessa conjuntura, caminhou “numa distância aproximada de três léguas”, por uma estrada “alegrada pelo desusado movimento dos comboieiros, pela conversa, vozear e gritos daquela gente, que vinha de todas as partes” (NONATO, 1987a: p. 44). E, mesmo passados 60 anos afirma que pode “reconstituir os acontecimentos, como os presenciei, naquela manhã da chegada em Mossoró, a 6 de julho de 1919” (NONATO, 1987a: p.10). Neste trecho é possível perceber que a sua narrativa pretende relatar acontecimentos tal como aconteceu, imbuído pela “força do testemunho”, que é algo a ser problematizado no decorrer deste trabalho.

Sobre a Mossoró encontrada em 1919, o seu relato promove descrições para além dos aspectos que definem os seus elementos paisagísticos, também refletindo sobre a posição de destaque que ocupa diante dos municípios ao seu entorno:

Do mirante improvisado, podia observar o intenso movimento das ruas, com a circulação de numerosos animais que formavam os comboios, os tropeiros que conduziam essas peças pelas estradas, algumas em grande número, que transitavam pela frente daquela moradia, pois por ali se estendia a estrada tronco que ligava Mossoró a muitos lugares do alto sertão nordestino. [...] a estrada toda era alegrada pelo desusado movimento dos comboieiros, pela conversa, vozear e gritos daquela gente, que vinha de todas as partes, demandando de todos os sertões **à procura da cidade que era ainda o vasto celeiro comercial, centro abastecedor de interior de vários Estados Nordestinos através do volume de suas operações mercantis** (NONATO, 1987a: p. 41-44, grifo nosso).

¹⁴ Voltaremos a nos referir mais adiante ao “discurso da seca” praticado por Raimundo Nonato e os seus contemporâneos.

O trecho acima denota a maneira como a cidade de Mossoró surge em sua narrativa. Sempre sendo ressaltada a sua posição de liderança e poderio comercial diante dos municípios ao seu entorno e, em outros momentos, até ultrapassando o limite estadual. A sua coleção de memórias também carrega consigo minúcias e traços que dizem respeito às ruas e aos estabelecimentos comerciais de Mossoró e municípios do Oeste Potiguar. No trecho seguinte, numa espécie de reconstituição dos cenários pelos quais passou, detalha as primeiras ruas avistadas ao chegar à cidade, trata-se do bairro Alto da Conceição:

Aquela época, o Alto da Conceição, primitivo Alto dos Macacos, que o professor Manuel Antônio mudara o nome com a invocação da Padroeira que lhe dirigia os destinos espirituais – N.S da Conceição – não passava de um pequeno arruamento, de um casario rústico, a maioria de taipa, sem reboco e de beira e bica, que derivava da frente da capela para o centro urbano, com uma rua muito comprida, toda esburacada e com alguns raros pés de tamarindos que deitavam sombras nas calçadas (NONATO, 1987a: p. 11).

Nos primeiros anos em Mossoró acabou por desenvolver diversas ocupações, dentre as quais, foi lavador de pratos, varredor de hotel, ajudante de bodega e engraxate no Mercado Público Municipal, “tentei com os Apolinários, com Aristides Rebouças e Antônio Costa, [...] esforço de todo inútil, pois não havia vaga, nem eles confiavam na possibilidade do meu rendimento” (NONATO, 1987a: p. 48):

Frente a esses contratempos, impossibilidades, desenganos, e sem que outra perspectiva apontasse melhores esperanças, é que surgiu aberta, quase por obra do acaso, a possibilidade da caixa de engraxate, ocupação das mais humildes, por onde tive de abrir caminhos, perdido na luta absorvente do gigantesco empório comercial daqueles dias, que era a cidade de Mossoró. [...] com uma velha caixa de engraxate, que fora de Benjamin de João Inácio, penetrei nesse mundo encardido das escovas e das latas de graxa, começando com os sapatos de um vendedor de bugigangas, que além de não pagar o serviço, findou dizendo que aquilo estava uma porcaria, uma sujeira, que não valia nada. [...] O resultado econômico do trabalho é que era irrisório, pois nunca cheguei a fazer dois mil réis por dia... (NONATO, 1987a: p. 51-55).

Acima, é possível ter ideia de como se encaixavam os migrantes vindos de lugares distantes em busca de oportunidades de trabalho. Nem sempre era fácil conseguir emprego, como muitos imaginavam, e a vida continuava sem muitas oportunidades de ascensão social. Neste contexto, marcado por dificuldades, o Mercado Público de Mossoró parece ter exercido influência significativa sobre a vida de Raimundo Nonato. São recorrentes os relatos, ao longo

das suas memórias, das experiências ali vivenciadas, dando a compreender que este era para ele um *lugar significado*¹⁵:

O mercado de Mossoró é que me fez cair o queixo. Não podia nunca imaginar uma coisa daquela, acostumado como estava, com o prédio acanhado de Martins, que a gente só chamava de barracão. [...] Tudo era Mercado. Barracão era conversa de retirante, de bicho do mato. O movimento era intenso, e a gritaria dos marchantes, ensurdecadora. [...] O mercado de Mossoró foi alguma coisa que ficou pregada na minha vida pelo seu movimento, ramos de negócio e fisionomia de sua gente boa, simples e prestativa (NONATO, 1987a: p. 50-51).



Figura 1 – Mercado Público Municipal de Mossoró, em 1930. ¹⁶

¹⁵ Aqui fazemos referência ao geógrafo sino-americano, Yi-Fu Tuan (1983), ligado à geografia humanística, quando busca distinguir o espaço indiferenciado do lugar significado. Num processo de envolvimento geográfico do corpo com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem. Para ele, o lugar seria aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, integrado; é um espaço revestido de significados para alguém ou grupo de pessoas. É o "centro de significância ou um foco de ação emocional do homem" construído pela experiência. É um recorte antropológico do espaço (1983: p. 96-112).

¹⁶ Luís da Câmara Cascudo descreve o Mercado Público de Mossoró como um "pardieiro oscilante que infectava os arredores", prédio que funcionava desde 1877 e que passou por uma reforma substancial em 1907, cujo relatório do período definiu como "se não é uma obra prima no gênero, talvez seja o melhor dos mercados do Estado" (CASCUDO, 2010: p. 165). Como se dava comumente em outras cidades, este espaço exercia importante papel na vida da cidade no início do século XX. Pois, ali se davam as principais trocas comerciais do município, sendo responsável também por abastecer as cidades que dependiam dos seus produtos, que iam desde

Além de lhe proporcionar o emprego de engraxate, a sua presença no Mercado permitiu que pudesse observar determinadas transações comerciais, as figuras de destaque em Mossoró e região, e o modo como se dava a socialização dos grupos naquele espaço. E, de alguma maneira, isso pode ter o instigado a ascender socialmente, numa espécie de tentativa mimética do que lhe causava fascínio.

Naquela postura displicente, podia observar a passagem dos homens importantes de Mossoró, seus grandes comerciantes, as autoridades e as pessoas de destaque no seu mundo econômico. Àquela hora matinal, pelas esquinas iam-se formando grupos que discutiam sobre negócios. Quem primeiro chegava era Raimundo Leão, achando graça mesmo quando estava sozinho. Depois, era seu Delfino, sempre num H. J. impecável, de colete e de correntão; Coronel Mota todo de preto, baixo, olhando por cima dos óculos, fazendo caretas para o sol [...] e tantos e tantos nomes que emprestaram iniciativa e esforço ao desenvolvimento econômico e a atividade comercial da cidade. [...] professor Eliseu Viana, Coronel Vicente Martins, Cunha da Mota, Dr. Antônio Brasil, os quais reuniam ora na redação de “O Nordeste”, ora no “Mossoroense”, quando não em outros pontos e discutiam política, negócio, ou problemas da cidade (NONATO, 1987a: p. 61).

A descrição acima conta com nomes de importância que atravessavam o Mercado Público diariamente e as relações ali estabelecidas. Certamente tais detalhes só foram possíveis devido à distância temporal da qual Nonato escrevia. Uma vez que, constrói sua narrativa de um tempo distante, tendo conhecimento das relações políticas, econômicas e sociais dadas nos espaços públicos naquele período. O que certamente lhe possibilitou reflexões mais apuradas e descrições mais realistas acerca dos mesmos.

O “despertar” de Raimundo Nonato para as letras se deu por volta de 1920, quando passou a se socializar com os meninos na “pelada de rua” e se viu como o único analfabeto naquele meio. Àquela época, a educação era reservada aos possuidores de certo recurso financeiro, algo bem distante da sua realidade. Não será sem motivos, portanto, que manterá os laços criados neste período, considerando que estes farão parte de um processo que diz respeito à sua construção como sujeito notável.

Aquele serviço de ralas esperanças não conseguiu desviar minhas intenções de aprender a ler. Tanto assim que, à noite, cansado daquela luta, largava de casa para a Escola Noturna “Paulo de Albuquerque”, e só voltava depois de

carnes, frutas, verduras, cereais, entre outras utilidades. Além de se configurar num ponto de encontro onde se davam relações de sociabilidades entre os diversos sujeitos que compunham as camadas da sociedade.

duas horas de aula, onde realizava pequenos exercícios de leitura, escrita e conta. Antes, passara um mês soletrando a carta do A B C, na casa de D. Umbelina [...] D. Umbelina foi, de fato, minha primeira professora (NONATO, 1987a: p. 54).

Antes de prestar o exame para a Escola Normal, Raimundo Nonato precisou se alfabetizar na Escola Noturna Paulo de Albuquerque, na qual o ensino era o mais básico possível e, como diz acima, só constava de “leitura, escrita e conta”. A escola funcionou entre 1920 e 1921 enfrentando inúmeras dificuldades. De início funcionava em uma casa, mas devido à dificuldade financeira enfrentada precisou ser transferida para o prédio no Alto da Cadeia Pública de Mossoró, hoje, Museu Municipal Lauro da Escóssia. Nesta época, o prédio não dispunha de iluminação elétrica, porém, quando a Intendência Municipal conseguiu comprar seis faróis a querosene, Raimundo Nonato assumiu a função de abastecer e fazer a manutenção, cargo que lhe rendia dez mil réis por mês. Com isso, conseguiu pagar um curso de alfabetização mais adiantado durante o dia, pelo o qual pagava dois mil reis por mês.

As primeiras Escolas Normais surgem na primeira metade do século XIX, instaladas nas grandes cidades do país. No Rio Grande do Norte a pioneira, a Escola Normal de Natal, só foi fundada em 1908. Em Mossoró, a sua implantação se dá apenas em 1922, a partir da necessidade de formar novos professores que atendessem aos grupos escolares do interior do Estado. A escola normalista de Mossoró tinha um curso que inicialmente contava com a durabilidade de três anos. A sua instalação, contudo, não resolveu o problema da falta de professores devido à grande demanda da época. Sobre a sua chegada em Mossoró, Raimundo Nunes¹⁷ relata:

A criação da Escola Normal Primária de Mossoró despertou entusiasmo novo, no cenário da instrução. Homens responsáveis pelo destino administrativo, econômico e social da grande cidade interiorana, se entrosam com os educadores, na missão comum de arrebatar alunos, robustecendo a matrícula, na instituição nascente. Comissão composta das figuras mais representativas percorre ruas e bairros residenciais, fazendo apologia da Escola e estimulando os pais a prestigiarem o estabelecimento de ensino, encaminhando os filhos, na jornada educacional que se inaugura. Não visitaram, naturalmente, a residência de Raimundo Nonato, nem tão pouco, poderiam fazê-lo, porque ela não existia. Seu mundo, agora era a bodega de

¹⁷ Raimundo Nunes era médico oftalmologista, escritor, amigo e conterrâneo de Raimundo Nonato; responsável por apresentar a segunda edição do livro *Memórias de um Retirante* (1987).

Virgílio Barboza, no mercado público, onde ganhava o pão de cada dia, amassado na persistência de 10 horas de trabalho (NONATO, 1987a: p. 9).

Neste mesmo período, Mossoró já dispunha de algumas escolas formais, como o Colégio Diocesano Santa Luzia, de 1901, cujo ensino secundário era privado e destinava-se aos alunos do sexo masculino; O Grupo Escolar “30 de Setembro”, criado em 1908, passou a funcionar em 1909 e foi implantado durante o governo de Alberto Maranhão, com o intuito de expandir o sistema educacional nas cidades do interior do RN – por esse motivo, destinava-se a atender crianças e jovens de baixa renda; já o Colégio Sagrado Coração de Maria, que data de 1912, tinha caráter religioso, privado e voltado à educação feminina.

Este contexto foi marcado pela falta de iluminação pública em Mossoró, que embora contasse com energia elétrica desde meados de 1916, não a ofertava a todos, mas apenas aos que dispunham de recursos para obtê-la. E, mesmo assim, ainda era de baixa qualidade. Deste modo, muitos dos alunos que moravam em bairros distantes tinham dificuldades para se deslocarem às escolas.

O contato inicial de Raimundo Nonato com as letras foi suficiente para iniciá-lo nas primeiras leituras, como: a “série de Felisberto de Carvalho”, Cassimiro de Abreu com “Meus Oito Anos”, “O Coração”, “O Naufrágio” e “Dos Apeninos aos Andes” de Edmundo de Amicis e a “História do Brasil” de Rocha Pombo (NONATO, 1987a: p. 74-75). Conta ainda sobre as horas passadas nas prateleiras da Livraria Cruz & Irmãos, de “seu Tião Cruz”, que descreve como os “melhores dias daquele passado distante e disperso [...] ele me emprestava os livros para a leitura noturna, à luz fumarenta de uma lamparina, no bairro pobre da Baixinha, depois de um dia de lutas, numa bodega do mercado público”, confessa ter aprendido a ler de fato por meio dos cordéis encontrados nesta época (NONATO, 1987a: 89-90). Em trecho intitulado por ele como “Imagem do tempo”, completa:

Hoje, revendo o tempo passado, não tenho idéia de outra influência mais envolvente e duradoura do que a que sobre minha existência, até então sem denominador comum, exerceu aquela casa de livros, perdida numa distante cidade o sertão. Em seu meio, [...] ficava horas, absorto, preso ao poder do seu estranho domínio [...] na convivência daqueles amigos silenciosos, vagava tempo sem conta, indiferente aos passos e ao sussurro dos que entrava e saíam (NONATO, 1987a: 91).

Outro contato ávido com a leitura deu-se quando passou a trabalhar como bibliotecário na Liga Operária¹⁸, onde também tinha aula – posteriormente também se tornou membro da sua diretoria. A biblioteca por ele denominada, “a menina de meus olhos”, o ajudou a ampliar o seu leque de leituras:

Dessa temporada, conto largas horas de convivência, na biblioteca da sociedade, onde se encontravam excelentes livros. Foi, aí, que vi, pela primeira vez, o livro de Euclides da Cunha, OS SERTÕES; e, seguidamente, O RIO GRANDE DO NORTE, de Tavares de Lira; HISTÓRIA DO BRASIL, de João Ribeiro; os romances de José de Alencar; a coleção de Coelho Neto; TERRA DE SOL, de Gustavo Barroso; livros de Antônio Tôrres, de Eça de Queiroz, de Alexandre Herculano, de Rui Barbosa e outras celebridades, no mundo das letras (NONATO, 1987a: p. 82).

Voltando ao exame para a Escola Normal, o seu destaque no teste de História lhe rendeu a dispensa nas chamadas para as outras disciplinas e, assim, deu-se o seu ingresso oficial no mundo das letras, em 1922.

A história correria toda a cidade. Engraxate aprovado com notas boas, no exame de admissão da Escola Normal. Lá estava Raimundo Nonato, numa convivência, ocasionalmente, selecionada com a juventude favorecida pela tradição de família e conservantismo de preconceitos (NONATO, 1987a: p. 10).

Raimundo Nonato concluiu o curso na turma de 1925, como o primeiro aluno na classificação de notas¹⁹, “daí, um grande salto no desconhecido. O passado acenava como uma sombra na curva do esquecimento. A vida ia recomeçar. Era o rumo do sem fim...” (NONATO, 1987a: p. 170). A partir de então lecionou e dirigiu grupos escolares em cidades como Mossoró, São Miguel, Serra Negra, Apodi e Natal. Em 1950, concluiu o Curso Clássico no Atheneu Norte-Rio-Grandense; Em 1955 tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Alagoas, sendo posteriormente nomeado juiz na comarca de Apodi, em cuja função se aposentou. Em 1987, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Fundação

¹⁸ Fundada em 10 de abril de 1921, entidade com fins beneficentes e de caráter mutualista, que aos poucos começou a enveredar no caminho da defesa das condições de vida e salário da classe trabalhadora local, servindo como base para a constituição posterior dos sindicatos.

¹⁹ Mesmo aprovado com êxito, ainda carregava consigo o estigma do menino pobre, engraxate e migrante. Exemplo disso é o fato de que alguns colegas de classe uniram-se para impedir que fosse orador da turma, com o argumento de que ele “não possuía representação social”, componente que aqueles oriundos de uma tradição familiar portavam naturalmente (NONATO, 1987a: p. 169).

Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN). Além disso, desenvolveu atividades na imprensa como redator dos jornais *O Correio do Povo*, *O Festeiro*, *O Correio Festivo*, *O Riso* e como colaborador em *O Trabalho*, *O Nordeste*, *A República*, *O Diário de Natal*, *A Ordem*, *A Folha da Manhã*, entre outros.

Mas foi a partir de 1949 que passou a dedicar-se à escrita, publicando o primeiro livro, “O Quarteirão da Fome”. Desde então, publicou cerca de 80 livros, entre os quais se destacam obras nos campos do romance, crônica, memória, etnografia, história, folclore, etc. Sua numerosa contribuição às letras o levou a se tornar membro de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL), o Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP), além de outras cuja atuação ultrapassa as fronteiras do estado, a exemplo da Federação das Academias de Letras do Brasil, Instituto Genealógico Brasileiro de São Paulo, Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, Associação Brasileira de Escritores, Sindicato dos Jornalistas Liberais da Guanabara e Sociedade Brasileira de Folclore. Raimundo Nonato mudou-se para o Rio de Janeiro em definitivo no ano de 1961, onde faleceu em 22 de agosto de 1993, aos 86 anos de idade.

Isto posto, é possível perceber que Raimundo Nonato foi um homem de vários lugares. Outrossim, manteve relação profícua com diversas instituições que compunham a elite intelectual potiguar, por vezes, a elite nacional. Sua produção e aproximação com os principais grupos de intelectuais do Estado fizeram com que, o menino migrante e analfabeto passasse a ser reconhecido como um dos maiores nomes da cultura regional. Cabe destacar que não ignoramos o fato de que escreveu partindo do olhar contemporâneo à sua escrita. Pois, o Raimundo Nonato escritor, jurista, memorialista, já não era o menino pobre e sem herança, mas um intelectual que se reportava da capital do Rio de Janeiro sobre assuntos, muitas vezes, distantes espacial e temporalmente, mas que tinham algum tipo de ligação com o seu lugar de fala no presente. Uma vez que não lembramos o passado tal como aconteceu, mas de acordo com as forças sociais que agem sobre nós no presente. Por isso, se faz preciso atentar ao modo como as relações do presente interferem nas lembranças narradas sobre o passado.

Como sugere o historiador Michel de Certeau (1982), o ato de escrever não deve ser entendido sem o arcabouço de significações que o envolve. Dessa forma, toda escrita parte do presente e baseia-se nas relações do lugar de onde se escreve, cabendo ao historiador chamar atenção às suas especificidades. Por isso, é importante compreender a escrita de Raimundo

Nonato como parte da formação social capaz de qualificá-la como produto de um lugar institucional ou como chama Certeau, de um *lugar social*. Este lugar se torna indispensável ao entendimento da produção da sua narrativa, haja vista ser condicionado por determinadas particularidades políticas, econômicas, sociais e culturais, com base nas quais os métodos e interesses de escrita e pesquisa são instaurados.

A partir deste ponto, buscaremos compreender e situar a sua prática escriturária levando em consideração a discussão acerca de como este indivíduo nos fornece elementos para entender a sociedade na qual estava inserido e levantava questões sobre o seu tempo. O estudo conduzido pelo o historiador francês Jean-François Sirinelli (2003) sobre a História dos Intelectuais será fundamental neste sentido, pois, segundo ele, diz respeito a “um campo histórico autônomo que, longe de se fechar em si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003: p. 232).

O conceito de intelectual é marcado por seu caráter polissêmico, de maneira que pensar a atuação de Raimundo Nonato esbarra nas reflexões que têm permeado este campo de estudo. Sirinelli propõe uma definição em torno de duas acepções acerca do conceito. A primeira mais ampla em torno de uma perspectiva sociocultural, que entende por intelectuais os criadores e os “mediadores” culturais, como é o caso dos jornalistas, escritores e professores, por exemplo. Já a segunda, baseia-se no engajamento social, de modo que o intelectual é entendido a partir do papel de intervenção que assume na sociedade, seja como ator social, testemunha ou consciência. As duas acepções podem e devem ser pensadas em conjunto, como se pretende fazer neste trabalho, pois, entendemos que a primeira acepção ajuda a legitimar a segunda. Afinal, é o saber que o indivíduo domina que o faz ser reconhecido por seus pares e permite que este intervenha na sociedade (SIRINELLI, 2003: p. 242-243).

O modo como Sirinelli concebe a noção de intelectual não se limita, portanto, às trajetórias dos “grandes” intelectuais, privilegiados pela História Política factual, ao contrário, o seu intuito é enveredar:

[...] até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política (SIRINELLI, 2003: p. 246).

Assim sendo, refletir sobre Raimundo Nonato enquanto intelectual é considerar o seu desempenho enquanto “mediador cultural” por meio da sua atuação tanto de professor, escritor, jornalista, jurista; quanto o seu engajamento social como membro de instituições que compõem todas essas esferas. Entende-se que faz uso dos dispositivos culturais e simbólicos presentes nos espaços institucionais nos quais se inseriu. A sua escrita, por sua vez, é um instrumento capaz de intervir na sociedade por meio da construção de memórias e narrativas responsáveis por tecer um passado para a espacialidade do Oeste Potiguar, auxiliando na constituição da sua identidade, como veremos ao longo do capítulo seguinte.

Torna-se claro que a trajetória individual do nosso personagem requer balizamento e, sobretudo, interpretação, por meio de uma análise dos “campos magnéticos” que atraem esses homens de letras (SIRINELLI, 2003), mas que evite perspectivas explicativas generalizantes e homogeneizantes. Para tanto, tentaremos esboçar, a seguir, as relações instituídas por Raimundo Nonato dentro do seu meio intelectual, o qual certamente vem a auxiliar na compreensão da sua produção escrita.

2.1. “Corrente da Amizade”: Raimundo Nonato e o seu microcosmo intelectual

Observada num ângulo estritamente cultural, a carta ainda é, aparentemente, um gênero literário de pouca divulgação. [...] daí, talvez, a razão do *notável silêncio* que cai sobre o destino da correspondência, afastando do conhecimento público o teor das mensagens trocadas entre amigos, por vezes, separados pela distância e pelo tempo. [...] Não foram elas, porventura, também, em todas as idades do homem, aqueles excelentes instrumentos de intercâmbio, de interrelacionamento das ideias e do pensamento mantidos entre pessoas, pelo tempo a fora, ao influxo desse admirável código ideográfico? De tudo, o que se evidencia é que as cartas vivem... (NONATO, 1991a: p. 61-62, grifo do autor).

O modo como os indivíduos se relacionam com os seus documentos é capaz de revelar não somente singularidades próprias, mas abarcar um conjunto de sinais que remetem à coletividade na qual estão inseridos. As cartas, os diários íntimos, as fotografias, os cartões postais, autobiografias e objetos materiais compõem este conjunto capaz de materializar a trajetória e particularidades de indivíduos ou grupos por meio de um “teatro da memória” que evidencia e dota de significado aquilo que julga digno de ser lembrado.

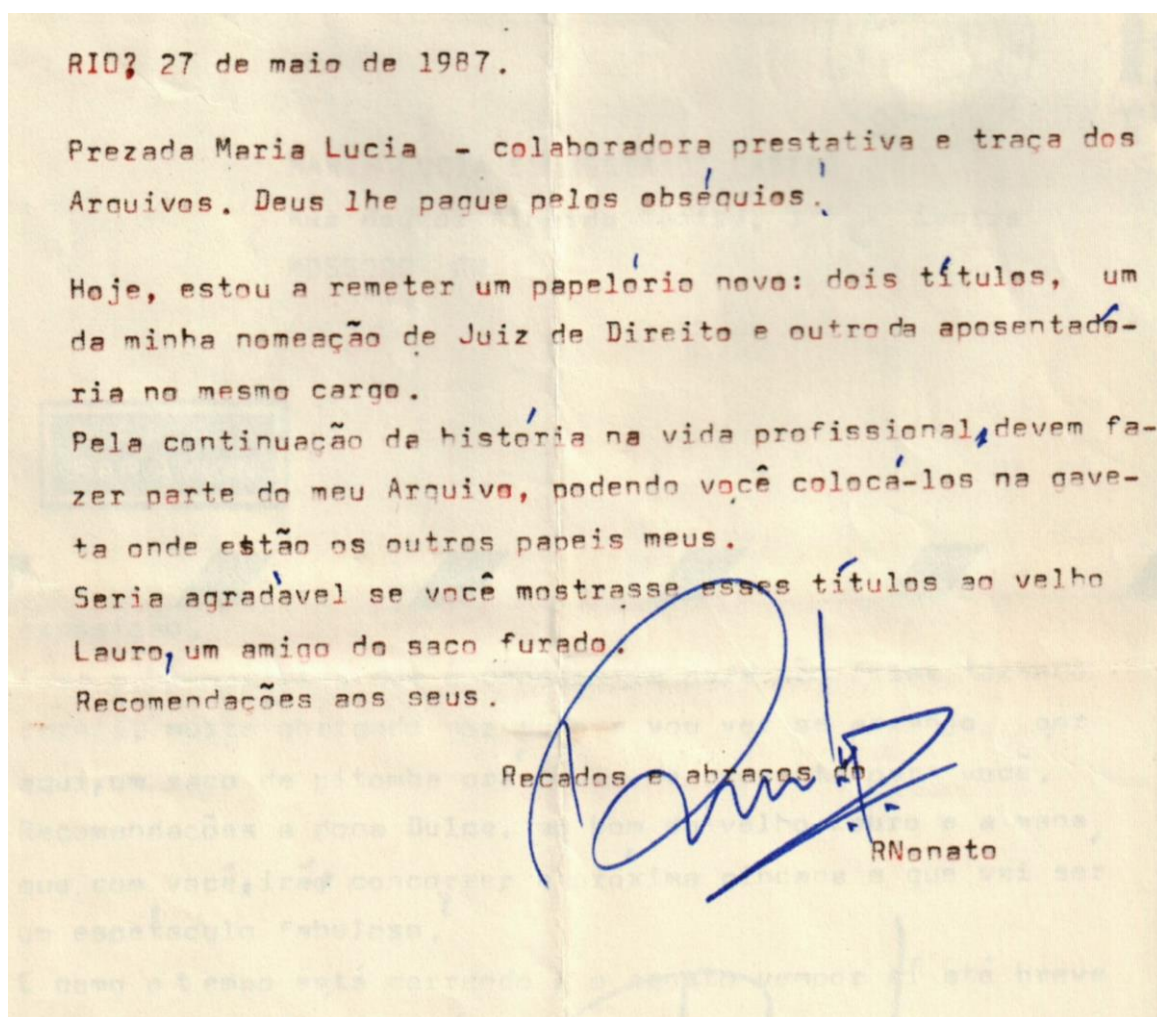
O elo que buscaremos estabelecer entre Raimundo Nonato e o seu meio social se dará através do uso de documentos do seu acervo pessoal, notadamente as correspondências. Num exercício que compreende a troca de cartas como artefato cultural capaz de revelar práticas sociais e culturais através de escritos trocados com os sujeitos envolvidos no pacto epistolar. Trata-se de uma prática que se configura enquanto modo de realização da cultura escrita e se articula a um universo mais amplo de práticas culturais, pois, o ato de escrever e trocar correspondências inclui tanto a produção de si, quanto a constituição de memórias e identidades individuais e coletivas.

Philippe Artières (1998) entende o arquivo pessoal como uma prática de arquivamento da própria vida, que seleciona, cataloga e, de certa maneira, configura uma espécie de coleção de si, carregada pelo desejo de criar uma autoimagem. Assim, entendemos o arquivo pessoal de Raimundo Nonato tanto como manifestação da sua escrita de si, visto que prezou por oferecer vestígios a respeito de como se enxergava e o modo como se projetava aos olhos dos outros, mas também enquanto elo com a rede de relacionamento mantida por ele. Curiosamente, possuía uma gaveta exclusiva no Museu Municipal Lauro da Escóssia, na cidade de Mossoró, para onde mandava periodicamente os seus arquivos, certificados, cartas, documentos, recortes de jornais, etc. Após a sua morte, os seus documentos pessoais restantes foram enviados do Rio de Janeiro à “gaveta da história”, como assim era denominada boa parte das vezes.

A “gaveta da história”, que dá nome a este trabalho, é algo que singulariza este personagem ao levantar inúmeras questões no que tange à importância dada ao arquivamento de si e a preservação das relações dadas naquele período. Alguém não possui uma gaveta no Museu Público de uma cidade por mera coincidência. Haja vista não ser um ato de arquivamento que partia exclusivamente dele, mas vê-se que havia outras pessoas que julgavam os seus documentos importantes para a história da cidade. Houve uma facilitação e digamos que um julgamento do que é considerado histórico, digno de ser lembrado. Sozinho não se reconheceria importante para a cidade de Mossoró, seria preciso que outros concordassem com a construção feita sobre si²⁰. Neste ponto cabe destacar também que, de fato, ele via a si mesmo como um homem público e, sobretudo, mossoroense. Uma vez que

²⁰ A responsável pelo acervo do Museu Histórico Lauro da Escóssia à época era Maria Lúcia Escóssia de Castro. Escritora, pesquisadora e historiadora mossoroense. Maria Lúcia era amiga de Raimundo Nonato, com quem trocava ativa correspondência, que também consta no acervo da gaveta.

Como exemplo dos documentos pertencentes a este acervo, abaixo segue uma carta capaz de demonstrar que mesmo em vida, Nonato já enviava os documentos pessoais ao Museu. Sendo possível notar duas curiosidades, a primeira é a sua preocupação com a construção pública da sua obra profissional ao enviar os “títulos”, que ele sabia que lhe conferiria autoridade cultural e simbólica. E, quando diz “pela continuação da história na vida profissional, deve fazer parte do meu Arquivo”, também denota o seu apego à história, como se quisesse enfatizar a consciência histórica presente no ato do arquivamento de si. A maneira como se reporta em inúmeras outras cartas de teor parecido, dá a ler que havia um desejo de “entrar para a história”.



RIO, 27 de maio de 1987.

Prezada Maria Lucia - colaboradora prestativa e traça dos Arquivos. Deus lhe pague pelos obséquios.

Hoje, estou a remeter um papelório novo: dois títulos, um da minha nomeação de Juiz de Direito e outro da aposentadoria no mesmo cargo.

Pela continuação da história na vida profissional, devem fazer parte do meu Arquivo, podendo você colocá-los na gaveta onde estão os outros papéis meus.

Seria agradável se você mostrasse esses títulos ao velho Lauro, um amigo do saco furado.

Recomendações aos seus.

Recados e abraços de
RNonato

Figura 3 - Carta enviada por Raimundo Nonato a Maria Lúcia, presente na “gaveta da história”.

A historiadora Angela de Castro Gomes (2004) afirma que a correspondência expande-se *pari passu* ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a construção de novos códigos de relações sociais e de intimidade. Para ela, a correspondência tem o poder de constituir simultaneamente o sujeito e o seu texto. Sendo elas impregnadas pelas concepções dos missivistas que as delineiam, não se configurando, portanto, como uma tarefa neutra, em que “o modelo de uma razão produtora escreve-se sobre o não lugar da folha de papel” (CERTEAU, 1994: p. 225). O mosaico que compõe a escrita epistolar é constituído por um repertório de diferentes palavras, modelos e conceitos que expressam o mundo exterior ao qual se remete. A epístola figura como um dos documentos mais intrigantes e complexos do arquivo pessoal:

[...] é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos —exteriores e interiores—, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro. [...] trata-se de um discurso geralmente marcado pelo cuidado no estabelecimento de relações pessoais. Ele pode combinar com grande facilidade o que vem do cotidiano/ordinário com o que vem do maravilhoso/extraordinário. De toda forma, é um espaço preferencial para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas (GOMES, 2004: p. 21).

Por isso, o seu estudo deve considerar tanto os correspondentes, as correspondências, quanto o contexto sobre o qual versam. Como reflete Bourdieu (1996), não há como compreender as trajetórias vislumbradas nas epístolas sem que tenhamos considerado os meandros estabelecidos no conjunto das relações nas quais se inseriam socialmente (p. 90). No caso das correspondências de Raimundo Nonato, pode-se dizer que estas nos revelam sociabilidades e familiaridades que nos abrem a possibilidade de apreender através da sua materialidade, as relações que marcaram as práticas culturais e sociais envoltas no seu período de produção e veiculação. Tomemos como exemplo a carta enviada por Lauro da Escóssia²¹ a Raimundo Nonato, na qual socializa a vida cotidiana mossaoroense:

²¹ Lauro da Escóssia se formou na Escola Normal de Mossoró no ano de 1925, na mesma turma que Raimundo Nonato. Lugar onde se originou grande amizade, consolidada com o passar dos anos. Lauro é neto do fundador do jornal *O Mossoroense*, criado em 1872, que circulou por via impressa até dezembro de 2015. Sendo ele o Diretor do jornal durante o período que sucedeu a ditadura militar, consagrando-se como um dos maiores nomes do jornalismo local. Podemos inferir que a amizade entre os dois possibilitou muitas das publicações de Raimundo Nonato no jornal *O Mossoroense*.

[...] Vai aí para você uma série de notícias. O petróleo é nosso. Só falta jorrar. A Petrobrás cavou 388 metros de chão a dentro naquele poço do Hotel Thermas que estava soltando um fiozinho do ouro preto, inutilizando uma de suas piscinas e encontrou o tal lençol. Vai continuar a sondagem até 1100 metros para encontrar o cristalino e aí dirá se o mesmo é explorável, isto é negociável. Caso se positive, adeus Hotel, adeus Abolição II, pois a Empresa (Petrobrás) indenizará tudo. Agora as mortes da cidade: faleceu D. Terezinha Vasconcelos, esposa do nosso amigo Francisquinho Vasconcelos. Morte bruta, jantou e se sentiu aborrecida. Foi levada as pressas ao Hospital e antes de ali entrar, estava morta. [...] De futebol, você já sabe: nosso representante, o Potiguar, está fora, ontem cavou sua sepultura, perdendo para um time de Sergipe por 3x0.²²

O exemplo acima ilustra que há, pois, sempre razão para escrever seja para “informar, pedir, agradecer, desabafar, estimular, comemorar etc”. É perceptível também que é uma escrita produzida em “trânsito”, visto que está sujeita à experientiação de tempos variados; considerando que a distância espaço-temporal enfrenta tanto as ações do escrever e ler as cartas, dadas entre os correspondentes, quanto o distanciamento entre o leitor e os acontecimentos narrados, que podem se situar no passado, presente ou futuro, através de projetos anunciados e/ou planejados em conjunto (GOMES, 2004). A carta representa uma dada maneira de apresentar-se diante do outro, é um “mostrar-se”, dar-se a ver, num exercício que tem uma intenção de convencimento sobre quem escreve e quem lê (FOUCAULT, 1992).

É importante voltar a nos referir às sugestões teóricas, propostas por Sirinelli (2003), no que se refere ao que ele chama de *estruturas de sociabilidade*, também denominadas “redes”. Estas que se constituem como ferramentas para a compreensão de como se dá a organização e a dinâmica dentro do campo intelectual. São estruturas complexas, de difícil aceção, que variam conforme as épocas, recortes e subgrupos de intelectuais estudados. São estruturas que se caracterizam, sobretudo, por seu caráter polimorfo. Sirinelli atenta ainda que o termo *sociabilidade* interpenetra o afetivo e o ideológico, pois, tanto se refere às estruturas desses grupos enquanto redes, quanto ao microclima característico ao seu microcosmo²³ intelectual. O microclima diz respeito às sensibilidades e comportamentos desses grupos. Trata-se de um espaço social que apresenta leis e características próprias e contribuem para as especificidades na produção e atuação intelectual (SIRINELLI, 2003).

²² Carta enviada por Lauro da Escóssia, em 28 de outubro de 1979, Mossoró.

²³ Neste ponto Sirinelli dialoga com Pierre Bourdieu (2011), pois, atribui o microcosmo à lógica relacional para se pensar o espaço social dos produtores culturais.

O objetivo é relacionar Raimundo Nonato ao espaço de criação cultural que garantia as condições para a sua elaboração intelectual. Aqui, nos referimos mais particularmente ao grupo de letrados ligados à Coleção Mossoroense. Entendendo que estes atuavam como criadores e mediadores culturais, operando na sociedade através de um lugar de produção e divulgação de conhecimento. Cujos debates intelectuais partilhavam de uma lógica que utilizava de valores comuns, sejam eles científicos, ideológicos, morais, etc. A Coleção Mossoroense configurava-se, portanto, como um ambiente de fermentação intelectual voltado à elaboração discursiva e difusão de ideias. Como atenta Rebeca Gontijo (2005), as relações dadas no seio dos espaços são marcadas por afinidades, apadrinhamentos e, sobretudo, pela constituição de uma ideia de identidade e pertencimento a um grupo.

Sirinelli defende que “todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver”. Assim, entendemos que são relações que demarcam poder e estabelecem singularidades (2003: p. 248). A singularidade de Raimundo Nonato, por exemplo, se acentua no fato de que, por exercer diferentes funções na sociedade, tenha se engajado em diversas instituições, tanto na educação, na cultura, quanto no Direito. A sua relação com a Coleção Mossoroense terá aqui mais ênfase por acreditarmos que pensar tal relação nos trará um melhor entendimento quanto à problemática em questão. Esta está ligada à sua atuação na construção política e intelectual do Oeste Potiguar como espaço regional. Bem como, à reflexão quanto ao modo como a sua escrita, que partiu do contato inicial com esta instituição, influenciou na construção de uma cultura histórica em torno dos fatos, espaços e personagens que compõem a história da cidade de Mossoró.

A Coleção Mossoroense nasce de um movimento cultural intitulado “Batalha da Cultura”, tendo como principal idealizador Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia²⁴. A “Batalha da Cultura” – cujo nome sugere um campo de disputas – visava construir a Biblioteca Pública e o Museu Municipal, sob o discurso de estimular o desenvolvimento cultural²⁵ da cidade. Este projeto passou a integrar a proposta de campanha eleitoral do seu irmão Jerônimo Dix-sept

²⁴ Agrônomo e professor nascido em Mossoró (RN), em 25 de setembro de 1920, idealizador do projeto que resultou na criação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) em 1967, hoje Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Membro da família Rosado, principal grupo político da cidade de Mossoró e uma das famílias mais tradicionais do estado do Rio Grande do Norte. Vingt-un faleceu em 21 de dezembro de 2005, aos 85 anos de idade.

²⁵ Jornal *O Mossoroense*, 26 de setembro de 1948, p. 03.

Rosado Maia²⁶ à Prefeitura Municipal de Mossoró. Uma vez eleito, em 05 de abril de 1948, deu-se a criação do Museu Municipal Lauro da Escóssia e da Biblioteca Pública. Junto a estas instituições foi lançado o Boletim Bibliográfico, editado e publicado pela Biblioteca, como forma de registrar as atividades da sua gestão.

A expansão do Boletim se deu quando passou a produzir textos que versavam sobre temas variados como a história, a geografia e a paleontologia de Mossoró, resultando na criação da Coleção Mossoroense²⁷. Esta significou o estabelecimento de uma cultura editorial que estimulava a produção científica de Mossoró e projetava os seus diversos saberes no cenário estadual, por vezes, nacional. Isso porque os textos da Coleção circulavam pelas bibliotecas de todo o país de forma gratuita.

Em 1950, Dix-sept Rosado renunciou ao cargo de prefeito para se candidatar ao Governo do Estado, uma vez eleito, assumiu a nova função em janeiro de 1951. No entanto, cinco meses depois, em 12 de julho daquele ano, foi vítima de um acidente aéreo durante uma viagem a capital do País. O avião que o conduzia chocou-se com uma ponte sobre o Rio do Sal em Aracaju, não houve sobreviventes. Aqui é importante salientar que ao longo deste breve mandato no governo do Estado, Raimundo Nonato assumiu a sua Chefia de Gabinete. Este fato possui grande relevância, pois denota o vínculo estabelecido entre Raimundo Nonato com a família Rosado, tanto no que diz respeito às relações dadas entre os impressos da Coleção e o auxílio do governo neste processo. Já que durante este período, Dix-sept passou a utilizar a Imprensa Oficial na impressão do Boletim Bibliográfico, cabendo à Prefeitura Municipal de Mossoró o auxílio na doação do papel, como também no sentido de pensar o elo de amizade e confiança que os unia. Não obstante, esta relação auxiliará no entendimento da própria obra que Raimundo Nonato vem a construir dentro da editora.

As relações de sociabilidades costumam estabelecer-se em locais bem específicos, estruturadas em redes de trocas e aprendizagens. São espaços múltiplos e mutáveis ao longo

²⁶ Natural de Mossoró, nascido em 25 de março de 1911, filho de Jerônimo Rosado e Isaura Henrique Maia. Foi eleito o 3º prefeito constitucional de Mossoró, em 21 de março de 1948.

²⁷ A trajetória da Coleção Mossoroense é dividida em três fases distintas. Divisão organizada a partir das entidades que a fomentaram. Na *primeira fase* (1949 a 1973), esteve ligada à Biblioteca Municipal de Mossoró; A *segunda fase* (1974 a 1994) foi marcada pela relação com a Fundação Guimarães Duque (FGD), localizada na ESAM – que tinha Vingt-Un Rosado como Diretor. Na *terceira fase* (1995 a 2015), passou a ser tutelada pela Fundação Vingt-un Rosado (FVR), novamente em parceria com a Prefeitura Municipal de Mossoró. Assolada por enorme crise financeira, a Coleção encerra suas atividades no ano de 2015. O acervo que conta com cerca de 4.500 títulos, hoje se encontra nas dependências da Biblioteca Pública Municipal Ney Pontes.

do processo histórico, desde salões, saraus, cafés, livrarias, editoras, revistas, imprensa, associações, eventos, etc. No que se refere à estrutura de sociabilidade que compunha a Coleção Mossoroense, pode-se dizer que se dava, sobretudo, através da troca diária de correspondências, elo fundamental à elaboração intelectual ali impetrada. Uma vez que os seus letrados viviam em lugares espalhados por todo o Estado e às vezes noutras regiões – como é o caso do nosso personagem, que escrevia do Rio de Janeiro. A materialização dessa rede de relacionamento se realizava na troca diária de informações e diversos tipos de materiais, como os jornais do dia, as cópias de cartas de outros membros do grupo, pesquisas sobre assuntos em comum, etc.

Raimundo Nonato matinha uma intensa rede de comunicação, com diversos interlocutores, a ponto de receber 10 cartas em um único dia, como mostra o trecho a seguir:

[...] deixo de parte nada menos de 10 cartas chegadas hoje: ouça os nomes: José Augusto, Vicente de Almeida, Cosme Lemos, Walter Wanderley, um monte, José Dantas, de Brasília, Enélio Petrovich, EL Manuel Rodrigues, e até esse negroide sem compostura, o Leonardo, a melhor peça de carro de boi desse planeta... Veja só, homem de Deus, por não falar num manifesto de bordo que Gumerindo Saraiva me remete, com a mercadoria do vapor TIBAGI, consignada ao Porto de Areia Branca...²⁸

Nas anotações do livro “Apostila do afeto” de 1986, Raimundo Soares de Brito²⁹ comenta sobre a *corrente da amizade* – que serve de título a este tópico–, que seria justamente o nome dado por eles a esta rede de troca de cartas. A *corrente da amizade* era composta por Raimundo Nonato, Raimundo Nunes, José Augusto Rodrigues, Vingt-Un Rosado, Câmara Cascudo, Raibrito e tantos outros. Esta rede de sociabilidade se estabelecia através da troca missiva, capaz de aproximar aqueles que estavam distantes espacialmente, bem como as narrativas do lugar de onde escreviam.

Raimundo Nonato faz questão de afirmar a influência que essas relações de sociabilidades exerciam sobre si. Nas palavras proferidas no discurso em agradecimento às homenagens aos seus 80 anos, afirma:

²⁸ Carta enviada por Raimundo Nonato a José Augusto Rodrigues - advogado conceituado, membro do IHGRN, com quem trocava intenso volume de cartas -, datada de 13 de agosto de 1973, Rio de Janeiro.

²⁹ Raibrito, como era conhecido no seu ciclo de amizades, foi escritor, memorialista, historiador, membro do IHGRN, ICOP e de outras instituições, as quais Nonato também pertencia. Era um dos seus melhores amigos.

[...] é preciso ser sincero e declarar que alguém que porventura se gabe da prenda de se ter feito por si mesmo, está negando a imensa força de relacionamento humano e solidariedade universal que encontramos viva em toda a natureza, a partir até mesmo do ar que respiramos. Em verdade, ninguém é a massa de si mesmo, mas com certeza a argila ocasional a que os sopros alheios vão dando vida e rumo. [...] A glória que porventura haja na obra que realizei pertence a tantos que pouco sobra para mim. [...] Seria um furto atribuí-la toda a meu labor pessoal (BRITO, 1987: p. 19-20).

O historiador potiguar Luís da Câmara Cascudo, um dos nomes presentes na *corrente da amizade*, estabeleceu intensa troca missiva com Raimundo Nonato, especialmente durante a década de 1970. A relação entre ambos teve início no ano de 1934, por meio da Escola Normal de Natal. A “causa da instrução” que os apresentou de início resultou em outros encontros por meio de eventos culturais. Eis que no ano de 1948, Raimundo Nonato mudou-se para Natal e a amizade entre os dois floresceu. Cascudo leu muitos dos seus livros no formato original, opinou, fez apresentação, prefácio, numa amizade que Nonato define como “açude arrombado em grande inverno”³⁰. Certamente, Cascudo tornou-se para ele o que já era para tantos outros intelectuais da época: um mestre. A mudança definitiva de Raimundo Nonato para a cidade do Rio de Janeiro, em 1962, permitiu a troca³¹ das cartas³² a seguir:

Raimundo de minh’arma.

[...] Há uma livraria carioca de livros espanhóis, vendendo volumes da Colección Austral, editados às toneladas. Veja se V. pode arriscar-se a encontrar os tomos MI INFANCIA Y JUVENTUD e o CHARLAS DE CAFÉ, de RAMON Y CAJAL, meu namoro à sua custa. São volumes brochados e baratos. Antecipados agradecimentos e aceito qualquer desculpa negativa, mentirosa e gentil. Entendido? [...]

Seu velho,

Luis Natal.³³

Raimundo Nonato querido,

³⁰ Aqui, talvez se aplique dizer que esta é uma expressão que se enquadra no contexto vivido por pessoas do interior, especialmente nos sertões assolados pelas secas, com vias a enfatizar a “força” da amizade entre os dois. Pois, os açudes só ultrapassam o seu limite de água se o inverno chegar com abundância e rigor.

³¹ As cartas de Cascudo endereçadas a Raimundo Nonato, aqui apresentadas, foram publicadas no livro *Apostila do afeto: Câmara Cascudo* (1986), sob seleção, organização e comentários de Raibrito. Porém, é preciso salientar que no livro não constam as cartas enviadas como respostas por Raimundo Nonato.

³² A grafia original das cartas será mantida em nossa transcrição ao longo de todo o trabalho.

³³ Natal, 12 de janeiro de 1972.

[...] solicito agradecer ao Sr. Milton de Campos Gonçalves a monografia de Portalegre que muito me interessou e agradou; e ao agregio Horácio de Almeida a útil Bibliografia Paraibana, excelente em todos os ângulos. Não agradeço diretamente por falta de endereços. Está se vendo quem foi o Espírito Santo de orelha, lembrando o nome distante na hora tumultuosa dos autógrafos.

Atenciosamente,

Luis natal.³⁴

Na primeira carta, Cascudo solicita a compra de volumes de livros espanhóis, certamente não disponíveis em livrarias natalenses; Na segunda carta, dá a entender que Raimundo Nonato conseguiu pra ti, autógrafo de livros lançados à época e que os encaminhou a Natal. Por outro lado, se percebe que Nonato servia como elo entre Cascudo com outras figuras da época, haja vista manter certos contatos que ele próprio não dispunha. Assim, como se pode inferir, a presença de Raimundo Nonato no Rio de Janeiro representou certo grau de importância aos amigos que permaneciam distantes dos grandes centros culturais do país àquela época. Nota-se que acabou exercendo uma posição estratégica para a sua rede de sociabilidade, uma vez que não deixava de ser um intermediário presente nestes centros. Teria Raimundo Nonato pensado por esta ótica ao mudar-se para o Rio?

Em artigo publicado no Seminário Brasileiro de História da Historiografia, o professor Raimundo Nonato Araújo da Rocha, reflete sobre a construção de uma identidade potiguar a partir do Rio de Janeiro entre os anos de 1934 a 1952, através do *Centro Norte-Rio-Grandense* (CNR), ali sediado. Fundada em 13 de outubro de 1900, por norte-rio-grandenses residentes no Rio de Janeiro, esta entidade dedicava-se a divulgar o estado para todo o Brasil. As atividades do Centro foram encerradas ao longo da Primeira República, só voltando a reabrir em 1948. Neste ano, através de uma Assembleia Geral, a entidade passa a ser reconhecida como sendo de utilidade pública para o Governo do Rio Grande do Norte – com base na Lei Estadual Nº 258, de 14/12/49 – e mesmo para o Governo Federal - Lei 1355/51 de 13 de abril de 1951 (ROCHA, 2012). No entanto, suas atividades permaneceram restritas a alguns sócios mantenedores, a publicação Nº 1 do *Boletim do Centro Norte-Rio-Grandense* em dezembro de 1966, é que vem marcar o seu retorno.

³⁴ Natal, 10 de julho de 1972.

O trecho a seguir demonstra que Raimundo Nonato se engajou no projeto deste centro de produção intelectual e cultural instado na Capital carioca. Vejamos o discurso proferido pelo escritor e conterrâneo Walter Wanderley, o apresentando ao *Centro Norte-rio-grandense*, em 30 de setembro de 1966.

[...] falemos de Raimundo Nonato – o intelectual, o contista, o romancista, o historiador, o jornalista, sempre apegado às coisas, aos fatos, aos acontecimentos do Rio Grande do Norte e a Mossoró, em particular, pois que em todos os seus livros lá está Mossoró, palpitante, com seus homens, fatos pitorescos, coisas acontecidas, registros, datas, tudo isso contado em cores vivas, emocionantes e que são o deleite de todos nós seus ávidos leitores. [...] Disse Oliveira Lima que “*O papel do historiador é justamente este, é realizar uma obra de reintegração dos valores, depondo dos altares santificadores os falsos ídolos e pondo neles os benfeitores dos povos, os criadores reais de sua história*” (NONATO, 1987b: p. 102-103).³⁵

Em missiva de outro teor, Cascudo compartilha o desejo de publicar um novo trabalho. Para tanto, confessa está pedindo ajuda às “afetuosas vítimas amigas” e que Raimundo Nonato é a primeira delas:

NONATO, resedá e flor de cardeiro.

[...] Magino, aproveitando o rabo de 1976 e o primeiro semestre do vindouro, fazer uma ANTOLOGIA DA SUPERSTIÇÃO NO BRASIL. “Tirante” o enchimento pessoal, da laboriosa inutilidade pretérita, saio de quenga na mão pedindo o adjutório das afetuosas **vítimas** amigas. Nonato está listado no primeiro grupo de assalto. Não negue o corpo, facínora. Entrego-lhe o Rio Grande do Norte, o sertão, agreste e litoral, para fixar, nas suas inimitáveis reminiscências, as nossas superstições mais típicas. Não interessa lendas religiosas nem mitos de assombração, Caipora, Burrinhas, Lubishomes. Superstição coletiva que vive em nós. O código protocolo individual na evitação dos malefícios. O faz-mal, o contra, o atraza; sinais misteriosos de malefícios, agouros, indícios de insucessos. Registro corrente como letra de escrivão. Sua colaboração é uma garantia de honestidade, higiene e veracidade positiva. [...] informo que a sua colaboração indispensável tem a dilação probatória até janeiro do lógico 1977, de horrenda evocação. Tá? Um beijo nas fuças e benção de pé de jumento vadio. Seu,

Luis natal.³⁶

³⁵ Esta fala se mostra bastante ilustrativa quanto às discussões que buscaremos realizar ao longo dos próximos capítulos, pois, demonstra a construção simbólica em torno da escrita de Raimundo Nonato. É um discurso que confere legitimidade aos seus escritos, ao mesmo tempo em que faz referência a historiadores que representavam uma cultura historiográfica ainda persistente à época.

³⁶ Natal, 13 de outubro de 1976, grifo do autor.

Acima, Cascudo encarrega Raimundo Nonato de escrever sobre as superstições típicas do Rio Grande do Norte, incluindo o sertão, o agreste e o litoral, alegando que a sua contribuição é uma garantia de honestidade, de modo que praticamente o intima a escrever sob sua encomenda. Em outra carta, do mês seguinte, enfatiza-se a encomenda feita, escrevendo:

NONATO, estrondo no Pé da Serra. Nossa amizade, pela intensidade e fundura, já não mais comporta constrangimentos [...] V. abra dos peitos e diga se tem bagagem e disposição para fazer umas 10 páginas com a SUPERSTIÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE. Entre nós dois recusar a lapada de whisky não quer dizer que deixou de beber. Bote a mão no peito e faça confissão de ladrão de galinha, infalível nas reincidências e useiro no arrependimento na delegacia de polícia. Entendeu, Macabeu? Um abraço deste seu velho Luis da Serra de João do Vale.³⁷

Percebe-se que tais cartas, trocadas em âmbito privado, atuam como mecanismo no desenvolvimento de estreitamento de laços de intimidade. Neste caso, possibilita que membros distantes reafirmem a sua existência enquanto partícipe do grupo. Estas são práticas comuns entre os intelectuais³⁸, que possibilitam que as relações pessoais e profissionais sejam dadas mesmo com a “supressão do espaço” (SALOMON, 2002).

Outro correspondente de grande relevância a presente investigação é Vingt-Um Rosado. Pois, através da troca de correspondências entre eles, é possível perceber como se davam as relações editoriais que envolviam os livros publicados pela Coleção. Vejamos alguns exemplos:

Prezado 21,

Recebi seu telegrama no sábado e já hoje vai a resposta com a cópia solicitada. Tenho andado muito em Pongetti, nesses dias, cuidando do livro

³⁷ Natal, 06 de novembro de 1976.

³⁸ São muitos os exemplos de pedidos e trocas de informações, materiais e intimidades entre os intelectuais por meio das epístolas. Ver: GICO, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo, n. 30, p.110-127, 2002; BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Bastidores da escrita da história [manuscrito]: a amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2008; GASTAUD, Carla Rodrigues. *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009; IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro/2004.

do M. Rodrigues. Um livraço para bem 350 páginas, sôbre Afonso Bezerra. Já terminei POÇO DAS PEDRAS – o romance vai depois para você ver. Pelo seu pedido a respeito de Jerônimo Rosado – o professor-fiquei vendo como há precisão de se publicar o trabalho dos “velhos professores”³⁹. Dê uns arrôchos, aí, nessa gente... Estou trabalhando com fôrça no vocabulário popular do RGN. Virá com perto de 7 mil palavras, tem coisas de Mossoró de arrepiar o cabelo.

E os meus bons. Rec. do RN.⁴⁰

Raimundo Nonato costumava colocar Vingt-Un a par do que estava escrevendo, projetos futuros e todos os demais assuntos sobre escrita e publicações. Além disso, era constante também, a menção às suas idas à editora dos irmãos Pongetti – editora na qual publicou os seus livros fora da Coleção – que ao que parecem eram constantes. É recorrente em algumas cartas o relato de impressões de livros em gráficas no Rio, como a Pongetti, mas que saíam com a “chancela” da Coleção Mossoroense⁴¹. Embora Vingt-Un estabelecesse grande influência sobre a Pongetti, considerando o seu prestígio no meio editorial, era por meio da figura de Nonato que se davam boa parte das negociações referentes às publicações, tiragens, valores, etc.

Prezado 21,

[...] Falei aqui, pelo telefone, com o prefeito e êle de boca, prometeu estudar o caso da publicação dos VELHOS PROFESSORES, pela Prefeitura. Disse para telegrafar na volta dele e mandar um orçamento módico. Foi quanto consegui tirar das guélas do Pongetti. E para fim de conversa, peço ao amigo falar com Cascudo, que é o homem chave. No caso da decisão ser favorável, era só mandar-me o original, via aérea. Da outra banda, ele abria as burras do municipalismo, mandando os 50% da entrada. O resto, seria mais um livro sobre Mossoró, ruim, reconheço, mas feito com boa vontade e espírito de continuar servindo a terra e salvando alguns dos velhos nomes, que o Nordeste sopra para o esquecimento. E você sabe disso... [...] Outra notícia que não é fora de tempo: Fiz ligação com o Instituto Nacional do Livro, e o diretor que é uma pessoa humaníssima e muito boa, recebeu Lampião e

³⁹ São várias as publicações, nas quais, Nonato se dedica a escrever sobre os professores do RN. Isso nos faz pensar que essa quase necessidade, em “fazer justiça” aos “velhos professores”, fosse um desejo de ele próprio ser reconhecido como tal. Pois, como a sua atuação enquanto escritor, jurista, memorialista se tornou marcante, talvez essa fosse uma tentativa de angariar notoriedade também aos professores, grupo no qual ele próprio se inseria.

⁴⁰ Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1966.

⁴¹ Este detalhe é algo a se ter em vista quando se reflete sobre a quantidade de impressos publicados por esta editora. Isso porque, a Coleção Mossoroense reivindica ser a editora de maior quantidade de títulos publicados no país. Contudo, se muitos dos livros não foram impressos por ela, mas saíam com a sua chancela, é como se o seu intuito fosse ser apenas uma grande *coleção*, no sentido mais tradicional do termo. Uma coleção que reunia obras com formatos e assuntos em comum, mas sem ser necessariamente homogênea.

mexeu o volume entre as mãos dizendo – “o seu nome eu já conhecia e até ouvira falar desse livro. Porém só agora vejo que é um trabalho de muito mérito. O Instituto pode comprar volumes para distribuir com as bibliotecas do Brasil. Eu estou disposto a lhe dar uma grande ajuda. Tire uma nova edição que o Instituto comprará 1000 livros”. [...] Agora, o problema estar neste pé: com os mil volumes comprados, quando saírem, é claro, coisa de 3 a 500 ou 4 mil cruzeiros, eu posso tirar, em Pongetti, 2 mil exemplares, e ainda fico com um saldo de mais de 500 mil cruzeiros. E por cima ainda 1000 livros para novas vendas no mercado das livrarias. Aí, porém, para o jumento. Cadê o dinheiro para a edição? Rec. do R. Nonato.⁴²

Acima, Raimundo Nonato compartilha a dificuldade financeira em produzir uma nova edição do livro “Lampião em Mossoró”. Esta é uma de suas obras mais reconhecidas, cuja primeira edição foi publicada pela Pongetti, em 1953, vindo posteriormente a compor o acervo da Coleção Mossoroense. Não por acaso, foi o livro que despertou o interesse do Instituto Nacional do Livro (INL) que, como se lê, intencionava comprar mil exemplares para a distribuição em bibliotecas do país. O INL foi criado na Era Vargas no contexto da criação de instituições como o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, com o intuito de expandir a cultura. O INL buscava difundir a produção e distribuição de livros no Brasil, além de facilitar a importação de obras importantes (TAVARES, 2014).

No recorte temporal da carta, o General Humberto Peregrino, natalense radicado no Rio de Janeiro, esteve à frente da direção do INL, entre os anos de 1967 e 1970. A carta de Nonato, que data de 1968, coincide com o seu período de direção. De acordo com Tavares (2014), na sua gestão foi criada a Comissão de Alto Nível, responsável por avaliar obras publicadas no país e caso consideradas importantes, seriam compradas pelo INL e distribuídas nas bibliotecas públicas do Brasil. Assim sendo, inferimos que o interesse no livro “Lampião em Mossoró” se inseria dentro do contexto da Comissão de Alto Nível.

Já a carta abaixo evidencia o peso do nome de Vingt-Un nas relações editoriais estabelecidas no Rio de Janeiro, peso este, que certamente ajudou nas negociações ali realizadas.

VEIO AMIGO VINGT-UN
Pax do SENHOR IRMÃO!

⁴² Rio de Janeiro, 20 de maio de 1968.

PONGETTI está lhe remetendo, frete pago, aqui, 100 volumes do SOAMDNO. A Fundação bancou duro e só me deu duzentos “libros”. Ursada... O preço é de 20 cruzeiros, dado as correções internas. NÃO PENSE EM PAGAMENTO... Só quando Deus der bom tempo... E mesmo, aqui, você em PONGETTI, é sempre um cheque ouro, só MENÇÃO DO SEU NOME. FUTURAMENTE, segundo suas ordens, ANDRÓ, esse judeu sem compostura, entra e circulação.

R. NONATO.⁴³

Em muitas cartas escreve a Vingt-un com um papel timbrado da Pongetti, algo que faz-nos refletir quanto à proximidade e o papel que desempenhava na instituição. Sabe-se que a Irmãos Pongetti Editores foi inicialmente uma gráfica que se tornou editora, em 1935. Pertencente aos irmãos Rodolpho e Ruggero Pongetti, contando ainda com a assessoria do outro irmão Henrique Pongetti – reconhecido escritor e teatrólogo. A editora dispunha de um catálogo que incluía Dostoiévski e Maurois, inovando ao criar o Anuário Brasileiro de Literatura, em 1937. Destacou-se por seu caráter inovador ao trazer à cena novos autores da literatura nacional, incluindo gêneros da biografia e de cunho científico, além da tradução de clássicos e contemporâneos. Entre as décadas de 1940 e 1950 tornou-se uma das maiores editoras do país (HALEWELL, 1985: p. 353).

Esta editora exerceu relevante influência no volume de livros publicados por Raimundo Nonato, sendo notáveis nas cartas as idas diárias à editora e a tentativa de aproximar muitos dos seus conterrâneos, como ocorreu com o próprio Câmara Cascudo. Na orelha de *Luís da Câmara Cascudo, (Sua Vida e sua Obra)*, publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico acerca da “Semana Câmara Cascudo”, Rodolpho Pongetti escreve:

Todos sabem da afeição que dedico ao Rio Grande do Norte, onde fiz sólidas e boas amizades através de tantos anos de colaboração com intelectuais que me confiaram suas obras para editar. Entretanto, faltava-me o contacto direto com esse admirável Câmara Cascudo (BRITO, 1986: p. 19).⁴⁴

A troca missiva era, portanto, o principal espaço que servia como estrutura para as relações de sociabilidades destes intelectuais. Por meio das cartas partilhavam de experiências, discussões, divulgação e circulação de ideias e projetos em comum, ao passo

⁴³ Rio de Janeiro, 10 de julho de 1973.

⁴⁴ Pelo o que indicam as cartas, o contato que faltava foi estabelecido tendo Nonato como intermediário.

que também servia para forjar a identidade do grupo, atuando como meio capaz de ratificar as relações sociais mantidas por eles. A leitura destas correspondências possibilita dizer que seus escritos são condicionados por um “nós” implícito, às vezes nem tanto, em suas obras.

No trecho que se segue, tem-se um exemplo de que em alguns casos o conteúdo produzido por eles não condizia com o que o grupo esperava que fosse escrito e então estes passam a reajustá-los ao fim desejado. A sugestão é de José Augusto Rodrigues⁴⁵ a Raimundo Nonato:

[...] Raimundo: li seu trabalho sobre Raul Caldas. Você escreveu pouco sobre esse gigante mental, repositório de inteligência, cultura e talento que dá material para um estudo opulento. É preciso biografá-lo como ele bem merece. Seu trabalho vale como o despertar das mentalidades – seus contemporâneos – para retirá-lo do silêncio tumular e projetá-lo em toda a sua grandeza. Volte à carga, ajudado pela sua reconhecida e proclamada inteligência. Faça mais esse serviço em favor das letras da província. O testemunho de Raimundo Gurgel é válido, mas diz muito pouco sobre quem merece muito. Falou o amigo do dia-a-dia, sem ressaltar-lhe, por motivos óbvios, a luminosidade de um cérebro privilegiado, como era o de Raul.⁴⁶

Trata-se de afirmações e concepções plurais, carregadas pela presença daqueles que influenciaram e contribuíram para a fomentação desta ou daquela ideia, presente em suas obras, mesmo que, muitas vezes, isso ocorra implicitamente sem que haja citação de nomes ou mesmo quando nem eles próprios tenham convicção disto. A ligação que os une se dá através de uma simbiose de ideias comuns que os levam a aproximar-se tanto profissionalmente, intelectualmente, quanto afetivamente, acabando por refletir toda essa cumplicidade de ideias em suas escritas, sejam elas obras literárias, históricas ou epístolas.

A noção de *campo intelectual*, formulada por Pierre Bourdieu (2002), nos auxilia neste ponto de reflexão ao sugerir uma análise do meio no qual se estabelecem os intelectuais e suas práticas escriturárias, uma vez que o conceito de campo considera as relações de disputas e práticas dentro dos espaços sociais. Vindo cada espaço a corresponder a um campo específico – cultural, econômico, intelectual, político, etc –, no qual os agentes se revelam detentores de maior ou menor volume de *capital simbólico*. Este capital simbólico leva em conta não

⁴⁵ Advogado, militante no fórum de Natal, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, com quem Raimundo Nonato estabelecia constante troca missiva.

⁴⁶ Carta enviada por José Augusto Rodrigues, de 18 de abril de 1974, Natal.

somente o acúmulo de bens materiais – como pode sugerir uma concepção marxista do termo –, mas os vários recursos e mecanismos de poder manifestados em uma atividade social.

Sendo assim, podemos entender que as posições que os indivíduos ocupam dentro desses espaços sociais decorrem muito do modo como o seu capital cultural (os saberes, diplomas, títulos, etc) e social (as relações sociais, os modos de dominação) se converte em capital simbólico. Nesta mecânica, relacionando tais conceitos ao nosso personagem, entendemos que ele tenha visto na educação uma saída para a sua frágil condição dentro do campo social e, posteriormente, converte o capital cultural adquirido com os seus títulos, diplomas e produção de conhecimento em prestígio e posição social. Além de passar a disfrutar de maior capital econômico e convívio com pessoas que pertenciam à elite intelectual. Tomemos como exemplo o modo como é apresentado à ANRL, por Paulo de Viveiros⁴⁷, em 19 de maio de 1955:

[...] se cultiva nesta Casa para onde ingressam, apenas, os turiferários da sabedoria, e os abnegados colaboradores da cultura [...] somos humildes dentro da humanidade do conceito provinciano, porém alertas sentinelas de princípios mutáveis e eternos que fazem do homem de vida mental guardiões daquela sabedoria de que lhes falei, formadora, embora em parcela pequenina, de uma grande sabedoria humana a serviço do bem. [...] Filiado a uma corrente literária de que participa, igualmente, esse outro precioso valor mental que é o nosso Presidente, Raimundo Nonato, como lhe definiu Gilberto Freyre, descreve, apaixonadamente, a paisagem, a vida e a gente rústica de uma região tão interessante do Brasil [...] como diz Gilberto Freyre, o valor intelectual desse apaixonado da terra, é escrever, apaixonadamente, sentindo a emoção do quadro que descreve, mentindo, se for necessário, para ter a força de expressão suficiente a convencer os outros da verdade que descreve. “Velho passado de Moçoró. Perdido nas eras. Sombreado de saudades. Romântico, como todos os passados...” Nesta frase, o intelectual revê com olhares de ternura um tempo passado, como se o vivesse à época em que escreve, sentindo a amargura romântica de todo passado que sempre existe no presente como cruz a crucificar um coração. [...] O homem é este, na sua inteligência e no seu valor cultural. Chega até nós, podendo apresentar um honesto e volumoso pedigree. Tem talento e não lhe consagra o título que hoje recebe, porque êle já nos veio consagrado. Resta-nos, apenas, a certeza de que entre nós, ele será mais um a serviço do espírito e das letras do Rio Grande do Norte; [...] É assim, com a dignidade que sempre possuiu, na sua vida pregressa, o futuro lhe espera e o consagrará, desde o instante em que as portas desta Casa nesta noite votiva e memorável lhe sejam abertas para aqui penetrar para o mais alto, e para a glória (NONATO, 1988a: p. 335-339).

⁴⁷ Paulo de Viveiros (1908-1979) era advogado, professor e primeiro Diretor da Faculdade de Direito de Natal.

No presente discurso, é possível observar o espírito que movia estes homens, ditos “sentinelas de princípios imutáveis e eternos”. Estes que podem ser entendidos como incentivadores de tradições que deveriam passar de uma geração à outra. E, por isso, se utilizam de suas escritas para legar à posteridade o que consideram “memorável e a serviço do bem”. São legados que servirão às construções identitárias e simbólicas acerca do passado. O ingresso de Raimundo Nonato em espaços como este, além de legitimá-lo enquanto igual valida a sua escrita e as representações construídas em seu processo narrativo.

As cartas aqui apresentadas figuram enquanto elemento demonstrativo da rede de sociabilidade ensejada por eles dentro do *campo intelectual*. Os motivos que os levam a escrever variam bastante, sendo comum que muitas vezes não se restrinjam aos missivistas em questão, mas que abarquem também o contexto social ao qual pertenciam. A publicação de algumas destas cartas pode representar a busca por legitimação do próprio lugar de fala, dispositivo utilizado, ao que parece, por Raimundo Nonato e os seus correspondentes. A publicidade dos conteúdos e destinatários destas missivas traz à cena pública os sujeitos com os quais, em determinado lugar e época, se estabeleceram diálogos e sociabilidades que legitimaram a ocupação de certos lugares em detrimento de outros, habilitando os sujeitos envolvidos na trama a tomarem parte nas relações de poder existentes neste processo (MORAIS; GOMES NETO, 2015: p. 175).

Portanto, trazer à tona o conteúdo de cartas trocadas pelo grupo, nas quais se apresenta e se credencia o interesse em determinados temas, eventos e personalidades que ponderavam relevantes, é uma estratégia que acaba por reforçar o lugar de fala, a legitimidade e legibilidade dos membros do pacto epistolar, denominado: *corrente da amizade*.

Contudo, as formas de socialização deste grupo não se limitavam exclusivamente às cartas. A partir de 1964, esses letrados passaram a se reunir presencialmente ao final do mês de setembro, na cidade de Mossoró. O evento denominado “Noites da Cultura”, realizado até os dias atuais, era composto por palestras ministradas pelos intelectuais da cidade e região, além de assuntos relacionados às suas produções anuais. Os discursos reproduzidos nestas noites comumente se tornavam textos impressos em forma de plaquetas pela Coleção Mossoroense. Além disso, contava também com cursos, lançamentos de livros, concursos literários e amostras culturais.



Figura 4 – Da esquerda para a direita, os escritores Raimundo Soares de Brito e Raimundo Nonato da Silva. Fotografia publicada na Revista Comemorativa aos 30 Anos da Loja Maçônica Jerônimo Rosado, em uma das sessões das “Noites da Cultura” realizada em suas dependências. S/D.

No livro, *O Romeiro do “30 de setembro” viagens do Rio de Janeiro a Mossoró presença nas sessões das “noites da cultura”*, Raimundo Nonato (1991b) narra, no que se assemelha a uma agenda, o seu roteiro de viagem entre os anos de 1964 a 1980, à cidade de Mossoró. A ocasião eram as celebrações do feriado da Abolição, num roteiro de viagem marcado por eventos, inaugurações de escolas e centros culturais. Os encontros de sociabilidades que se iniciavam em Natal, se estendiam por Mossoró e municípios do interior potiguar. Conclui-se que este é um documento importante para se pensar tanto a data⁴⁸, quanto a sua implicação para o grupo.

As “Noites da Cultura” são narradas como encontros da amizade, em que tanto se prestavam conta das produções anuais, como se planejavam os projetos editoriais futuros. Em um dos trechos do roteiro citado, Raimundo Nonato narra que em 25 de setembro de 1980,

⁴⁸ O dia 30 de setembro é uma data considerada histórica para a cidade de Mossoró, pois, assinala a abolição da escravidão ocorrida em 1883, cinco anos antes da Lei Áurea. Em 13 de setembro de 1913, com a Lei nº 30, a data é estabelecida como feriado municipal na cidade, sendo marcada por grandes festejos e comemorações até os dias atuais. Como o espetáculo “Auto da Liberdade”, que versa sobre alguns dos principais acontecimentos históricos da cidade e o desfile cívico denominado *Cortejo da Liberdade*. O feriado do 30 de setembro figura como o maior evento cívico da cidade de Mossoró.

foram lançados 50 livros no evento, estes “programados e editados pela ação da BATALHA DA CULTURA, este ano no seu 31 aniversário” (NONATO, 1991b: p. 111). Abaixo, vejamos como descreve a cerimônia:

O prefeito da cidade se congratulou com o espírito cultural da sua terra pela admirável vitória da inteligência dos seus filhos [...] seguidamente, usou a palavra o senhor secretário da Educação do Município, que deu destaque a campanha cultural e publicitária que se desenvolvia em Mossoró, com o concurso da Prefeitura Municipal e de vários outros órgãos e serviços da administração do Estado e do País, pondo em destaque a cooperação das Universidades dos Estados de Alagoas, da Paraíba, do Ceará e do RGN (1991b: p. 112).

Já sobre o dia 30 de setembro daquele ano, escreve:

Durante mais de uma hora o orador do dia – Cortez Pereira – dissertou sobre o fato histórico mais importante da história do Município de Mossoró. Foi presente a solenidade o Deputado FEDERAL Vingt Rosado. Encerrados os trabalhos, seguiu-se o banquete no salão de festas, ocasião em que foram lançados publicações alusivas ao acontecimento do Dia 30 de Setembro. (1991b: p. 127).

Os trechos citados dão um indicativo do teor dos eventos que reuniam presencialmente estes homens. Marcados por solenidades nas quais se faziam presentes autoridades de esferas importantes da sociedade, trazidas talvez numa tentativa de conferir legitimidade a esses encontros e aos trabalhos desenvolvidos por seus membros. Aqui é importante fazer um adendo, pois, além da participação assídua nestas comemorações, Raimundo Nonato escreveu o que talvez seja o livro mais emblemático sobre este acontecimento: *A História Social da Abolição em Mossoró*, de 1983. O livro é publicado pela Coleção Mossoroense no contexto do centenário da abolição e acaba por consagrá-lo como um dos principais nomes, senão o maior, ligado à escrita sobre a abolição mossoroense. Esta escrita auxilia na constituição da identidade de Mossoró enquanto “Terra da liberdade”, ao elaborar uma narrativa que aponta os primórdios da abolição em Mossoró e as mudanças urbanísticas que marcaram a cidade. Numa abordagem que expressa uma espécie de “destino manifesto” da cidade em direção ao “progresso” que este acontecimento representava.

A construção da narrativa sobre acontecimentos da História de Mossoró, leva-nos a refletir sobre o modo como a escrita de Nonato configura uma dada maneira de olhar para o passado da cidade, porquanto entende-se que em alguns momentos ajuda a legitimar direta ou

indiretamente certas tradições e a reforçar determinados mitos. Supõe-se que a sua narrativa corrobora com ritos de confirmação que visavam legitimar um projeto identitário para Mossoró. Com isso é importante refletir quanto ao modo como a escrita deste intelectual é capaz de engendrar narrativas que eternizam vestígios do passado no presente da cidade.



Figura 5 – Charge do Jornal *O Mossoroense*, de 24 de Agosto de 1993.

A charge acima ilustra a representatividade de Raimundo Nonato no que se refere aos eventos em questão. A publicação que o homenageia na ocasião do seu falecimento, utiliza a charge para simbolizar o seu envolvimento com o 30 de setembro. Como se pode observar, há uma tentativa em condensar a sua trajetória de vida numa representação imagética, fazendo referência à sua saga de migrante, à consagração a partir da escrita, bem como ao seu legado por meio desta; além de utilizar a sua representatividade em torno de um marco histórico que tem servido como base para a construção da identidade mossoroense.

2.2. A Coleção Mossoroense e a Historiografia Potiguar

Os escritos de Raimundo Nonato tiveram início na década de 1940, ainda na fase do Boletim Bibliográfico. A sua primeira publicação consta na série B de nº 24, com o artigo

Negociantes e Mercadores, publicado entre setembro de 1948 e setembro de 1949. Em 1949, publica o seu primeiro romance, intitulado *O quarteirão da fome*, pela editora Pongetti, instituição de que, embora tenha marcado a sua trajetória enquanto escritor, até esse ponto de investigação, não dispomos de documentos que demonstrem como se deu a aproximação inicial de Raimundo Nonato com a organização.

A produção intelectual aqui tomada como fonte se estende entre as décadas de 1980 e 1990, razão pela qual adotamos o nosso recorte temporal. Neste período, Raimundo Nonato se dedicou a compartilhar as suas memórias acerca do Rio grande do Norte, mais especificamente sobre Mossoró e região Oeste Potiguar. Trata-se da coleção *Minhas memórias do Oeste Potiguar*⁴⁹, que conta com cerca de 35 volumes publicados pela série C da Coleção Mossoroense. É uma coletânea composta por artigos, muitos deles publicados anteriormente em plaquetas da série B⁵⁰, mas que foram compilados novamente em livros de formatos maiores a fim de compor esta coleção. Não se trata de livros extensos, geralmente giram em torno de 100 páginas.

Nas *Minhas memórias do Oeste Potiguar*, Raimundo Nonato se dedica a escrever sobre lugares já distantes espacial e temporalmente do seu contexto de escrita. Sendo capaz de esclarecer muitos aspectos que os constituíram historicamente. Numa narrativa marcada por traços autobiográficos, que não abriga somente aspectos e impressões individuais do autor, mas singularidades expressas nas relações sociais, culturais e políticas estabelecidas no entorno do que é narrado. Costumes, experiências e elementos típicos da memória coletiva local, são apresentados como se representassem o passado comum dos espaços e sujeitos descritos por ele.

Em sua maioria, os livros não possuem continuidade narrativa, talvez o que mais se diferencie deste estilo, seja *Memórias de um Retirante* (1987a), cuja narrativa se faz mais fluida e contínua, sem a divisão em capítulos e assuntos entrecortados entre si. Mas, de um modo geral, a coleção vai tecendo contornos de figuras diversas: como os comerciantes das bodegas do Mercado Público; parteiras; alunos e professores da sua época de discente e docente; políticos; figuras ligadas ao Direito, como magistrados, soldados, etc.

⁴⁹ A referida coleção foi escrita ao longo da segunda fase da Coleção Mossoroense, que se estendeu entre os anos de 1974 a 1994. Fase essa em que a editora mais produziu, chegando a contabilizar 1.888 publicações.

⁵⁰ As publicações pela série B são plaquetas, compostas por pequenos artigos que posteriormente foram anexados à série C. Por esse motivo, é comum encontrar ao longo da coleção, repetições de artigos.

<u>Í N D I C E</u>		Pág.
- Coronel Milton Freire - Adeus, meu Comandante!...	11
- Raimundo: retirante que se fez escritor		23
- O caldeirão da zona oeste ficou fervendo com o telegrama fantasma do governador		30
- O avião de Sarmento de Beires no Potengi e a viagem sem cômodo a bordo do Pará		34
- Ginásio Diocesano Santa Luzia (A carta do Pe. Jorge O'Grady)		38
- Nas pistas arqueológicas de São Raimundo Nonato		40
- Notícias de todo dia - Rafael Fernandes		44
- Mossoró não verá outro Raimundo Nonato - Vingt-un Rosado		48
- Ficha do leitor - Oswald Lamartine ..		49
- O prefácio do Almirante Yapery		53
- Palavras de Luís da Câmara Cascudo ..		55
- Terra e gente de Mossoró		57

Figura 6 - Sumário do livro, *A Janela do Tempo, Memórias de Meus Remotos dias*, (NONATO, 1991a).

Outra característica marcante do seu texto é a familiaridade que demonstra com o contexto e o desenrolar das tramas locais. Muitas vezes narradas em forma de diálogo, parecem se tratar de conversas contadas informalmente em um café entre amigos. A leitura leve e simples, não por acaso, aproximou os leitores e tomou o imaginário local como referência à reconstituição do passado das espacialidades que compõem o Oeste Potiguar, centro da sua narrativa. O sumário acima exemplifica como eram organizados os volumes que geralmente compunham a coleção.

A coleção *Minhas Memórias do Oeste Potiguar* revela-se como o reduto de memórias de Raimundo Nonato. Em seu desenvolvimento, são frequentes as cartas dos amigos das letras pedindo que Nonato “puxe da memória”, informações sobre ruas, pessoas, acontecimentos e experiências vividas outrora, de modo que, nos faz entendê-lo dentro do

projeto escriturário da Coleção Mossoroense, como o responsável pelo passado. Aquele cuja escrita auxiliaria na maneira de pensá-lo e reconhecer-se diante dele. Por isso, dedicou-se a reunir escritos que contemplam temporalidades distintas e representam maneiras de olhar para esse passado que não se quer esquecer. Tanto ele, quanto os seus pares, eram adeptos da publicização de comentários em veículos diversos: como cartas, jornais, livros, etc. Como se tais comentários fossem capazes de legitimar o passado construído por eles através da narração de suas memórias.

Outros impressos da Coleção Mossoroense têm contribuído significativamente como fonte para a historiografia potiguar. São vários os trabalhos que os problematizam de maneiras diversas, a fim de compreender o modo como atuam na constituição de representações tanto na historiografia quanto no imaginário coletivo potiguar. Não é nossa intenção tomar a Coleção Mossoroense como objeto, mas atentar brevemente à maneira como a historiografia tem se reportado aos seus impressos. Dessa maneira, pode-se compreender no que a escrita de Raimundo Nonato se assemelha e se diferencia, no tocante às leituras e representações até então promovidas em torno dos impressos da editora.

Na dissertação intitulada *A Coleção Mossoroense e a Construção dos Mitos: Dix-sept Rosado, o herói imolado*, Alessandro Teixeira Nóbrega (2007) busca compreender como a Coleção construiu um arcabouço de valores e ideais simbólicos em torno da figura de Dix-sept Rosado, corroborando com a ideia de que a editora foi capaz de construir determinadas formas de visibilidade e dizibilidade em torno da sua imagem. Enquanto figura carismática, de liderança e feitos heroicos para com a espacialidade mossoroense. Segundo Nóbrega, essa construção heroica em torno de Dix-sept deve-se ao fato de a Coleção ensejar estabelecer um elo de continuidade entre este passado glorioso com o presente, uma vez que os políticos contemporâneos da família Rosado podem ser vistos como herdeiros desta memória heroica, sendo esta uma forma de legitimar o seu poder político:

Na Coleção Mossoroense, podem-se encontrar aspectos da tradição caracterizada nas três categorias. Ela trabalha tradição para definir condições de admissão/identificação na comunidade, no caso, da cidade de Mossoró. Mas também tradições que estabelecem e legitimam a autoridade de uma determinada família, no caso de Mossoró, a família Rosado (NÓBREGA, 2007: p. 51).

Em *Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação do mando*, Lemuel Rodrigues da Silva (2004) também segue essa linha de investigação. Tomando a Coleção Mossoroense como instrumento estratégico da família Rosado, cujo objetivo principal seria perpetuar o seu poder político. A Coleção é vislumbrada como parte integrante de estratégias de manutenção do poder político, cultural e simbólico em torno de Mossoró.

A tese da historiadora Paula Rejane Fernandes (2014), nomeada *A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005*, objetiva investigar como o editor e idealizador da Coleção Mossoroense construiu, a partir da escrita de si, o seu lugar de intelectual e “bastião da cultura” da cidade de Mossoró. Para compreender como se deu essa escrita de si, analisa como Vingt-Un utilizou a Coleção Mossoroense para apropriar-se de determinados elementos da memória coletiva de Mossoró e assim criar representações de si e da sua família na história local.

Entendemos a Coleção Mossoroense como sendo parte constitutiva do processo de escrita de si de Vingt-un. Esse entendimento provém do fato de que ao criar a Coleção Mossoroense, Vingt-un criou um espaço para publicação e divulgação de livros cujos assuntos eram ligados direta ou indiretamente a ele. Quando falamos que os livros tratavam diretamente de Vingt-un queremos dizer que eram obras sobre ele e isso incluía seleção de cartas passivas, depoimentos, relatórios sobre sua atuação em algum cargo, *curriculum vitae*. E quando nos referimos às obras que tratavam indiretamente dele, queremos dizer que são obras que falavam de Mossoró, de sua família, da ESAM, da seca, de paleontologia e outros. Tais assuntos tangenciavam Vingt-un, pois, ajudavam a entendê-lo ligado a vários grupos a exemplo do familiar, do político e do acadêmico (FERNANDES, 2014: p. 124).

Outro trabalho de grande relevância é *A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró*, de José Lacerda Alves Felipe (2001), que versa sobre a análise do espaço geográfico da cidade de Mossoró articulado ao imaginário social e político, o qual, por intermédio da memória, cria imagens do presente como sendo uma construção determinada pelo passado. Felipe problematiza o discurso geográfico e as representações espaciais em torno de discursos edificados através de ideologias políticas e identidades espaciais por meio da linguagem. A Coleção Mossoroense aparece uma vez mais como responsável por tecer ao longo de sua produção escriturária, a identificação da história de Mossoró com os Rosados:

A **Coleção Mossoroense** tornou-se, ao longo da sua existência no instrumento político vital para a reprodução do poder do grupo familiar. Pois

ela serve para a fabricação da imortalidade dos Rosados e, principalmente, para, através da história local/regional, narradas nos diversos títulos, inventarem a sua cultura particular, na qual os fragmentos do passado comparecem para nortear as experiências do presente e a construção do futuro [...] (FELIPE, 2001: p.123, grifo do autor).

Como é possível notar, a historiografia potiguar tem promovido discussões que relacionam a Coleção Mossoroense como instituição que tem atuado a serviço de um projeto político e intelectual para a cidade de Mossoró. Desse modo, torna-se inviável estudar qualquer fonte impressa pela Coleção e ignorar as leituras em torno do seu projeto escriturário, uma vez que, as narrativas são carregadas por representações simbólicas do seu lugar de produção e, neste caso em específico, auxiliam na construção de uma tradição para a cidade de Mossoró, sobretudo, em torno do seu principal grupo político. São formulações que através de repetições visam incutir no imaginário coletivo, determinados comportamentos e apreensões da realidade.

[...] sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto [...]. Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (HOBSBAWM & RANGER, 2008: p.10).

A sucinta revisão historiográfica, esboçada acima, se deu no intuito de apresentar a maneira como a historiografia potiguar tem se reportado à Coleção Mossoroense, apontada como instrumento fundamental na construção de narrativas identitárias em torno da cidade de Mossoró como centro regional. Contudo, não é a nossa intenção seguirmos o mesmo foco de análise – embora não o desprezemos. Isso porque não compreendemos a escrita de Raimundo Nonato como instrumento que agiu exclusivamente a serviço de um grupo familiar. Ao contrário dessa postulação, entendemos que atuou dentro de um projeto escriturário, que acabou sim, sendo utilizado com vias a legitimar um projeto de poder local. Sendo preciso, portanto, articulá-la ao seu lugar de produção, a fim de compreendê-la evitando reducionismos simplistas. Aqui, o interesse é voltarmos-nos à natureza do conhecimento que produz. Em busca da compreensão dos elementos simbólicos que agem na construção de uma cultura histórica em torno do que é narrado.

Numa escrita que se faz marcada por peculiaridades que cruzam a construção memorialística em torno do passado da região, estabelece um elo entre temporalidades distintas, que atuam no processo imaginativo e identitário da sua geração e das que a sucederam, de modo a representar uma dada maneira de se olhar para o passado, fazendo com que haja certa identificação com as memórias narradas por ele. Como se a sua escrita fosse capaz de reproduzir um passado comum ou pelo menos um meio de “acesso” a ele. Acreditamos que pensar esta escrita, enquanto mecanismo capaz de construir uma cultura histórica, em torno do Oeste Potiguar, abra caminhos para discussões mais amplas na historiografia local.

Assim sendo, esclarecemos que o objetivo deste capítulo foi atentar ao *lugar social* de Raimundo Nonato. Iniciando com a sua trajetória pessoal; passando pelos lugares institucionais aos quais pertenceu, especialmente, a editora na qual publicou os livros aqui tomados como fonte. Esta discussão inicial faz parte do processo de entendimento das leituras e representações em torno de Mossoró e dos letrados ligados à sua produção intelectual. A seguir, o intuito será atentar às narrativas historiográficas que a compuseram historicamente enquanto cidade e centro regional.

3. O “PAÍS DE MOSSORÓ”: A CIDADE COMO CENTRO REGIONAL

O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.

(BLOCH, Marc)

Nos idos do século XX, o historiador francês Marc Bloch afirmou que a “história é a ciência do homem no tempo”, em oposição à ideia de que lida exclusivamente com o passado – como acreditavam os historiadores do século XIX. Romper com tal ideia significou expandir o objeto de estudo da história às ações e transformações humanas no tempo. Não se restringindo apenas ao passado. Tendo como base o entendimento de uma diacronia temporal, a História fixou-se no seio das Ciências Humanas e Sociais, sobretudo, a partir de 1930, abrangendo uma extensa variedade de objetos e recortes espaciais e temporais.

Ao longo do século XX, esta mudança de postura representou uma verdadeira revolução nos domínios historiográficos. O diálogo pautado na interdisciplinaridade assegurou um caráter mais construtivo à história, ao ampliarem-se as fontes, objetos de estudo e métodos de abordagens. Com isso, os historiadores abriram o seu campo de conhecimento a outros campos de saberes. Neste contexto houve uma intensa aproximação com disciplinas como a Sociologia, Geografia, Economia e Antropologia. Então surge a História Social, a Geo-História, a História Econômica e a História Cultural.

A Escola dos *Annales* auxilia na confirmação do *Homem* enquanto “ser social”, em detrimento à antiga preocupação com as instituições políticas. A Geo-História trouxe o *espaço* ao primeiro plano, como objeto de investigação e sujeito da história. O contato com a Geografia, disciplina que se dedica ao estudo da materialidade física do espaço, permitiu um maior entendimento acerca do mesmo. O espaço ganha contornos diferentes quando abordado pela historiografia. Pois, esta alarga o seu entendimento ao considerar não somente o seu aspecto físico, mas o social, político e imaginário. Passando a ser entendido como parte de um “campo de forças” capaz de possibilitar a compreensão de práticas diversas. Isso porque é dada uma maior ênfase neste enquanto palco no qual se realizam as ações do homem no tempo (BARROS, 2005: p. 98).

A geografia exercerá grande influência na Escola dos *Annales* através das ideias de Paul Vidal de La Blache. Considerado o fundador da Escola Regional francesa e precursor da corrente⁵¹ de pensamento, denominada por Lucien Febvre, de *possibilismo*⁵². Um dos maiores impactos da orientação dos *Annales* em direção à geografia pode ser percebido na desaceleração temporal, pois, até então a tendência da historiografia era privilegiar as permanências e repetições que criavam tendências seculares. Esta nova orientação rompe com o interesse exclusivo nos acontecimentos, como fazia a história historicizante predominante no século XIX. Em 1953, Febvre chega a declarar que a geografia vidaliana teria criado a história dos *Annales* (DOSSE, 2004).

Considerando tais ponderações acerca da relação entre história e espaço, a partir deste ponto, debruçar-nos-emos sobre algumas questões que ajudam a historicizar a mesorregião Oeste Potiguar, de maneira a buscar compreender minimamente os meandros que perpassam a sua construção sociocultural. Afinal, como defende o geógrafo Milton Santos (1994), o espaço é o resultado de uma produção, não havendo como separar a sociedade do espaço geográfico, pois, se trata de um “conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não” (SANTOS, 1994: p. 49). Os resquícios do passado deixados nestes espaços, aqui considerados por meio da escrita do intelectual Raimundo Nonato, servem ao presente enquanto elo de significação com os novos signos da mudança em vida social.

3.1. A mesorregião do Oeste Potiguar

A formação e o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte, de capitania a província, foram marcados por um processo de descentralização que culminou na formação de centros regionais autônomos, com pouca comunicação entre si. Os clássicos da historiografia potiguar já atentaram a este aspecto, como é o caso de Rocha Pombo (1992), Tavares de Lyra

⁵¹ Esta corrente se contrapõe ao *determinismo ambiental*, do alemão Friedrich Ratzel. Para quem o homem transforma o meio onde vive de várias maneiras possíveis. Uma vez que não obedeceria a uma relação de causa e efeito, pois, as condições naturais do meio influenciariam e determinariam as atividades humanas e a vida em sociedade.

⁵² O possibilismo encara o ambiente natural como um fornecedor de possibilidades para a modificação humana e não como meio que determina a evolução das sociedades. Mesmo admitindo a sua influência sobre o homem, entende este como organismo ativo com condições de modificar o meio natural e adaptá-lo segundo as suas necessidades.

(2008) e Luís da Câmara Cascudo (1984; 1999). Essa descentralização teria sido responsável pela construção de discursos identitários regionais fragmentados e independentes em relação à capital, Natal.

O isolamento na comunicação com o interior, por causa dos seus aspectos naturais – o rio, o mar e as dunas –, dificultava a construção de um discurso identitário capaz de unificar o Estado. As duras críticas que pairavam sobre a capital davam falta de sua liderança administrativa, econômica e intelectual para com o restante do território potiguar. Assim, a sua identidade foi sendo marcada pelo silêncio, pela inexistência de um discurso que apontasse um conjunto homogêneo de aspectos, atributos e características que identificassem o que é ser um *potiguar*⁵³.

O historiador João Maurício Gomes Neto (2010) chama atenção em seu trabalho intitulado, “*Entre a ausência declarada e a presença reclamada: a identidade Potiguar em questão*”, para a constituição de “três núcleos regionais independentes entre si”, responsáveis por tecerem discursos identitários próprios dentro do RN:

[...] o litoral com Natal, o Oeste com Mossoró e o Seridó, capitaneado por Caicó. Cada um deles construiu representações sobre si, mas no tocante a constituição de uma identidade para o estado, as tentativas parecem ter encontrado sempre a concorrência da diversidade de projetos e pouco consenso sobre o que melhor lhe representaria (GOMES NETO, 2010: p. 27).

Gomes Neto atenta ainda para o fato de que nem mesmo ao longo das três últimas décadas do século XIX, com a fundação do IHGRN, os objetivos de se construir uma tradição para o potiguar parecem ter concretizado uma narrativa em comum. O RN ainda carecia de uma *potiguaridade*, de uma resposta ao discurso de falta à lacuna identitária. Ao final da reflexão que enseja, o historiador defende que “a identidade potiguar é justamente não ter identidade” e completa:

⁵³ Ao contrário do que ocorre com outros estados do Nordeste. Por exemplo, em Pernambuco, a *pernambucanidade* foi construída como forma de “resistência” ao domínio holandês e se faz intensa até os dias atuais; Na Paraíba, a identidade foi forjada com base nos ideais de bravura e coragem. A *paraibanidade* foi construída a partir da narrativa historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Sobre isso, ver: QUINTAS, Amaro. *A revolução de 1817*. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: FUNDARPE, 1985; DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrépida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local*. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996.

Ela existe porque se afirma um *eu* em contraposição a um *outro*, porque está eivada de alteridade. Dito de outra maneira, habitam tantas identidades no que se convencionou de identidade potiguar que por motivos de ordem variada, não se construiu um discurso homogêneo sobre ela, apesar das tentativas difíceis de serem enumeradas. Assim, ao mesmo tempo em que parece abrigar o *tudo*, carrega em si, contraditoriamente, o *nada*, que provoca inquietações e instaura certo sentimento de *falta*, angustiante (GOMES NETO, 2010: p. 140, grifos do autor).

Em contrapartida a esse “vácuo” acerca da identidade potiguar, intensificam-se e fortalecem-se os discursos identitários dentro do seu interior. Estes se sobrepõem a um discurso homogêneo que represente o estado como um todo. O historiador Renato Amado Peixoto (2010) comunga com esta ideia ao tratar das estratégias na produção identitária no Rio Grande do Norte, no início do século XX. Peixoto problematiza o modo como as organizações estaduais, aliadas ao arranjo político instituído com o IHGRN, possibilitaram a construção, disseminação e reelaboração do discurso historiográfico em torno dessa espacialidade (2010: p. 179). A narrativa territorial aparece como sendo capaz de fundar simbolicamente uma nova sociedade, remetendo a um passado sagrado de valor excepcional, que ela mesma instituíra (2010: p. 180). Explica:

Observando a história política do Rio Grande do Norte a partir dos dados coletados, pudemos observar que a atuação política na província se baseou desde pelo menos o século XIX em organizações familiares bem constituídas, com estratégias e dinâmicas próprias, que alicerçaram seu poder em bases territoriais e que possuíam um sentido espacial de sua articulação (PEIXOTO, 2010: p. 181).

Assim, sugere que ao pensar a questão da produção historiográfica norte-rio-grandense, deve-se levar em consideração que é uma produção que visa atender aos interesses e atividades de organizações familiares, a fim de consolidarem o seu poder local. Peixoto converge com o que propõe Gomes Neto, ao avaliar que a construção espacial e identitária do Rio Grande do Norte estão intimamente ligadas aos interesses de três polos principais: o Seridó, Mossoró e Natal. A sua análise se detém ao modo como as articulações entre as organizações familiares potiguares atuam neste processo (PEIXOTO, 2010).

É, neste sentido, que tais discussões encontram o presente trabalho. Pois, esbarram em um dos principais núcleos na constituição identitária dentro do RN: a cidade de Mossoró. De maneira que quando se fala em Mossoró e na sua elaboração espacial e identitária, é possível

remeter à escrita de Raimundo Nonato, já que a maior parte da sua obra tem como centro narrativo esta cidade, os seus personagens e as experiências ali vivenciadas. Desta feita, parte-se da reflexão que toma a participação da escrita de Raimundo Nonato no processo que coloca Mossoró como centro na construção identitária dentro do Estado, sobretudo, no que se refere ao Oeste Potiguar.

Como mencionado anteriormente, a historiografia tem alargado o sentido de algumas noções utilizadas tradicionalmente pela geografia, como o conceito de *espaço*. Este, que vinha sendo utilizado por algum tempo sem fazer relação ao processo histórico do qual é resultante. A historiografia, ao contrário, tem se preocupado em abordá-lo como produto da ação dos sujeitos históricos e de determinadas relações sociais. Este conceito se apresenta como basilar à investigação aqui ensejada, na medida em que tomamos por objeto de estudo histórico as narrativas de Raimundo Nonato em torno de uma espacialidade.

Desse modo, dada à natureza das fontes e o modo como estabelecemos a leitura em torno destas, promovemos um diálogo com o historiador Michel de Certeau (1994), que entende o espaço como fruto de práticas humanas e sociais, elaboradas historicamente por indivíduos e/ou grupos. As narrativas de Raimundo Nonato são encaradas como estruturas que possuem valores espaciais ligados a lembranças e/ou descrições que representam maneiras de praticar os espaços. São *relatos de espaço* que “atravessam e organizam lugares; (...) os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços” (CERTEAU, 1994: p. 199). Assim sendo, é necessário problematizar tais relatos a fim de desnaturalizar o seu processo de construção. O conceito de espaço é aqui pensado por meio da categoria de *região*, como sendo construído e significado culturalmente, através de relações políticas e sociais instadas dentro de um determinado processo histórico.

No ano de 1987, o Departamento de Geografia (DEGEO) e a Divisão de Estudos Territoriais (DITER) elaboraram, junto ao IBGE, a divisão regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas. Esta divisão veio substituir o modelo organizacional de 1968, que dividia o território regional em Microrregiões Homogêneas. O projeto reuniu geógrafos e técnicos das unidades regionais do IBGE e instituições federais, estaduais e municipais, que contribuíram com documentos que permitiram unir a linha metodológica do Instituto à realidade espacial de cada região. A nova divisão regional do Brasil foi aprovada através da resolução interna PR-51 de 31/07/89, vindo a ser oficializada em 01 de janeiro de 1990, pelo Sistema Estatístico Nacional.

O IBGE explica que esta divisão regional foi institucionalizada para fins estatísticos, respeitando os limites político-administrativos de cada unidade da federação. Parte-se de um conceito de organização espacial que considera diferentes estruturas, resultantes da dinâmica social sobre um suporte territorial. No que se refere à metodologia operacional, o IBGE aponta a *mesorregião* como uma área que apresenta formas de organização do espaço geográfico. Definido com base tanto no seu processo social, quadro natural condicionante; quanto na rede de comunicação como elemento na articulação espacial. Os seus critérios respeitam as denominações tradicionais dos centros urbanos de importância regional, cujo procedimento operacional se dá a partir do estudo da História Social, dos dados geográficos e análise cartográfica de cada unidade (IBGE, 1990: p. 9) ⁵⁴.

Como demonstrarão os mapas, o Estado do Rio Grande do Norte é composto por quatro mesorregiões: o Oeste Potiguar, a Central Potiguar, o Agreste Potiguar e o Leste Potiguar. Aqui, deter-nos-emos a compreender a construção histórica e historiográfica da região Oeste Potiguar. Segunda mais populosa do Estado, formada pela união de 62 municípios, agrupados em sete microrregiões: a Chapada do Apodi, o Médio Oeste, Mossoró, Pau dos Ferros, Serra de São Miguel, Umarizal e Vale do Açu. A mesorregião Oeste Potiguar corresponde à porção ocidental do Estado do RN e abrange uma área que vai do litoral norte ao trecho sudoeste. Sua organização espacial é articulada pela cidade de Mossoró, o segundo centro urbano do Estado, que exerce papel de capital regional– e também microrregião –, com importante função econômica e que articula todo o espaço mesorregional ao estabelecer ligações diretas com os demais centros microrregionais (IBGE, 1990).

⁵⁴ A análise destes aspectos nos ajuda a pensar a dimensão de importância que a escrita de intelectuais, como Raimundo Nonato, ocupou neste processo. Além de comungar com a ideia de que os aspectos históricos, no sentido cultural, social e simbólico, ajudam a “fundar” recortes espaciais.

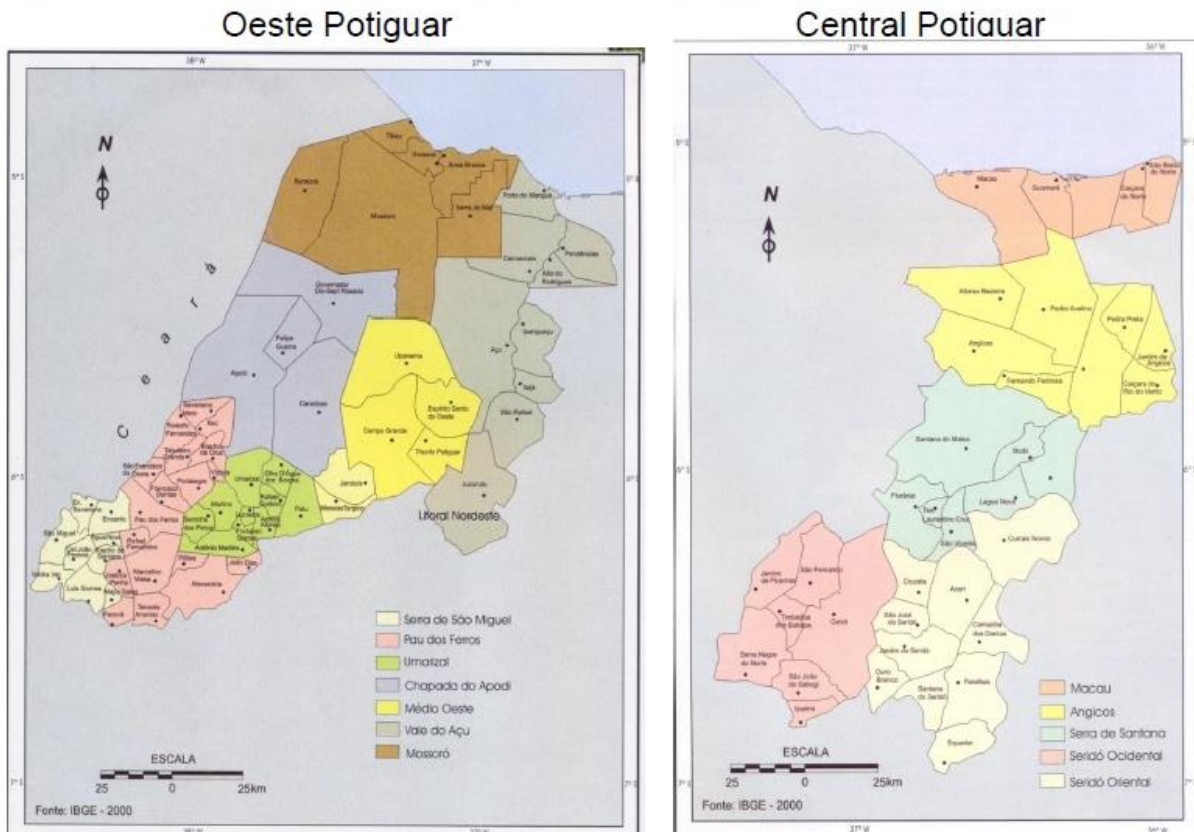


Figura 7 – Mapa da divisão do RN em Mesorregiões (1989) – Parte 1. Fonte: IBGE.

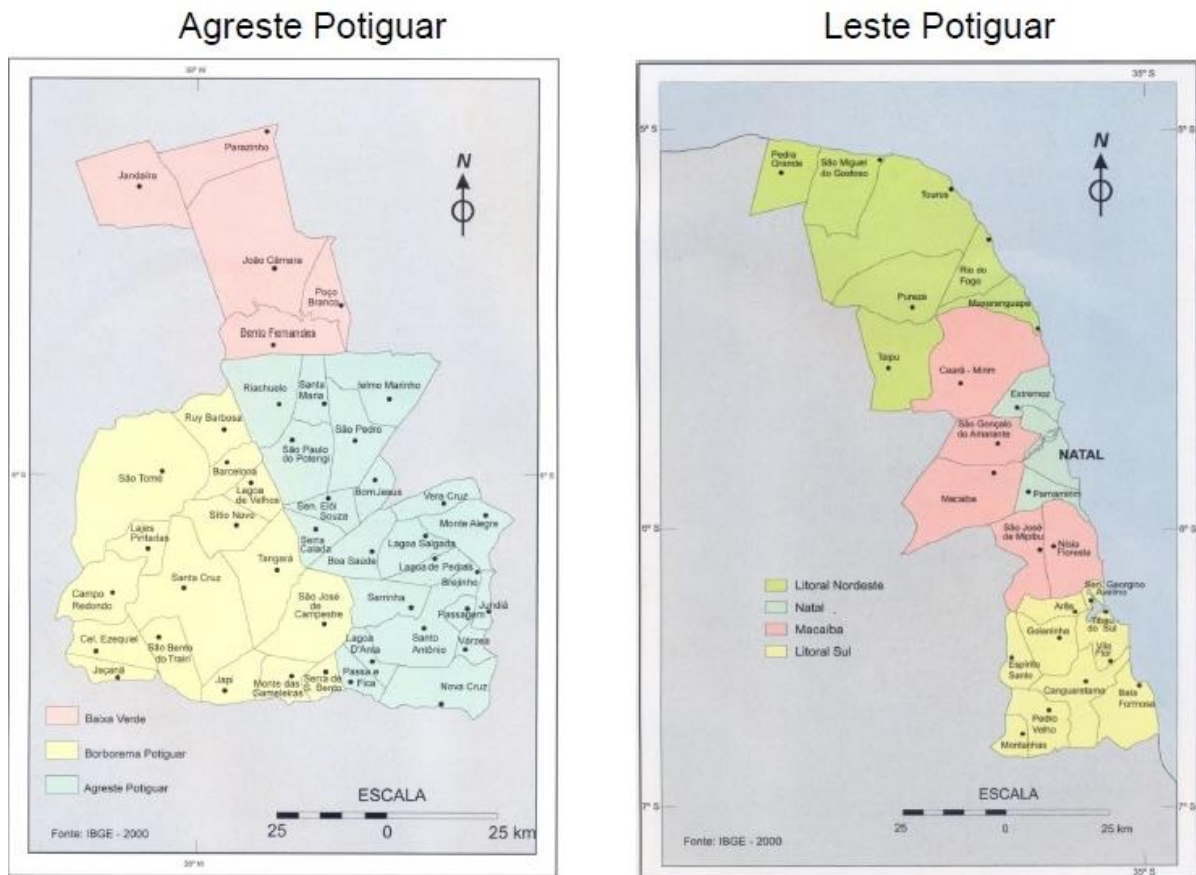


Figura 8 – Mapa da divisão do RN em Mesorregiões (1989) – Parte 2. Fonte: IBGE.



Figura 9 – Mesorregiões do Estado do RN após divisão oficializada em 1990. Fonte: IBGE.

Em destaque no mapa do Oeste Potiguar, a microrregião de Mossoró. As *microrregiões* são partes integrantes das mesorregiões, que apresentam especificidades quanto à organização espacial. Isso não significa necessariamente que haja uma uniformidade nos atributos ou autossuficiência em relação à mesorregião. Mas são especificidades que se referem a elementos do quadro natural ou relações sociais e econômicas particulares. Como a agropecuária industrial, o extrativismo mineral ou mesmo áreas de produção de comércio, incluindo atividades rurais e urbanas que se destacam a nível local. Os critérios também levam em conta a hierarquia urbana dos centros que influenciam as cidades e o seu contingente populacional (IBGE, 1990: p. 10).

Pierre Bourdieu (1989) sustenta que não existem elementos capazes de fundamentar classificações “naturais” em regiões “naturais” separadas por fronteiras “naturais”. Uma vez que a região e as fronteiras regionais são vestígios de um ato de autoridade ligado ao princípio de divisão do mundo. É um ato de direito que consiste em afirmar com autoridade a existência do que enuncia. Trata-se de um estado de relação de forças, materiais ou simbólicas, entre os interesses de classificação que buscam uma autoridade científica para legitimar o que seria

uma realidade regional. O regionalismo é apenas um exemplo dos diversos tipos de disputas simbólicas nas quais os agentes envolvidos, individual ou coletivamente, buscam a conservação ou a transformação das relações de forças nas práticas de poder e saber.

Sem desconsiderar os critérios oficiais, citados anteriormente, o nosso entendimento em torno do conceito de região considera que estas são construções históricas e produtos culturais bem específicos, de modo que, o entendimento do seu processo constitutivo, deve considerar suas origens históricas, as significações em torno das mesmas, suas transformações ao longo do tempo e os fatores que lhe conferem “legitimidade emocional”. Como sugere Edward Said (1990), os lugares, regiões e setores geográficos não são entidades inertes ou naturais, mas construções humanas no tempo, carregadas de história, tradições e elementos imaginativos que lhe atribuem significado. Com isso, é fundamental explicitar, que não se trata de uma criação que não possui uma realidade correspondente, embora não signifique dizer que corresponda a um todo real e homogêneo.

No caso da região em questão, a mesorregião Oeste Potiguar, entende-se que o seu processo de historicização passa pelo entendimento das narrativas historiográficas construídas em seu entorno, dado que se trata de narrativas que ajudam a fixar no imaginário coletivo um conceito de região pré-existente. O imaginário em torno da espacialidade se torna tão arraigado, naturalizado, a ponto de não haver questionamentos quanto ao seu processo de elaboração, como se existisse “desde sempre”. É neste processo que as narrativas históricas e historiográficas produzidas, sobretudo, pela Coleção Mossoroense, constroem a região Oeste Potiguar, firmando a cidade de Mossoró como sua capital.

Raimundo Nonato comunga com a ideia que toma Mossoró como “região” – independente da denominação oficial. Numa abordagem que, ao que parece, projeta a cidade para além dela⁵⁵. Ou melhor, amplia os seus domínios além dos aspectos geográficos naturais, enfatizando a sua área de influência cultural sobre os municípios ao seu entorno. No plano político, a construção historiográfica em torno desta região, está ligada aos interesses da

⁵⁵ Esta questão não é, ao que parece, uma exclusividade de Mossoró. Pois há uma tendência em cidades interioranas em demarcar uma identidade própria em relação à capital do Estado. Mais uma vez recorremos ao exemplo da Paraíba; ao salientarmos a existência de uma identidade muito própria à cidade de Campina Grande em relação à capital João Pessoa. De maneira que, o discurso identitário local se sobrepõe, muitas vezes, ao estadual/regional. Carvalho atenta para uma “invenção” discursiva em torno de Campina Grande, “ao inserir o discurso da cidade pólo, entreposto comercial estratégico ao desenvolvimento do próprio Estado da Paraíba” (CARVALHO, 2011: p. 17).

família Rosado. Que intencionava projetar a cidade de Mossoró como centro regional, a fim de expandir a sua área de influência política e cultural sobre o Estado.

A partir da década de 1950, as narrativas espaciais e identitárias são intensificadas em torno de uma “região mossoroense”. O discurso de Vingt-un Rosado, no VIII Congresso Brasileiro de Filantropia, em 1975, serve como exemplo:

Esta noite marca na história do **país de Mossoró** (grifo nosso) o encerramento de uma jornada inesquecível de ciência, de técnica, de sensibilidade, de integração da gente do continente brasileiro [...] A cidade foi enriquecida no seu patrimônio espiritual e científico. Os mestres, os grandes mestres da ciência das fito moléstias conheceram Mossoró, sua gente, seu povo, seus milhões de cajueiros sedentos de orientação técnica para que os valentes projetos da caju cultura **regional** (grifo do autor) não se transformem no doloroso desastre econômico causado pela ontracnose, pela mosca branca e sei lá com quantas doenças e pragas outras a caatinga se vingaria pela quebra do equilíbrio biológico [...] Se eu pudesse dizer uma saudação sincera de agradecimento aos cientistas do Brasil que aqui estiveram, eu falaria assim: Pelo país de Mossoró, muito obrigado (ROSADO *apud* COSTA, 2011: p. 109-110).

Como atesta o trecho acima, o processo de significação espacial e identitário em torno da cidade a projeta como espaço diferenciado em relação ao Estado. A construção em torno do “país de Mossoró” não favoreceu somente aos interesses políticos ou de alguns intelectuais a seu serviço, mas serviu para ampliar o campo de estudo, análise e produção a respeito da própria cidade e dos municípios que supostamente a compunham como região. Certamente, a produção cultural e historiográfica que utilizava de tais mecanismos discursivos, serviu à sua oficialização como microrregião e *capital* da mesorregião Oeste Potiguar, uma vez que, como afirma o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os critérios de oficialização respeitam as “delimitações tradicionais e hierarquias urbanas dos centros que influenciam as cidades e articulam os espaços” (IBGE, 1990: p. 9).

Raimundo Nonato discorre a seguir sobre a “Zona Oeste”:

A geografia regional tem suas peculiaridades interessantes, necessárias mesmo. No Rio Grande do Norte, por exemplo, a nomenclatura da Zona Oeste. **O nome hoje, de bom uso, não representa nenhum acidente** e não tem outro ponto de apoio, senão a sua própria localização, na parte ocidental do Estado. **Os acontecimentos porém correram em favor da sua vulgarização. A imprensa, por vezes, deu-lhe destaque. E a política, sobretudo emprestou-lhe uma fama de pequena vendéia dos sertões.** De modo particular, Zona Oeste designa a extensão de mais de dez municípios que se localizam nas terras da bacia do Apodi e seus afluentes, quase todos na interferência da linha que demarca a fronteira cearense. Até hoje os

rudimentos de Geografia ensinados nas nossas escolas primárias, vem levando em consideração, e em plano muito mais destacado, o objetivo dos elementos físicos e do meio, do que os propriamente sociais, econômicos e humanos. Ali, os primitivos roteiros das lições baseados no que de mais completo se publicou, no assunto, sobre o Rio Grande do Norte – os estudos de A. Tavares de Lira e as monografias de Manuel Dantas – tem como ponto de partida, a divisão territorial do Estado, naquelas cinco zonas, cujas diferenças de constituição e estrutura são características do seu aspecto fisiográfico. Em resumo: um esquema visual da vida do Rio Grande do Norte, observando através do seu panorama físico. (NONATO, 1989a: p. 9, grifo nosso).

Nesta passagem, fica claro que estes intelectuais tinham ciência do papel desempenhado pelas construções socioculturais e simbólicas das suas escritas. Raimundo Nonato afirma que, na sua concepção, a construção da nomeação em torno da “Zona Oeste” se dá inicialmente através da sua disseminação tanto na imprensa, quanto na política. E, só depois se consagra com base no panorama dos aspectos físicos do seu meio. Trata-se de um comentário bastante singular, pois, é raro encontrar alguma menção à historicização que ele e seus pares dão ao Oeste. Uma vez que, no geral, já se referem a ele como algo dado, natural. Acima, dá pistas do que entende por ele como espaço físico e também enquanto construção intelectual e cultural por aqueles que lhe atribuem significado.

É válido salientar que as construções dos espaços regionais não podem ser entendidas como algo dado “de cima”, como se fosse uma imposição. Isso porque, embora atuem neste processo, no sentido de incutir determinados pensamentos, ideias e conceitos; os sujeitos que experienciam os espaços têm liberdade para significá-lo também à sua maneira, pois se tratam de práticas também subjetivas e não invenções carregadas por mitos e fantasias. É necessário ter em mente, que diz respeito a um conjunto formulado por gerações, apregoando teoria e prática. Responsáveis por um investimento material e simbólico naturalizados pelo tempo. O processo se dá por meio de uma “*distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos” (SAID, 1990: p. 24, grifo do autor), assim como descreveu Raimundo Nonato, acima.

O conceito de *comunidades imaginadas*, formulado por Benedict Anderson (2008), nos auxilia de maneira singular neste aspecto, pois, nos permite pensar a espacialidade Oeste Potiguar, não no sentido de ser uma comunidade legítima ou não, mas buscando aferir a maneira como é imaginada por seus membros. Anderson atenta que “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo como são imaginadas” (2008:

p. 33). Assim, interessa-nos perceber os substratos culturais envolvidos no seu processo imaginativo de significação e pertencimento. Por esta razão, ao longo do próximo tópico, tentaremos demonstrar como a escrita de Raimundo Nonato auxilia na construção de um passado para a espacialidade. A intenção é compreender a maneira como cria uma narrativa identitária para o Oeste, dotando-o de significado, como uma comunidade, que por meio dos escritos se firma simbolicamente no imaginário coletivo.

3.2. Roteiros do *espaço* e do *tempo*

[...] sendo pra cumprir ordens de Mossoró, não tenho dia, nem noite, durmo com os olhos abertos, na expectativa de ver sempre essa paisagem da amizade e do afeto, que me enchem o peito e dão vida ao coração.⁵⁶

Raimundo Nonato.

O ato de “descortinar” lembranças parece ser a maneira encontrada por Raimundo Nonato, para fixar o retrato dos espaços, sujeitos e experiências que, a seu ver, devem ser imortalizadas nas páginas da história local. É perceptível que o ato de escrever não se configura, para ele, como mera distração. Em vários momentos deixa claro tratar-se de um compromisso com o tempo e com as gerações futuras, que poderiam trazer à baila os personagens, histórias e espaços narrados por ele. É como se assumisse um compromisso com o passado e com as gerações. Como procuraremos demonstrar, a sua coleção de memórias se apresenta como um exercício de cultura histórica, assim como afirma Paul Ricoeur (1994), “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1994: p. 15).

Os trechos narrados a seguir dão conta da maneira como a escrita de Raimundo Nonato se faz mesclada por materialidades e subjetividades. As ruas, os espaços e os sujeitos se consubstanciam nos seus relatos, aguçando o imaginário e a memória individual e social. Sua escrita historiciza elementos do passado de Mossoró e região Oeste através de descrições de fatos, paisagens, ruas e estabelecimentos comerciais. São memórias produzidas sobre os

⁵⁶ Trecho extraído de uma carta enviada por Raimundo Nonato, cuja data e destinatário encontram-se rasurados. Contudo, o seu teor leva a crer que o destinatário se trate de Vingt-un Rosado.

escombros do que já não existe, mas que contribuem na construção de uma identidade em torno do que é narrado.

Iniciemos com a descrição do seu reencontro com o engenho da Marizeira, na cidade de Martins. Ao narrar o lugar onde trabalhou durante parte da infância, consegue reunir detalhes que ajudam a recompor a paisagem comercial e social, levando em conta o entrelaçamento da sua percepção temporal, entre a sua lembrança de menino e o cenário encontrado após décadas:

[...] 70 anos depois do derradeiro encontro, descortinei daquela espécie de Mirante de Ladeira, a mesma amplidão dos canaviais que fora a sedução dos olhos de minha meninice obscura, [...] descobriria através das sombras da saudade, a visão meteórica dos anos 1917/1918, [...] naquela época a propriedade era posse de direito do Senhor Porcino Costa, um homem de múltipla atividade, senhor de terras, fazendeiro e pecuarista, que nem morava mais no local, pois se mudara desde muito tempo para além do Pé da Serra, fixando-se no local conhecido pelo nome Gavião, que não tardou a mudar de nome para Divinópolis [...] mais tarde ainda veio a ter alteração de nome, passando a atender pela denominação sonora de Umarizal, que não tardou em alcançar fama como centro de comercialização e de expansão social e política [...] Agora o engenho de ferro era outro, muito mais possante, com as moedas horizontais acionadas por um locomóvel. Tudo dava a entender que a produção de rapadura era bem maior do que antigamente, pois aquela hora do entardecer, a faina continuava em plena atividade. [...] No seu meio e nas suas adjacências tudo era atividade. O engenho era o centro de interesses (NONATO, 1990a: p. 38-41).

Logo nas primeiras páginas do livro *Memórias de um retirante* (1987a), inicia a sua narrativa acerca das lembranças do seu tempo de “cambitador” de cana nos engenhos de rapadura, na Zona Rural da Serra de Martins. A partir de relatos meticulosos, descreve a rotina ali estabelecida, atentando aos demais trabalhadores do local e às paisagens que compunham a labuta diária nos engenhos e nas casas de farinha:

Nessa faina que principiava pela madrugada, e prosseguia dia a dia sem descanso, quando o sol apontava, já estavam cheias as duas grandes tachas de limpar a garapa e o parol se encontrava esborrotando pelas beiras. Daí, não demorava muito e a chaminé estava soltando grossos rolos de fumaça pelo ar. Era sinal de que a moagem começava naquele dia e o engenho todo se movimentava em franca atividade (NONATO, 1987a: p. 14).

Acima, percebemos os detalhes quanto à rotina dada nos engenhos. Um trabalho que só tinha hora para começar e que se estendia por noites a fio.

O almoço, no engenho de seu Porcino Costa, era sempre de sobra. Na Marizeira se trabalhava como o diabo, mas também o cinturão vivia esticado, pois panela, ali, não tinha pena de desgraça. Tudo era com fartura. À hora certa, e à sombra da alpendrada que deitava para o lado do açude, ou debaixo dos laranjais que se espalhavam pelos arredores, os trabalhadores se amontoavam, pelo chão, por cima de algumas pedras, assentados em cepos de aroeiras, ou mesmo de cócoras, fazendo roda, em derredor de um imenso alguidar de barro, fumegante, cheio de mungunzá, de paçoca, ou de pirão de carne de bode, por onde o caldo ficava morejando nas bordas, de mistura com pedaço de jerimum caboclo e folhas de coentro. [...] Não havia sesta nem repouso para a digestão (NONATO, 1987a: p. 14).

Como se vê, Nonato revela detalhes que ajudam a compor o retrato da rotina e da culinária tipicamente regional no imaginário do leitor. Ainda ajuda a representar o cenário experienciado por muitos naquele período. Em outro trecho, percebe-se o seu intuito em explicitar o seu sentimento em relação à luta pela sobrevivência. Sendo curioso notar a tentativa em contrabalancear os pontos negativos e positivos vividos no contexto:

Por toda a rechã da Serra do Martins, a vida da gente pobre era dura, um bocado difícil de engolir. [...] Tão encaixado me encontrava nessa faina, que, aquela trabalhadeira, em vez de ser cansaço, era para mim, até uma espécie de divertimento a que me entregava com alegria e com respeito espírito despreocupado (NONATO, 1987a: p. 13).

Abaixo, para além das áridas paisagens do sertão⁵⁷ martinense, procura recompor uma paisagem sentimental⁵⁸. Vejamos a sua descrição:

⁵⁷ O historiador Durval Muniz, atenta para a existência de uma vasta literatura histórica sobre o fenômeno da seca, que se divide em três eixos distintos. O primeiro consta de obras de cunho memorialístico, de autores ligados às oligarquias nordestinas e são marcadas por uma narrativa positivista e factual acerca do tema; no segundo eixo, tem-se uma matriz tecnicista que promove uma abordagem voltada aos aspectos técnicos sobre as causas e soluções do fenômeno; por último, os autores que possuem uma visão que consideram tanto os aspectos naturais, quanto os socioeconômicos do problema (ALBUQUERQUE JR, 1988). No que tange à escrita de Raimundo Nonato, consideramos que se aproxime mais do primeiro grupo, mesmo que não inteiramente. Mais pelo estilo descritivo e memorialístico do que por defender interesses políticos de oligarquias regionais. Rotulá-lo desta maneira, seria um equívoco categórico, apenas por necessidade em atribuir rótulos.

⁵⁸ É importante explicitar também que não ignoramos o que pode ser uma estratégia discursiva ligada à perpetuação do uso, por ele e por seus pares, de expressões em torno do termo “retirante”. Numa espécie de legitimação de fala por ele utilizada. Denotando certa autoridade ao se referir sobre determinados espaços e sujeitos que fizeram parte da sua trajetória de vida. Uma trajetória narrada como sendo de superação. De modo que esta narrativa singulariza a sua fala de intelectual. Isso porque, quando se reporta às peculiaridades do Nordeste, à saga dos migrantes nordestinos, embora já narrasse partindo de um lugar distante, é como se quisesse esclarecer que também falava de si e das suas próprias experiências, que poderiam ajudar a reconstituir um contexto vivido por uma coletividade da época. Como considera o filósofo Paul Ricoeur, o *testemunho* envolve,

Depois de alguns anos bonançosos que viveram os sertões como compensação da calamidade que sobre eles caíra, durante o ano seco de 1915, volta a repetir-se, em 1919, os mesmos horrores, então, em muito maior extensão, e agravados pela falta d'água em toda a parte, pela generalizada escassez dos alimentos e pela presença do fantasma da fome, essa cara de herege, que sempre foi má conselheira. [...] O drama era desolador. A terra esturricada. Os açudes secos. A gadaria morrendo. Os engenhos de rapadura parados. As casas de farinha com as portas atravancadas. [...] Agora, sem moagem e sem desmancha, não havia como arranjar, pelo trabalho, o sustento da casa. Diante daquela crise desadogada, sem possibilidade de permanecer numa situação insustentável, só restava uma decisão, aparentemente absurda, porém, heroica: da fuga. A do abandono da terra em procura de outro mundo, de outra vida. Deste modo, caí no meio das multidões maltrapilhas dos retirantes que povoavam as estradas, esmulambadas e famintas, nas andanças para uma terra do sem fim, numa aventura esquisita, que os conhecidos e os amigos chamavam simplesmente de loucura⁵⁹. [...] Daí pra frente, a estrada larga, de barro vermelho, estendia-se com uma imensa cobra a perder de vista, e ia cortando lugares e fazendas [...] Depois, só a planície imensa. Território do seu fim... (NONATO, 1987a: p. 29-31).

O contexto descrito por Raimundo Nonato nos leva a conjecturar um cenário de seca, pobreza, escassez de alimentos e meios de subsistência. Cenário esse, comum aos que viveram os períodos de extrema seca no Nordeste brasileiro. Por meio das suas memórias, percebe-se que a região Oeste Potiguar também foi bastante atingida por este fenômeno, na medida em que retrata desde os motivos que levavam os migrantes às estradas; o que encontravam em seu caminho; até a chegada ao destino esperado. Movido, ao que parece, por sua própria experiência, Mossoró surge na sua narrativa como um lugar idealizado, como um sopro de esperança, “Foi na migração desses grupos anônimos e desconhecidos que, vi naquela manhã de sol, a cidade portentosa, que fora em outras horas, motivo de meus sonhos” (NONATO, 1987a: p. 11).

Os seus relatos acerca da cidade são, na maior parte das vezes, romanceados. De modo a distingui-la de qualquer outro espaço narrado por ele. Como se a cidade fosse a redenção de todo o sofrimento vivido por eles. Sobre Mossoró, em 1922, afirma:

mas não se limita, a uma narrativa que reporta algo visto. É apresentado com um sentido *quase empírico*, pois difere da percepção em si que a testemunha teve. Isso porque, o testemunho transporta as coisas *vistas* para o plano das coisas *ditas*. Está a serviço de um julgamento, que durante o processo de arquivamento, torna-se um texto em seu sentido pleno (RICOEUR, 2007).

⁵⁹ Muitos retirantes morriam nas estradas sem conseguirem chegar ao destino desejado. O que fazia daquela caminhada, segundo o seu relato, uma aventura que beirava à loucura.

Mossoró era, então, a metrópole dos sertões. Seu comércio vivia ainda a importância daqueles grandes dias do seu poderio econômico que projetava o nome da cidade pelas fronteiras dos Estados e pelas praças comerciais do Nordeste (NONATO, 1988g: p. 103).⁶⁰

A narrativa da sua caminhada pelo Oeste, a pé e de sol a sol, contém detalhes das paisagens encontradas pelo caminho. Como é o caso da Pedra de Abelha, hoje cidade de Felipe Guerra:

O Brejo era o aspecto iluminado de uma geografia pictórica. Um pequeno paraíso em verde – nasce. O feitiço de um oásis, de uma paragem verdejante sitiada pela agressividade das terras secas que fechavam seu perímetro. Diferente de tudo quanto tinha visto até ali, a estrada do Brejo corria por entre um corredor de cercas que defendiam os canaviais, as plantações de arroz, o trigal e os pés de milho pendoando e com as espigas já soltando os flocos dos cabelos dourados que denunciavam a maturidade da semente, das carreiras dos caroços, menos a 13^a que foi a que N.S. comeu, segundo a tradição. E o marulhar da água que corria pelos canais da irrigação despertava a curiosidade dos viandantes que admiravam o potencial criador daquelas terras ubertosas privilegiadas pela natureza. Acompanhando a linha paralela da estrada, eram tantas as casas que se estendiam à sua margem, que davam idéia de um arruado alegre e movimentado (NONATO, 1987a: p. 40).

Acima, parece tentar demonstrar que nem todos os cenários se faziam secos e fustigados, relata Pedra de Abelha como se fosse um pequeno oásis em meio ao sertão agreste, castigado pela falta d'água. Os seus pormenores se detém também às ruas, como a que morou na cidade de Martins, a *Rua das Pedras*. Esta, ganha contornos referentes à paisagem física e social:

A Rua das Pedras, em Martins, era uma espécie de Pátio dos Milagres. Ali, se aglomerava o resto, a arraia-miúda, o rebutalho da cidade. Na sua história, que não era bem história, figurava a uma tradição de barulho, de valentia dos seus arruaceiros, quase todos com elevado número de visitas ao “hotel” das grades de ferro. Recurvada num recanto que se abria no Largo do Rosário, a

⁶⁰ A sua narrativa sobre Mossoró se mostra como arquétipo do modo como era imaginada por seus membros – aqui ele já se mostra como o mossoroense que se firmou com o tempo –, bem como por quem a tinha na linha de um horizonte de prosperidade; como os migrantes que ali buscavam a sua redenção. Esta ideia ratifica o imaginário em torno de Mossoró como centro regional e o processo que circunda a criação narrativa da região Oeste Potiguar, por meio das escritas destes intelectuais. Contudo, como demonstra o próprio Raimundo Nonato em outros momentos, não eram todos que conseguiam tal feito. Tanto que narra que praticamente todos os migrantes que chegaram ao mesmo período que ele à Mossoró, retornaram à sua terra-natal. Ele próprio chegou a retornar a Martins, mas decidiu por retomar os estudos na Escola Normal e seguir, em suas palavras, o seu “destino”, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas.

Rua das Pedras era o refúgio de uma gente deserdada, a abertura por onde escorria o iodo de uma convivência de sarjeta, de degradação e de miséria humana. Raro era o dia em que não havia briga, cacetadas e luta aberta entre os moradores do casório sórdido. [...] No meio da rua humilde, suja, sempre coberta de capim, ou de lixo, corria uma profunda depressão, onde, nos dias chuvarentos, a água se enurrava, ou fazia correnteza. Naquele ponto, os moleques nus, depois do banho de chuva, construíam os açudes, com pequenas barragens de areia. A Rua das Pedras era, também, um lugar esquecido. Nunca foi lembrado, para um melhoramento, para que se arrancasse uma pedra, se entupisse um buraco, ou se removesse um bicho morto. Nas suas casas imundas, rodeadas pelo monturo que vinha de outros pontos, se amontoavam os moradores, a ralé da cidade, as tratadeiras de fato, o coveiro Juventino Cachaça. Chica Velha que tinha uma bodega na esquina. [...] assim era o retrato da Rua das Pedras. Por ali, não passavam as procissões, nem os desfiles dos meninos do Grupo Escolar. [...] para aquela gentinha perdida, sem esperanças, sem ilusões, quase sem alma e sem vida, a Rua das Pedras era o princípio e o fim (NONATO, 1987a: p. 17-19).

A memória herdada sobre a Rua das Pedras, a redime de efeitos positivos que pudessem tê-lo impulsionado a mudar a sua condição. Em suas palavras, os seus moradores eram pessoas deserdadas de esperanças ou ilusões que pudessem incentivá-lo a transformar a sua realidade. Ao contrário, dar conta que o contexto no qual estava inserido à época, não o favorecia no que tange à mudança de condição social. Quando diz, “por ali, não passavam as procissões, nem os desfiles dos meninos do Grupo Escolar”, fazia referência a um espaço esquecido e renegado pelo poder público e certamente pela própria sociedade.

Ao se referir à Rua Trinta de Setembro, em Mossoró, minudencia desde as mudanças de nomenclatura pelas quais passou ao longo do tempo, até às formas de experiência do seu espaço. Sem deixar de fazer relação com o passado e os acontecimentos da história da cidade:

Rua histórica, cujo nome está ligado ao maior dos acontecimentos da cidade, que foi a abolição da escravatura, feita a trinta de setembro de 1883 [...] É, por isso, uma rua simbólica, que lembra a vibração da gente de Mossoró, num dos grandes instantes da sua história. A Rua Trinta de Setembro, na sua atual denominação, nasce na praça que fica na frente da Maçonaria, local hoje ocupado por construções residenciais. Antes, no mesmo ponto, ficava a igreja protestante, demolida para deixar maior espaço à Praça Antônio Gomes que se estendia para o lado da cadeia. Nos velhos tempos, quando o futebol nasceu em Mossoró, aí era o campo do Humaitá Futebol Clube. Durante as tardes dos dias de domingo, se realizavam as partidas com grande assistência. Para evitar que o povo invadisse o gramado, toda a quadra era isolada com arame farpado, pintado de peixe, para ninguém nele se encostar (NONATO, 1990b: p. 222).

Sobre a Praça Bento Praxedes – que era natural de Martins –, escreve:

Com o correr dos tempos, poucos reconheceriam hoje o pacífico logradouro que é a Praça Bento Praxedes, ora transformada num grande Centro de Vibração Cívica de Mossoró, por onde têm desfilado em horas memoráveis figuras das mais brilhantes da política e da vida pública brasileira numa pregação de verdadeiro sentido patriótico. Ali, a palavra daquelas lideranças vindas dos mais distantes recantos da pátria têm trazido a Mossoró aquelas mensagens da fé e do patriotismo que a terra da liberdade acolhe com admiração e com respeito. Pois este é mesmo o seu destino histórico (NONATO, 1990b: p. 243).

Adiante, vejamos o que escreve sobre os sujeitos que frequentavam o “*Quarto*”⁶¹ do seu “Justino Cocada”, uma das boticas mais visitadas da cidade de Martins:

A exemplo do que ocorre, em outras cidades do sertão, onde a botica é, invariavelmente, o ponto preferido para a reunião dos conversadores, em Martins, esse lugar temível, era o quarto do Tina. O estabelecimento de Justino Cocada, situado num canto do mercado público, poderia ser tudo, menos uma casa de negócio. [...] Era de ver que Tina não vendia nada. Não tinha nenhum gênero, pois na verdade, a única mercadoria que ali existia, em estoque, era o vento. [...] A sua freguesia era a dos conversadores. Em horas certas, se juntavam os conhecidos que davam na vida de todo o mundo. Ali, nem santo escapava. Os que ficavam, iam cortando os que se retiravam mais cedo, e estes falavam dos retardatários... [...] Opositorista radical, conhecia os homens do Estado, suas safadezas, seus arranjos... [...] Justino, o grande sertanejo, era inegavelmente, a maior figura de Martins (NONATO, 1987a: p. 24-26).

Aqui, Nonato destaca a importância da figura do “Justino Cocada” na ornamentação do que podemos chamar de um espaço de sociabilidade martinense. O trecho ajuda na reflexão em torno dos espaços de uso coletivo da cidade, os quais implicam na construção de uma memória social, enraizada nos valores dos mais diferentes grupos sociais. Através da botica e das conversas de “boca de noite”⁶², percebemos a existência de elementos simbólicos que influenciam na composição e percepção das práticas sociais que modelam estes espaços. Como lembra Albuquerque Jr (2008):

⁶¹ A expressão “Quarto” era comum em cidades do interior. Usada para designar as casas de comércio, lojas e bodegas locais.

⁶² A “boca de noite” é uma expressão típica do interior nordestino, que significa: anoitecer; início de noite.

[...] o espaço não é apenas uma superfície empírica que a nós se impõe, é antes demais nada um conceito através do qual tentamos apreender, significar, organizar, dar sentido a um dado recorte feito nesta empiria desordenada (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008: p. 67).

Outro ponto de encontro social, narrado por Nonato, foi o “Dia de Feira”, comum não somente na região Oeste Potiguar, mas em todas as cidades interioranas do Brasil:

[...] mal o dia clareava, já as imediações do barracão iam-se enchendo de vendedores, seleiros da Paraíba, ambulantes de Caieira, mascates do Juazeiro do Padre Cícero, fumeiros do Brejo, cavalarianos do Riacho do Sangue, trocadores de burro do Seridó, enfim, toda sorte de gente que acudia para aquele encontro de homens de negócios, no jogo da oferta e da procura (NONATO, 1987a: p. 23).

O Mercado Municipal de Mossoró foi um dos espaços cujas descrições foram mais recorrentes na sua escrita. Tanto que resolveu representá-lo visualmente como o conhecia. Através da planta interna⁶³ abaixo, demonstra como se dava a composição dos estabelecimentos comerciais do Mercado Público em 1919. Sobre isto, Lauro da Escóssia enfatiza em publicação no jornal *O Mossoroense*:

Como era no ano de 1919, com mercearias, açougues e seus locatários. Este, um primoroso trabalho do nosso maior historiador, o Prof. Raimundo Nonato que, conquanto radicado na Cidade Maravilhosa, não lhe tem faltado tempo nem se alongam às distâncias para continuar mantendo o contato amigo com a boa terra mossoroense.

[...]

A lembrança feliz daquele nosso conterrâneo tem algo de uma preciosidade histórica do passado de Mossoró, pelo que o felicitamos e agradecemos prazerosamente, ainda na certeza de que estaremos sempre de colunas abertas à acolhida de outros trabalhos do escritor e historiador amigo que é o professor Raimundo Nonato, um dos poucos de quantos distantes de Mossoró, mais perto está, ligado à vida e aos costumes desta terra.

“*O Mossoroense*” (NONATO, 1979: p. 29).

⁶³ In: NONATO, Raimundo. *As andanças de um cambiteiro de cana*. Minhas Memórias do Oeste Potiguar - Coleção Mossoroense, 1992a: p. 23.

ERA ASSIM O MERCADO PÚBLICO EM 1919

REMINISCÊNCIA MOSSOROENSE

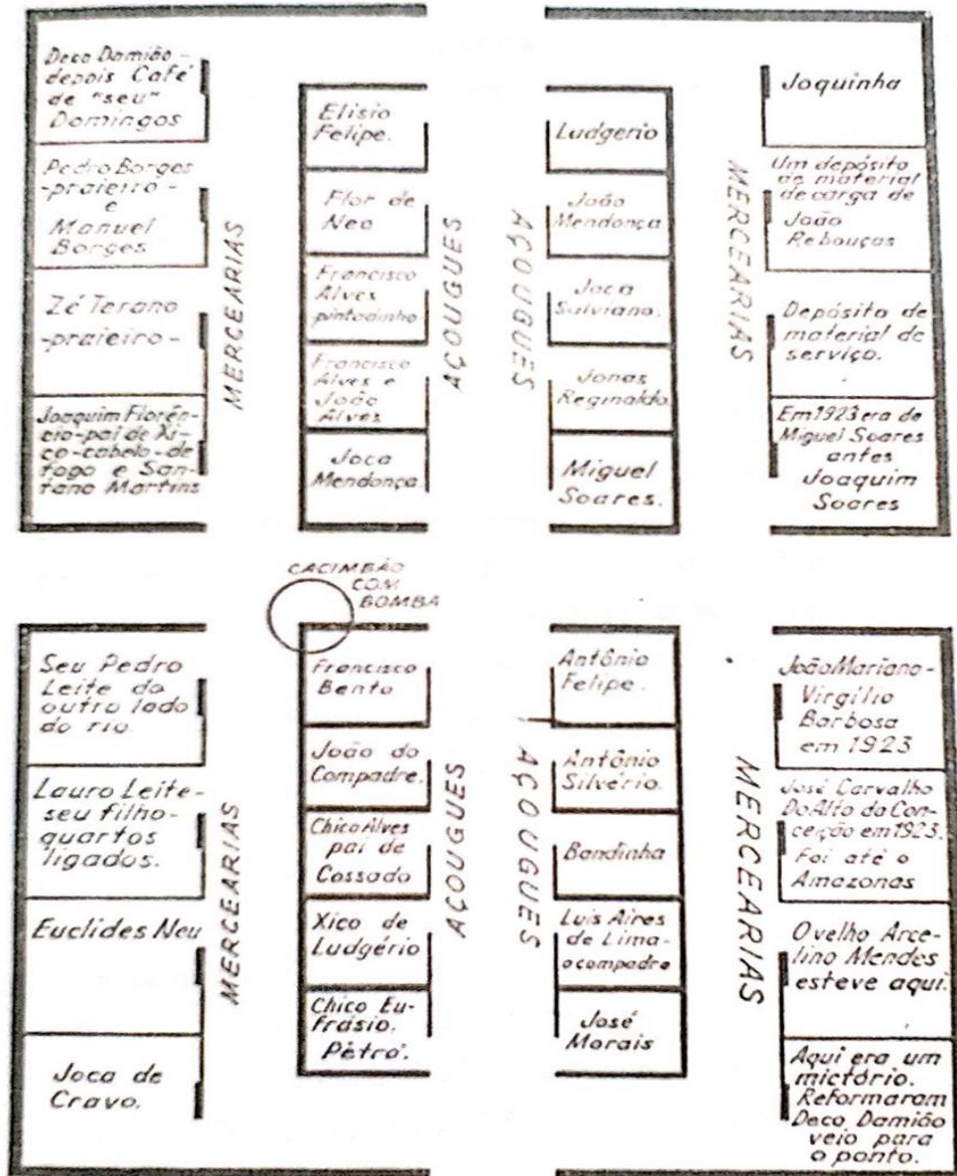


Figura 10 – Planta Interna do Mercado Público Municipal de Mossoró, no ano de 1919.

Além da dimensão espacial, Raimundo Nonato também procura apontar as figuras que ali se faziam presentes, conferindo um olhar sentimental à publicação:

‘Tudo está conforme o figurino do tempo registrado no carbono da memória. Para identificar algumas figuras, tive que recorrer a Mossoró: Antonio Falcão e Raimundo de Brito saíram à rua. O ‘jovem’ João Rebouças (95 anos), Jonas Reginaldo e Manuel Lopes contaram a história. Era administrador do Mercado – Abel Duarte. Zelador – Zezinho da velha Aninha Cocorote e descarregador de carne da carroça, Marcelino. Na construção, feita na administração Antônio Filgueira, foram gastos 37 contos e 517 mil réis’.

(NONATO *apud* ESCÓSSIA, 1992a: p. 24).

Como é possível notar, tal representação ganha contornos históricos quando encontra respaldo na recepção de pessoas que conheceram o espaço durante a temporalidade representada. São recepções como esta, que reforçam uma maneira de olhar para o passado e que atribuem sentido à construção de uma cultura histórica em torno das narrativas de Nonato. As suas descrições não se restringem, porém, às ruas e estabelecimentos comerciais, mas se remetem a fatos, personagens e curiosidades que marcaram de algum modo o passado da cidade. A seguir, discorre sobre as Bandas de Músicas de Mossoró:

Em 1896, existiam, na cidade, duas bandas de músicas. Nesse ano, houve uma vaquejada célebre, depois da festa da Padroeira de Santa Luzia, a que se seguiram outros festejos, em honra do Menino Deus, patrocinados por pessoas importantes e ricas do lugar [...] Para aqueles tempos de coisas difíceis, a “Charanga” e a “Fênix”, ao que se pode chamar, duas brilhantes organizações da cultural artística. [...] de 1900 a 1912, mais ou menos, abrilhantaram com seu concurso, a vida social e artística da terra mossoroense, bem assim, todos os movimentos que diziam com as suas festas e suas realizações de cultura. Muitos dos seus antigos componentes são ainda sobreviventes, e conversar com êles, falar da história dessas velhas bandas, do seu prestígio e de sua importância, na cidade, é acordar para viver as horas de uma saudade de um passado, que o tempo e a velhice não conseguiram esmaecer, ao menos (NONATO, 1990b: p. 213-214).

No jornal *O Mossoroense* do dia 20 de setembro de 1971, o jornalista Jaime Hipólito Dantas publica uma matéria na qual aponta um registro feito por Raimundo Nonato acerca dos pianos de Mossoró. Neste registro, pondera que as 71 pessoas que os possuem dispõem de certo cabedal financeiro e, que por isso, estes figuram como símbolo de *status* social:

[...] agora escreve-me Raimundo Nonato contando que, de fato, “houve aqui um tempo em que o piano simboliza um STATUS sócio-econômico

significativo de classe”. Nonato, que é o maior arquivo histórico de Mossoró, passa a relacionar as pessoas que, aqui, em outras épocas, tinham sempre o seu piano em casa como um símbolo de bom gosto e de cultura. Sua lista enumera 71 nomes (NONATO, 1988e: p. 32-33).

Os mais diversos personagens vão sendo contemplados pela sua escrita. Vejamos o que narra a respeito de quem chama de o “médico dos pobres”:

[...] lá se fôra o doutor José Leão, modestamente como todo mundo o chamava, Doutor Zé Leão, o médico simples, humanitário e bom que socorria quem o procurava sem pensar que seu trabalho merecia pagamento. Com sua morte ficaram órfãos os pobrezinhos da Baixinha, do Bom Jardim, dos Cordões e dos Três Vinténs, onde ele levava sua ciência para salvar alguém que o mandara procurar e com o seu saber, a sua dedicação e os seus remédios ia socorrendo aquelas criaturas humildes e pobres, onde nem sempre batia à porta a moeda sonante com que se deveria pagar uma consulta (NONATO, 1988b: p. 43).

Já sobre “Fumacinha”, figura popular do Grande Porto, relata:

Em carta do Natal, o amigo Otávio Oliveira, antigo comerciário daquela praça, faz a comunicação do falecimento, na capital, no dia 23 de dezembro de 1986, do conhecido FUMACINHA, figura popular do Grande Porto, por onde circulava, todo dia, vendendo os gasparinos da Loteria Federal. Era um homem de condição modesta, porém, honesto e trabalhador, sempre na luta do cotidiano para salvar a vida, que nada lhe deu de graça. [...] A pobreza também tem suas cores de felicidade. Menino das ruas de Mossoró, fomos companheiros das caixas de engraxate, lá pelo ano de 1920, quando para escovar um par de sapatos era cobrado o preço de 1 tostão! Cem réis! [...] certamente, que a esta hora, o Fumacinha anda vendendo bilhete da sorte pelas avenidas iluminadas da eternidade! (NONATO, 1988b: p. 66-68).

A descrição sobre “Fumacinha” ilustra uma característica inerente à sua narrativa. Em ir de um sujeito simples, que representa quase que um elemento folclórico dos espaços sociais, até os ilustres “cidadãos modelo”, como é o caso de Jorge de Albuquerque Pinto:

JORGE PINTO nasceu em Mossoró aos 21 de fevereiro de 1907, filho de Luis Colombo Ferreira Pinto, de raízes apodienses, com larga atividade no velho comércio dos grandes tempos, e ex-prefeito do município, por onde passou deixando traços do seu espírito empreendedor e progressista, e de dona Adelina de Albuquerque Pinto, de velhas famílias cearenses, radicadas em Mossoró, de largos anos. Sem exagerar o comércio, devo dizer que Jorge Pinto foi um nome que engrandeceu a cidade pelo seu trabalho e pela sua inteligência. Um mossoroense cuja vida ficou marcada pelo amor que dedicou a sua terra e foi incontestavelmente a mais extraordinária revelação

da capacidade de trabalho de um homem, que sempre viveu preocupado com a solução dos problemas da cidade, que nele teve um dos grandes artífices do seu progresso e da sua expansão artística e cultural. Agora, com o seu desaparecimento, Mossoró perdeu um dos seus filhos mais ilustres, pois ele deixou seu nome ligado a numerosas iniciativas que se propunham modificar os rotineiros planos urbanísticos do lugar, enquadrando em novas metas renovadoras e progressistas, dentro do espírito do século (NONATO, 1988b: p. 85).

Seu Chico Gomes e Dona Liquinha, que ele nomeia de “Os românticos namorados de Mossoró”, exemplificam figuras que não costumam aparecer nos livros de história, mas marcam o imaginário coletivo de uma época:

Aquilo parecia uma sina. Todas as tardes, quando caía a brisa suave do Nordeste, lá saíam eles, os dois, caminhando mansamente pelas calçadas e atravessando as ruas, de mãos dadas, naquela silenciosa romaria da saudade com que eles reviviam os dias de um tempo que se fora e repetiam, como diria o poeta, na angústia dos seus lamentos:

- ‘Presas a eternas ansiedades/só da saudade vivendo/chegamos a ter saudade/das saudades que tivemos/’.

E neste enleio do esquecimento, desafiando a própria curva das idades, parece que o tempo não envelhecera para eles, que os circunstantes olham com respeito como os eternos namorados da cidade de Mossoró. [...] Figura de andarilho, parado numa dimensão do tempo, exclamo no meu isolamento: ‘seu Chico Gomes e Dona Liquinha Galvão duas criaturas impressionantes, dois românticos apaixonados de Mossoró do passado [...] cuja lembrança abre uma incursão pelo território literário das traças do arquivo da cidade de Mossoró (NONATO, 1988c: p. 61-65).

Muitos estrangeiros que colaboraram de alguma maneira ao crescimento da cidade de Mossoró, ganharam descrições ao longo do livro, “Estrangeiros e Mossoró” (1988d). Sobre eles, afirma que “os homens de outras terras (os estrangeiros) passaram em Mossoró, viram e ficaram aculturados à terra” (NONATO, 1988d: p. 5). Vejamos o que diz sobre Ulrich Graf, estrangeiro que hoje dá nome um dos bairros da cidade:

JOÃO ULRICH GRAF – suíço. Um empresário muito rico e possuidor de um alto espírito de iniciativa. Um comerciante empreendedor e progressista, que vinha acompanhado de um irmão, e que apontou ao Rio Grande do Norte, demorando-se em Natal, colhendo informações de lugares onde pretendia instalar uma casa comercial, destinada a compra de produtos regionais, que seriam exportados para a Europa – o algodão, pena de ema, cera de carnaúba borracha de maniçoba, importando, em contrapartida, mercadorias de consumo destinadas a comercialização pelo interior da província. A iniciativa que se propunha por em execução tinha o suporte de

um grande capital que pretendia invertê-lo em suas transações em terras brasileiras (NONATO, 1988d: p. 6, grifo do autor).

Como já abordado anteriormente, é comum encontrar, nos escritos destes intelectuais, críticas e recomendações de autores ligados a sua rede de sociabilidade. Aqui se inclui a resenha de obras produzidas por autores locais. São vários os assuntos, desde crônicas populares a conteúdos ligados ao Direito. O comentário abaixo é sobre a obra do jornalista Glauco Carneiro, a quem chama de “historiador dos fatos reais”:

[...] quando o escritor faz a história com elevado espírito de honestidade, como era o que revestia o do jornalista Glauco Carneiro está credenciando-se, torna-se imperativo no campo da narração, na qual não se afasta nunca do meridiano da verdade, vinculada propositadamente ao registro da fonte documentária, que nem sempre para ele era o mais fácil de se encontrar. Daí, a acolhida que deu sobre uma sugestão que lhe fiz sobre uma localização geográfica que se encontrava deslocada da sua exata posição, sugestão que ele recebeu com a atenção de um pesquisador do mais elevado padrão do equilíbrio, sempre demonstrando senso e apreciando o depoimento em causa [...] (NONATO, 1988b: p. 53).

Acima, nota-se que para além de uma crítica elogiosa à escrita do jornalista, a quem chama de o “historiador dos fatos reais”, dá pistas de como concebe a profissão do historiador. Pautada no rigor ao documento e no compromisso com a “verdade” – sobre este assunto voltaremos a nos reportar mais adiante –, o que para eles se apresenta como “escrita da história”, vai ganhando legitimidade entre os pares. A sua própria escrita também ganha respaldo entre os leitores do seu círculo. Vindo os comentários a respeito, integrem a sua coleção de memórias:

A ESCOLA DE OUTRO TEMPO é, na verdade, um dos grandes livros de Nonato, ele nos leva pelos caminhos do ensino em Mossoró sempre grato às nossas recordações. Uma história que precisa ser contada e o foi magnificamente pelo historiador de Mossoró que é Raimundo Nonato, a cuja terra um dia ele chegou, vindo da Serra do Martins, numa leva de retirantes e ali ficou para dar o melhor de si ao ensino e a cultura do torrão inesquecível.

Rio, Março, 1968.

(NONATO, 1988e: p. 48).⁶⁴

⁶⁴ Prefácio do livro *A escola de outro tempo*: professores de Mossoró (1968), feito por Walter Wanderley.

O depoimento acima denota algo que já dissemos antes, no que se refere à importância dada por ele em se incluir também como professor. Abaixo, o comentário diz respeito à sua atuação na criação e expansão do ensino comercial em Mossoró e região. Em artigo intitulado, “Mossoró e a importância do ensino comercial”, F. da Gama Lima Filho, que à época era deputado do antigo Estado da Guanabara, comenta:

Com o funcionamento da Escola Técnica de Comércio de Mossoró, dirigida durante anos pelo professor Raimundo Nonato da Silva, em 1948, ao invés das escassez ocorrida oito anos antes, observavam-se, na mesma cidade, 106 contabilistas, mobilizados pelos vários setores de trabalho: comércio, escritórios, bancos, etc. existentes na localidade. Com isso, Mossoró, além de conseguir profissionais de que estava carecendo, passou a atuar, em meio às localidades vizinhas fornecendo-lhes os técnicos em contabilidade necessários às suas empresas, inclusive para outras atividades auxiliares da administração e do comércio (NONATO, 1988g: p. 123).

Conteúdos e curiosidades históricas também ganham destaque nas suas memórias. Abaixo, elenca acontecimentos importantes para registro na história local. Aqui também fica evidente o seu apego ao documento:

PRIMEIRO BATIZADO

[...] no dia 25 de janeiro de 1773 [...] a primeira criatura batizada foi uma menina que tomou o nome de Maria, filha de Miguel Soares de Lucena e de Páscoa Maria da Encarnação. A nova cristã era neta do álfere Miguel Nogueira de Lucena, figura de destaque no lugar e proprietário de terras na Ribeira, também um dos velhos troncos da família Camboa, que era a mais tradicional da Várzea do Apodi e do seu baixo curso.

O PRIMEIRO SEPULTAMENTO

Na sequência dos dias, a capelinha abriu a porta e o sino badalou para o primeiro sepultamento feito no seu interior. Nesse ato, o corpo que foi entregue à terra, foi da menina Rita, de nove anos de idade, filha de Manoel Bezerra de Jesus e de Maria Madalena Teixeira, a menina falecera no dia 9 de maio de 1773. Nesses dois atos – o batizado e a encarnação – foi oficiante o Pe. JOSÉ DOS SANTOS COSTA.

O PRIMEIRO CASAMENTO

Enfim, na velocidade do tempo, um fato de maior significação para os moradores da localidade. Realizava-se dentro da capela, no dia 6 de outubro de 1778, o primeiro casamento. Os nubentes foram GREGÓRIO DA ROCHA MARQUES FILHO e FRANCISCA NUNES DE JESUS. Do ato foram testemunhas o Coronel Regente Francisco Souto que era residente na Ribeira do Apodi e Antônio Francisco da Silva, sendo oficiante o Frade Antônio da Conceição, da Ordem Carmelita, que morava no Carmo (NONATO, 1988h: p. 16-17, grifos do autor).

Em carta publicada em *Conversa à luz das Piracas* (1988c), mas que não conta com a assinatura de quem a enviou, o autor questiona a respeito do movimento operário em Mossoró. Anexando a declaração da liga operária com data de 3/10/1921, questiona a Raimundo Nonato:

Ontem, numa caçada pelos velhos jornais, dei conta com essa preciosidade de informação para a história das lutas de classes no nosso meio e pergunto: A) Teria sido este o 1º manifesto de **colorido vermelho**, em Mossoró? B) Quem eram os seus possíveis signatários? E, C) Quais essas “pessoas estranhas às lides operárias”? Venha de lá com sua memória de grude, usando o verso para as respostas. Certo? (NONATO, 1988c: p. 94, grifo do autor).

As indagações presentes na carta são importantes à nossa reflexão, quanto ao papel desempenhado por Raimundo Nonato, na construção do passado do Oeste. O que levava a tantos indivíduos do seu círculo a reivindicar a “sua memória de grude”, em nome das narrativas que preenchiam lacunas de uma cultura histórica sempre em aberto? É importante fixar tal questionamento ao longo do nosso processo de compreensão. Afinal, a produção de uma memória comum, segundo Pollak (1989), reforça a coesão social e cria nos participantes do grupo a sensação de partilhamento de um passado em comum. Por esse motivo, os detalhes da sua narrativa concatenam curiosidades históricas da cidade, com experiências mais recentes. Num exercício que transita entre temporalidades e vai dando a ver os diferentes significados atribuídos pelos praticantes dos espaços ao longo do tempo.

Já em artigo intitulado “A indagação de José Augusto”, disserta sobre as ordenações da política de Mossoró. Este trecho é bastante elucidativo quanto à perspectiva do autor em relação às discussões feitas anteriormente sobre a organização do Estado e certa autonomia dos municípios. Vejamos o que ele diz:

O caso político de Mossoró tinha profundas raízes com o fenômeno circulante do seu potencial econômico. Assim, ao tempo, duas grandes organizações da indústria e do comércio, importando e exportando o imaginável do regime da produção, eram sustentáculos de um embasamento econômico, que representava na conjuntura Econômica do Estado, na sua vida e no seu potencial orçamentário, uma escala tão elevada no regime das taxações que a própria lei orçamentária, até em tempos recentes, para não ir aos primórdios do nascimento da república, era de uma clarividência quase estonteante, quando traçava as fontes para receber os impostos, dizendo:

1º- Natal.

2º- Mossoró.

3º- Outras localidades.

Diante desse princípio normativo, quase uma diagramação no sentido financeiro, você poderá verificar facilmente o papel que estas duas firmas desempenhavam na circulação da riqueza e na distribuição das fontes de produção do Estado (NONATO, 1988c: p. 43-44).

É possível perceber que ele tinha consciência do papel econômico de Mossoró sobre o Estado. O que nos leva a questionar se havia uma intenção na sua escrita, em produzir mecanismos que a diferenciasssem também culturalmente. Supomos que sim, haja vista o grupo ao qual era ligado, ter interesse em criar uma diferenciação cultural para a cidade.

O artigo abaixo: “A cidade emudeceu na hora da partida de Andró – sobre aqueles que se foram”, se refere a alguém já falecido. Por toda a sua coleção de Memórias, é comum encontrar diversos depoimentos como este. Quando se refere a quem partiu, diz está livrando-os do “véu do esquecimento”. É importante ter em mente, neste ponto, que a memória é sempre uma tentativa de manter o passado, de evitar o esquecimento, embora sustentada por necessidades e relações dadas no presente.

Numa clara manhã de sol do mês de novembro, no dia da proclamação da República do Brasil, a cidade de Mossoró desalentada perdia da sua humanidade viva, a figura impressionante de ANDRÓ LEITE, o guerreiro branco que tantas vezes empunhou a tacape da liberdade em memoráveis campanha das, nas lutas contra a violência e na defesa dos direitos de ter um lugar ao sol. [...] Em Mossoró, em suas atividades, Andró percorreu todos os escalonamentos da profissionalização. De modesto despachante de balcão, foi a auxiliar de escritório, comerciante, industrial, homem de sispema, empresarial com economia própria dirigida para as fontes da produção e do desenvolvimento regional. [...] Alea jacta est! (NONATO, 1988f: p. 47-48).

Apresentados alguns exemplos de como é composta a coleção *Minhas memórias do Oeste Potiguar*, é possível pensá-la como instrumento na significação de fatos, lugares e sujeitos que compõem a narrativa sobre a região. Levando em consideração que a sua seleção de memórias também ajuda a mitificar a espacialidade. Pois, parte de um processo imaginativo que opera com base em um referencial simbólico e afetivo compartilhado pelos membros do projeto escriturário com o qual comungava. Sem deixar de demarcar, contudo, um lugar singular para a sua escrita. Ao brindar o leitor com detalhes e minúcias sobre o passado que, na maior parte das vezes, não se encontram nos registros “oficiais”.

Assim, não por acaso, concluímos que o intuito maior da sua escrita dentro do projeto escriturário da Coleção Mossoroense, tenha sido o de tecer um passado para o Oeste Potiguar. A nosso ver, a sua opção por escrever tanto sobre figuras ilustres quanto sobre personagens excluídos da história, contribuiu ativamente para a construção de uma cultura histórica em torno do Oeste e do chamado “país de Mossoró”. Logo, faz-se necessário considerar os seus escritos como suportes referenciais para as narrativas do presente, como também as representações em torno destes, entendidas como construção social organizadora de espaços.

Para o historiador Albuquerque Jr (2012), as regiões são escritas e inscritas para serem base de identidades que se pretendem imutáveis. De forma que a identidade regional deve ser percebida enquanto construção mental, produzida a partir de conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual que cristaliza realidades objetivas através da criação de imagens. A política, ligada a uma complexa estrutura de poder, também é capaz de estabelecer limites e centros organizacionais que de tal maneira reordenam o espaço e a sua materialidade de maneiras diversas – como ponderamos a respeito das construções da família Rosado sobre o Oeste, por meio da Coleção Mossoroense.

Supomos, ainda, que a intenção de Raimundo Nonato – ao relacionar as suas memórias ao contexto histórico da cidade de Mossoró – se justifica pelo fato de acreditar que as suas lembranças não pertencem somente a ele, mas à sociedade da qual fazia parte. Não por acaso, criou para si um depósito onde guardaria os seus documentos. Desde diplomas, cartas pessoais, a depoimentos publicados a seu respeito. Levando-nos a acreditar que este ato fazia parte da sua construção enquanto homem público, intelectual e personagem histórico para a cidade de Mossoró, pois, apesar de seletiva, parcial e passível de manipulação, a memória individual é uma fonte histórica extremamente relevante, “razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história social” (PORTELLI, 2001).

Tais reflexões em torno da memória e da identidade social auxiliam na compreensão das disputas e demarcações memorialísticas presentes na narrativa histórica de Raimundo Nonato. Sua obra referencia a produção de uma memória social, que produz representações que aludem a uma região geopolítica dependente do seu centro – visualizado na cidade de Mossoró, cuja capacidade comercial, econômica e cultural servia de suporte aos demais municípios dependentes da sua produção.

Pode-se dizer, portanto, que a identidade social é organizada para além de elementos que evidenciam a percepção de si mesmo, pois, sofre modificações externas e parte de

critérios e negociações estabelecidas, muitas vezes, no contato com outras pessoas. Assim, a memória e a identidade expressam-se enquanto “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992: p. 205). A identidade coletiva pode ser entendida como a aquisição feita por grupos ao longo do tempo, de modo a produzir em seus membros o sentimento de unidade, continuidade e coerência. Uma vez alcançada esta unidade, o grupo tende a construir uma narrativa sobre si, de modo a diferenciar-se dos demais. Numa relação, segundo a qual, identidade e alteridade se entrelaçam por meio de memórias que autorizam e legitimam o seu lugar de fala no presente. Exercício que pode ser exemplificado pela escrita de Raimundo Nonato e dos que se fixaram dentro da Coleção Mossoroense, ao produzirem uma narrativa identitária, um passado comum ao Oeste Potiguar.

Pode-se compreender, a partir desta explanação, que a escrita de Raimundo Nonato fazia parte de um projeto escriturário que buscava projetar Mossoró como modelo na produção cultural e científica regional. De modo que a ideia de progresso se materializa na construção de um projeto político hegemônico, que teria sido responsável por esse pretensão desenvolvimento da cidade ao longo do século XX. A narrativa histórica adotada por Mossoró, desde então, vem sendo marcada pela “confiança no presente” – assim como definem Claiton Silva e Monica Hass (2017), ao tratarem do discurso de progresso desenvolvido pela cidade de Chapecó/SC – e por um apego ao passado.

Como afirma a historiadora Angela de Castro Gomes (1996), “o futuro não se faz sem o passado, e este é um ato humano de rememoração. Seria básica a realização de um processo de “narração” da história, que identificasse os acontecimentos, os personagens e “os sentidos” de seus atos” (p. 23). O passado de Mossoró começa a ser marcado por uma memória otimista, que enfatiza os feitos históricos – como a resistência ao bando de Lampião e a libertação dos escravos antes da lei áurea. A narrativa heroica da cidade, também a distingue econômica e culturalmente dos espaços ao seu entorno. Logo, a confiança no presente se dá pelo respaldo que o passado lhe confere, através das inúmeras narrativas que confirmam o seu discurso. Assim, conclui-se que a coleção mossoroense foi utilizada na construção de uma narrativa que a diferenciava dos demais municípios do estado. Projetando-a como centro de uma região que o seu próprio discurso ajuda a criar.

4. “MINHAS MEMÓRIAS DO OESTE POTIGUAR”: A ESCRITA NONATEANA

A consciência histórica que caracteriza o homem contemporâneo é um privilégio, talvez mesmo um fardo que jamais se impôs a nenhuma geração anterior (GADAMER, 2009: p. 17).

Pensar a escrita da história e a cultura historiográfica é fundamental à reflexão acerca da especificidade do discurso histórico. Uma vez que, conhecer o modo como se dão as estratégias narrativas e a utilização dos conceitos e categorias históricas pelos historiadores, auxilia na apreensão do conhecimento histórico. Não somente entre os pares, mas nas diferentes camadas culturais que envolvem a sociedade. Pois, auxilia na desmistificação da ciência histórica pelos indivíduos imersos em espaços sociais diversos. A historiografia surge, portanto, como expressão de uma época e dos seus modelos culturais. Constitui-se como um dos meios mais profícuos ao entendimento das sociedades passadas, ao carregar consigo as marcas e experiências do tempo presente. As obras históricas figuram assim, como documentos do período no qual foram forjadas.

A coleção de memórias, aqui tomada como fonte, conduz-nos na compreensão do pretense apego de Raimundo Nonato à escrita da história e ao ofício do historiador. Suas narrativas sobre o tempo, os espaços e sujeitos entrelaçam opiniões de como acredita que um historiador deveria agir para com o documento; além de referenciar teóricos reconhecidos na historiografia nacional, que provavelmente serviam como base para o seu método. No que talvez represente uma tentativa em afirmar a presença de uma consciência histórica e historiográfica em sua narrativa. Estas são questões que pretendemos levar em consideração no decorrer deste capítulo.

Para tanto, parte-se da compreensão em torno da noção de *cultura historiográfica*, que pode ser entendida como a maneira como os historiadores e historiógrafos se utilizam de certos modos de escrever, matrizes teóricas e paradigmáticas, numa espécie de regime de historicidade⁶⁵ em voga em determinado período. Referimo-nos, como afirma Astor Diehl (2009), à história viva, seja ela individual ou coletiva, considerando os referenciais documentais com os quais elaboramos pesquisa.

⁶⁵ Ver: HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Cultura historiográfica tem a ver com os sujeitos históricos, tem a ver com os grupos sociais, tem a ver com algo que poucas vezes chama a atenção, tem a ver com tradições. A palavra tradição no contexto da cultura historiográfica possibilita uma dimensão extremamente ampla, principalmente se levarmos em conta as longas durações. Cultura historiográfica tem a ver com influências, com interfaces que fazem com que nós tenhamos a capacidade de reconstruí-las (DIEHL, 2009: p. 226).

Ou seja, a cultura historiográfica tem a ver com os interesses e o arcabouço teórico que circundam as estruturas narrativas contidas nas representações do passado feitas pelos historiadores. Assim, quando nos referimos ao conceito de cultura historiográfica, estamos tratando “do *topoi* interpretativo do conhecimento histórico”, que diz respeito ao “espaço da experiência na qual nós exercitamos um conjunto de estratégias para interpretar a própria cultura histórica, individual ou coletiva, seja ela feita por profissionais da área ou feita por não profissionais da área”. Desta feita, entendemos que existe um profundo diálogo entre a cultura historiográfica e a cultura histórica. Pois, como afirma Diehl, são instâncias que se nutrem, que estão imbricadas, e que, portanto, dialogam para o entendimento uma da outra (DIEHL, 2009: p. 227).

No que se refere à escrita de Raimundo Nonato, podemos supor que se utiliza da cultura historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) – enquanto membro de uma de suas seções regionais, o IHGRN. De modo que, a sua escrita sobre o passado do Oeste Potiguar, comunga com a concepção que se tem sobre a escrita da história daquele período. Assim, a fim de melhor compreender o momento no qual se inseria na historiografia nacional, inicialmente, promoveremos uma sucinta discussão acerca da cultura historiográfica da qual, provavelmente, sofreu influência e que auxiliará no entendimento dos seus escritos.

4.1. A Cultura Historiográfica: como se escreve a história

O pensamento moderno trouxe consigo uma mudança substancial no modo como os indivíduos compreendem a história e lidam com o passado. A nova era, caracterizada por sua postura reflexiva diante do mundo, passou a considerar o contexto político, social e cultural onde emergem as várias maneiras de pensar, escrever e se expressar. Como atenta o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (2009), trata-se do surgimento de uma postura que relativiza

pontos de vistas, sendo “preciso que cada qual esteja plenamente consciente do caráter *particular* de suas perspectivas. Ninguém pode [...] eximir-se da reflexividade que caracteriza o espírito moderno” (GADAMER, 2009: p. 18, grifo do autor).

O mote passa a ser o reconhecimento da própria historicidade humana e, portanto, da sua finitude. A consciência histórica, considerada um dos maiores privilégios do homem moderno, representa o início de um processo reflexivo que questiona o que é repassado pela tradição. A mudança na concepção de tempo é responsável por transformar também a percepção em torno do conceito de história.

O pensamento humano, longe de ser algo que em eternidade e fora do tempo subsista sempre igual a si mesmo, funcionando nas mesmas condições e capaz das mesmas proezas, está radical e essencialmente condicionado pelo tempo e pela História. O pensamento humano não produz qualquer coisa em qualquer momento e em qualquer lugar, mas nasce, surge numa mente concreta, num homem de carne e osso, num indivíduo, o qual vive numa época determinada e pensa num lugar determinado; e este pensamento vem condicionado essencialmente por todo o passado que pressiona sobre a mente na qual se está destilando (MORENTE, 1964: p. 132).

Como se sabe, predominou ao longo do século XIX, o modelo de sociedade pautado nas ideias iluministas de modernidade e civilização. Importado da Europa no contexto das grandes navegações e que se intensificou ao longo do processo de colonização. O historiador José Carlos Reis (2003), destaca que a ideia de “civilização” para além de se tornar fundamental ao entendimento do processo histórico do Ocidente, também serve como base para pensar as teorias e filosofias da história, pois, o sucesso deste processo civilizatório passava pela “colonização do saber”.

No Brasil, tal modelo se materializou na criação de instituições que visavam controlar o passado em nome de um projeto de futuro. Isso porque, para legitimar-se no poder, o Imperador precisava das narrativas de um passado do qual a nação recém-independente pudesse se orgulhar. A sua cultura historiográfica foi marcada pela influência dos ideais iluministas franceses, especialmente do *Institut Historique de Paris*. De maneira que, o Estado brasileiro utilizou-se da ciência para ingressar numa espécie de cultura científica universal. A ideia de ciência era o centro da construção da nação e da identidade. E, o sucesso da civilização se concretizaria na colonização do conhecimento; por isso a escrita da história significou progresso no campo intelectual e cientificista. Tratava-se de uma cultura histórica e

historiográfica dos Estados Modernos, baseada no progresso civilizatório como forma de consciência coletiva sobre o tempo histórico (DIEHL, 2002).

O sentido político conferido à História por esta geração de historiadores-políticos é mais do que evidente: para além do passado, o que estava em jogo era a produção de um sentido para o futuro desta comunidade nacional, tentando ler neste passado um certo destino possível, garantindo a coesão social para o presente (GUIMARÃES, 2002: p.190).

Contudo, o espaço destinado à produção do saber historiográfico não foi legado às Universidades, que só seriam criadas na década de 1930. Para este fim, foi criado o IHGB em 1838, e posteriormente as suas seções regionais, fundadas nas demais províncias (estados). A criação do IHGB foi de suma importância para a constituição da narrativa da História nacional. Os Institutos Históricos e Geográficos foram responsáveis pela organização e coleta dos documentos históricos da época. Estes constavam de estudos geográficos e etnográficos, que contribuía ao campo de saber que se pretendia científico, tendo como base uma vasta pesquisa documental.

Oficialmente sediado no Rio de Janeiro, o IHGB firmou-se como o principal expoente na produção do saber histórico nacional. Contando com a ativa participação de clérigos, jornalistas e professores, divididos entre sócios efetivos e sócios correspondentes. Veio a perder a sua hegemonia absoluta apenas com a criação do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano (IAGP), em 1862. Os Institutos regionais⁶⁶ tinham como referencial o modelo proposto pelo IHGB, mas procuravam evidenciar aspectos e singularidades da história local, ressaltando a importância dos conhecimentos regionais na construção da história e identidade nacional.

[...] os critérios de seleção para a agremiação passavam pelo círculo de relações pessoais – ainda não se exigia nenhum trabalho próprio aos aspirantes: as portas do Instituto seriam abertas mediante a mera indicação de um de seus membros. Por fim, buscava o Instituto estabelecer correspondência com sociedades de igual natureza, bem como ramificar-se

⁶⁶ O IHGRN foi criado como uma dessas seções regionais, em 29 de março de 1902, no Governo de Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão. Instituição a qual Raimundo Nonato pertenceria décadas mais tarde, que consta como sendo a entidade cultural mais antiga do Estado do RN. Dispondo de um vasto acervo bibliográfico com obras nos campos da história e geografia, além de jornais e uma revista própria. A revista era editada duas vezes ao ano, com memórias e documentos da história e geografia do RN. Eram frequentes também os relatos de sócios que escreviam de outras partes do país e do mundo.

nas províncias do Império. Aos intelectuais do IHGB competia, portanto, a definição do projeto da nação de que se falava. Esse projeto nacional incluía, além da defesa da Monarquia, a apologia da centralização (o que se refletia na própria concepção do IHGB como núcleo produtor de saber) e do catolicismo, alicerce da nacionalidade. O caminho para a tão almejada civilização, pensada segundo os moldes europeus, deveria passar, inevitavelmente, pela educação, elemento fundamental na unificação ideológica das elites (CALLARI, 2001: p. 66-67).

Ao longo do século XIX, a Revista do IHGB foi composta por discursos, dissertações e textos memorialísticos, denominados por Manoel Luiz Salgado Guimarães, de “textos de fundação”. Tais textos se apresentavam como sendo a nova maneira de escrever a História Nacional. A partir deste período, o historiador surge como figura indispensável à narrativa do passado, partindo da especificidade que requer a organização do discurso da nação. Enquanto membros da instituição de maior poder sobre a representação do passado no país, os seus sócios detinham autoridade de historiador e legitimidade científica na condução dos seus relatos. Por esse motivo, as suas narrativas figuram até hoje como documentos elucidativos quanto ao regime de historicidade deste período⁶⁷.

A cultura historiográfica oitocentista buscava construir um passado com vias a legitimar um presente e projetar um futuro, de acordo com o padrão europeu, sobretudo, o francês. Pode-se dizer que, a historiografia produzida pelo IHGB, contribuiu para articular e veicular ideias e valores que influenciariam diretamente neste processo. A ideia era condensar, em um discurso único, as singularidades do Brasil atrelando às concepções de civilidade oriundas da Europa. O seu discurso historiográfico foi indispensável à confecção da nacionalidade e identidade brasileira, capaz de unificar os ideais de *nação*, *progresso* e *civilização* (GUIMARÃES, 1988):

⁶⁷ Em 1840, o IHGB premiou o texto *Como se deve escrever a história do Brasil*, escrito pelo alemão Karl Philipp Von Martius. Este texto lançou as linhas mestras de um projeto histórico com vias à construção de uma identidade para o Brasil. Desse projeto originou-se a ideia de um Brasil-Nação. Uma história na qual se privilegiava os heróis portugueses do passado e que tecia elogios ao Brasil; sem tensões, exclusões, ou fragmentações. Outro trabalho de grande relevância, produzido neste período, é o de Francisco Adolfo de Varnhagen. Este que foi precursor da pesquisa metódica nos arquivos estrangeiros, vindo a elaborar inúmeros documentos referentes à história do país. A sua *História geral do Brasil* (1854-57), sugeria um novo perfil para o Brasil, no qual esboçava uma visão sobre o passado, baseada em um projeto de futuro. Nele, a natureza selvagem brasileira é narrada como intimidadora para o português, tanto por sua extensão, vigor e desconhecido, como também pela pobreza em minerais preciosos. Já os povos nativos foram descritos como desprovidos de patriotismo e princípios morais. As narrativas produzidas neste período sugeriam que a chegada dos ideais trazidos pelos europeus, iria pôr fim à barbárie e selvageria existentes no território brasileiro.

Em geral busquei a inspiração de patriotismo sem ódio a portugueses, ou à estrangeira Europa, que nos beneficia com a ilustração; tratei de pôr em dique à tanta declamação e servilismo à democracia; e procurei ir declinando produtivamente certas idéias soltas de nacionalidade... (VARNHAGEN *apud* GUIMARÃES, 1988: p. 6-7).⁶⁸

Como dar-se a ver na carta acima, a escrita da história nacional pode ser entendida como estratégia política utilizada para viabilizar o projeto de civilização pretendido. Pois, a sua produção esteve condicionada ao poder da elite política. Não por acaso, durante o Império ainda persistia a narrativa histórica que reiterava a existência da Monarquia. Pode-se compreender ainda, que se trata de um período marcado pela transição entre uma concepção de história mais clássica, ligada à memória coletiva; a uma concepção moderna, tendo como base a noção de cientificidade, assentada numa base documental onde supostamente residiria a verdade histórica. Ao longo desta transição, não significou dizer que o entendimento clássico em torno da noção de história tenha sido extinto. Isso porque, muitos dos seus elementos persistiram em consonância com a visão moderna. O modo de conceber história do IHGB remonta a Cícero e a sua *historia magistra vitae*, a história como mestra da vida.

A história é a grande e judiciosa mestra da vida que, com rectidão e firmeza, encaminha e, pela expressão da verdade, assegura o destino das nações; é a luz que esclarece a mente dos que as dirigem, evitando os erros e os perigos que os rodeiam; a lição sábia e profunda que, pela doutrina e pelo exemplo, educa os povos, para que, na consciência dos seus direitos e deveres, saibam bem sustentá-los e cumpri-los (PARANAGUÁ *apud* CALLARI, 2001: p.73).⁶⁹

A acepção da história como mestra da vida, busca exemplos da experiência humana no tempo passado, a fim de servir a um presente. enxerga a história como sendo um repositório de lições morais e políticas. Por isso, o IHGB defendia um modelo de produção de conhecimento que tinha o historiador como o construtor da nação. Seria ele o sujeito portador da missão do agir a serviço da pátria, tendo por objetivo a reconstrução de um passado que alimentasse os indivíduos com indicações morais para o futuro (CALLARI, 2001). Entretanto,

⁶⁸ Carta que data de 14 de julho de 1847, enviada por Francisco Adolfo Varnhagen ao Imperador D. Pedro II.

⁶⁹ Marquês de Paranaguá, RIHGB, tomo 69, 1908.

trata-se de uma postura um tanto dúbia, se considerarmos o que afirma Reinhart Koselleck (2006):

O substrato natural desapareceu, e o progresso foi a primeira categoria na qual se deixa manifestar uma certa determinação do tempo, transcendente à natureza e imanente à história. A filosofia, ao transpor para o progresso a história compreendida singularmente como um todo unitário, fez com que o nosso topos [historia magistra vitae] perdesse obrigatoriamente o sentido. Se a história se torna um evento único e singular da educação do gênero humano, então cada exemplo particular, advindo do passado, perderá força, necessariamente. A perfídia da razão impede que o homem aprenda diretamente a partir da história, impelindo-o ao seu destino de forma indireta (KOSELLECK, 2006: p. 55).

O historiador defende que no mundo após a pós-Revolução Francesa, o futuro já não tinha como referencial as experiências do passado. Segundo ele, a *historia magistra vitae* já não seria possível, pois, o futuro se tornara imprevisível. Porém, como visto, com o IHGB houve uma (res)significação em torno desta concepção, de maneira que esta se estabeleceu dentro dos parâmetros de uma concepção filosófica, de cunho iluminista e escrita da história (TURIN, 2011), porém, sem deixar de remontar a outro regime de historicidade.

Aqui, é importante relacionarmos tais apontamentos às reflexões em torno do nosso personagem. Uma vez que não são raros os momentos em que se refere à história como “mestra da vida”, além de utilizar a sua narrativa para construir pequenas biografias de personagens que julgava dignos de lembrança. Características claramente ligadas à referida cultura historiográfica, e que apontam ao modo como este influenciou nas suas construções das narrativas. Em artigo sobre o Dr. Almir de Almeida Castro, a quem denomina “um médico humanitário e bom”, escreve:

A vida humana, sempre tão atribulada, não dá tempo para a medição. E apresenta certos impactos absurdos, que confundem inteiramente, a percepção da realidade e os determinismos evidenciais da lógica. Daí, o abismo que se abre diante do analista do fato histórico, quando tenta fixar os traços biográficos de uma personalidade ilustre, cujos registros pessoais correm paralelamente com as citações apanhadas no mar da tradição moral, anônima e obscura, mais das vezes, submersa no domínio fascinante da lenda. Até certo ponto, o julgamento destes fatos está certo e tem razão de ser, **desde que admitam historiadores de renome que a própria história – a grande mestra da vida – vez por outra começa por uma lenda**, como é o caso da fundação de Roma com a sua Loba famosa e os seus dois irmãos gêmeos. [...] De princípio, é importante fixar o conceito da realidade, isto é da presença da pessoa humana que se torna motivo de narrativa (NONATO, 1988c: p. 18, grifo nosso).

O trecho acima promove demonstrações acerca das concepções que permearam o processo de escrita de Raimundo Nonato. O seu entendimento da história enquanto mestra da vida, não parece ser uma afirmação ingênua, sem conhecimento dos traços que ilustram tal concepção. Uma vez que, destaca a importância de se “fixar os traços biográficos de uma personalidade ilustre”, com base “no mar da tradição moral” e mesmo chegando a comparar a narrativa a uma lenda, atenta ao referencial de realidade no qual se espelhou para escrever. Tais afirmações dialogam diretamente com as discussões expostas anteriormente, pois, evidencia que a sua narrativa elegia personagens ditos memoráveis, portadores de princípios morais, num exercício quase pedagógico de ensinamentos por exemplos de vida.

Sem perder de vista o referencial com o real, afirma: “por uma questão de consciência, sempre tive um potencial respeito pelas verdades históricas, admitindo que as mesmas continuam orientando o espírito para os verdadeiros caminhos da realidade do conhecimento” (NONATO, 1990a: p. 64). Ou seja, para ele, havia uma “verdade” a ser relatada e que não podia deixar de ser dita, assim como pensava Ranke, pretendia narrar os eventos tal como ocorreram. Trata-se de um pensamento que defende a continuidade do passado no futuro, comum àqueles que se sentiam destinados a produzir algo grandioso, como se a sua existência tivesse um “propósito” maior:

A história, sem fugir às linhas fundamentais dos seus ditames, é por vezes, pródiga nos seus registros, afirmando que, **certos homens vieram ao mundo com uma estrela de predestinação, marcados fazerem parte de uma geração de gigantes**. E aponta-os, indistintamente, em todas as gradações humanas, sem distinção de origem ou de cor, sem olhar nível social ou grau de cultura, sem separar, sequer, o valor do guerreiro ou a piedade que consagra os humildes ou indica o caminho da santificação. Assim, lá estão na mesma categoria, perilados como homens superiores, com suas vidas ligadas aos destinos humanos [...] (NONATO, 1988g: p. 34, grifo nosso).

Com base nas pistas deixadas nas próprias fontes, como dar a ver o trecho acima, é possível afirmar que a escrita de Raimundo Nonato corrobora e reforça a tradição historiográfica dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros. No entanto, busca reproduzir elementos tipicamente regionais, demarcando no tempo e espaço, o lugar do que é narrado. Numa escrita que comunga com a de outros escritores regionalistas como ele, cujo intuito era singularizar as especificidades regionais diante do cenário nacional.

Aqui é importante chamar atenção para o movimento modernista que marcou profundamente o meio intelectual brasileiro durante as primeiras décadas do século XX. Como se sabe, o movimento modernista teve início com a *Semana de Arte Moderna*, em 1922, num contexto marcado pela efervescência cultural, artística e literária. O período continuou a carregar consigo o debate acerca da construção da nação, identidade e memória nacional. Contudo, os intelectuais modernistas de 1922 conduziam uma complexa diferenciação ideológica entre os seus participantes, por isso há que se ter cuidado ao tratar do movimento e, do período em si, como sendo algo homogêneo.

Durante a década de 30, tem-se início a segunda fase do modernismo, chamada *fase de Consolidação* (1930-1945). Esta fase caracterizou-se pelo predomínio da prosa e da ficção, além de aglutinar as temáticas nacionalistas. As décadas de 1930 e 1940 alongaram a problemática da formação da nação, sendo um período marcado pelo desprendimento de uma produção voltada aos modelos “europeizantes”. Haja vista a construção de uma identidade nacional única e homogênea, segundo parâmetros europeus pautados no pensamento liberal/iluminista, não se aplicar ao caso brasileiro. Ao invés disso, o investimento seria a descoberta de uma *brasilidade*, que promoveria complexas interpretações sobre o Brasil (CURY, 2003).

Essa (re)confeção do passado acaba por mostrar uma certa intelectualidade do país, mais notadamente aquela que gravitava em torno dos ditames do Modernismo, voltada para suas raízes românticas e que, nesse momento, assumia seu aburguesamento, quer reafirmando valores nacionalistas, quer se afiliando aos valores liberais-iluministas, ora fazendo pregação preservacionista, ora negando algumas das inovações estéticas vindas do estrangeiro. Estas, algumas das contradições dos modernistas, podem indicar duas coisas: a complexidade dos posicionamentos dos grupos oriundos do Modernismo, e também como estes intelectuais se alinharam aos padrões de interesse e gosto da sociedade brasileira, daquela também aburguesada, o que pode ter levado a uma aceitação desse passado histórico como algo homogêneo, agora assumido como uma tradição cultural (CURY, 2003: p. 9-10).

O modernismo literário contribuiu para firmar os escritores da época como líderes intelectuais⁷⁰. Exemplos desta produção são: Gilberto Freyre com *Casa-grande & senzala*

⁷⁰ Podemos citar exemplos como: Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de

(1933); Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil* (1936); e Caio Prado Jr. com *Evolução Política do Brasil* (1933). Caio Prado e Sérgio Buarque, faziam parte de um novo grupo de intelectuais ligados à Universidade – ambos vinculados à criação da USP. Já Gilberto Freyre, continuou a seguir a tradição dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros, conduzindo a sua narrativa fora da academia.

Gilberto Freyre figura como o exemplo mais emblemático da escrita regionalista e saudosista brasileira. O seu discurso nostálgico é característico de momentos em que ocorrem transformações históricas e socioculturais que ameaçam as tradições, os valores e a estrutura social de uma época. Como pontua o historiador Albuquerque Jr (2006):

O saudosismo parece nascer da angústia diante da sucessão das novidades, como fruto da insegurança diante de novas estruturas sociais que vêm substituir a antiga ordem, destruindo os lugares e hierarquias sociais já estabelecidas. O saudosismo parece ser uma reação dos grupos sociais que estão sendo afetados negativamente por estas transformações (ALBUQUERQUE JR, 2006: p. 3).

A escrita da saudade se apresenta como ponto importante a ser aqui salientado. Haja vista ser um estilo narrativo que marcou a época na qual Raimundo Nonato iniciou a sua escrita. O apego aos tempos de outrora, às convenções e costumes ressaltados frequentemente no decorrer das suas memórias, são traços da influência da escrita saudosista *Freyreana*. Em muitos momentos, os seus pares também enfatizam e tratam o seu tom saudosista de forma elogiosa, como se representasse gratidão e respeito ao seu lugar de origem. A coleção *Minhas memórias do Oeste Potiguar* se configura como uma reelaboração nostálgica, cujo exercício de rememoração revela-se como possível estratégia de resistência aos desencantamentos com o contexto de escrita. Isso porque, o processo de invocação do passado, por meio da memória, está ligado à ausência temporal; tanto de um si que não é mais o mesmo, quanto do outro. Além de firmar-se diante de um tempo passado, irreversivelmente deixado para trás.

O saudosismo permeia a escrita da maior parte dos escritores regionalistas da época e corrobora com a definição que ele dá em torno da construção das regiões:

As regiões nascem de uma dizibilidade e de uma visibilidade que homogeneíza as diversidades de paisagens naturais, de conteúdo étnico, econômico, cultural de um dado recorte espacial. As regiões nascem de práticas e discursos regionalistas e regionalizantes que desconhecem as diferenças, inclusive sociais, de classes, de poder, que constituem seu tecido social (ALBUQUERQUE JR, 2006: p. 5-6).

Afinal, a elaboração geográfica passa por uma série de “interesses” que produzem discursos em conjunto com o poder político, intelectual e cultural. Entende-se que a narrativa memorialística e histórica de Raimundo Nonato contribuiu com um discurso político que pretendia demarcar historicamente as singularidades regionais. Diante do exposto, é compreensível que, enquanto membro do IHGRN e outras instituições de poder e saber, houvesse entendimento da sua parte quanto às especificidades dos escritos que elaborava. Uma vez que, o IHGRN que embora tivesse como referencial o IHGB, exercia certa autonomia na promoção de representações narrativas regionais.

No artigo, “Outro mundo e outra gente”, o escritor, jornalista e teatrólogo, Jarbas Andréa, escreve:

Abre-se a industrialização do Nordeste. Altera-se com isso, sem dúvida, o espaço colonial em que foram transplantados os ciclos folclóricos, os motivos primários das assombrações, os fantasmas castigando e dominando vontades sertanejas – enfim, outro mundo e outra gente ali surgirão. [...] Sim, a nossa esperança é que isso acabará, mas acabará vivendo na imortalidade dos livros, na sequência do cinema, no grito e na ternura do nosso idioma enchendo os quadriláteros dos palcos brasileiros e mostrando, de maneira homérica, a fibra de uma forte e criadora nacionalidade. [...] E felizes os escritores, os artistas, os políticos, os pesquisadores e os eruditos, que preferiam à cultura europeia o combate incomparável, com os espinhos de uma região maldita e rica na desgraça, onde a estética transmudou o belo inerme do belo da vociferação, do grunido da dor, na emoção sem enfeite, sem o afeto apenas fingido das palavras. [...] **Aí, então, os homens como o Professor Raimundo Nonato, que deixou de ser apenas homem para ser também terra, ambição sedente e raiva contida contra os falsos estadistas, terá a luz do relâmpago telúrico iluminando o seu destino de bom e eterno nacionalista** (NONATO, 1987b: p. 97, grifo nosso).

Neste primeiro trecho fica evidente a exaltação às coisas do Nordeste, aos aspectos folclóricos marcados numa tradição. Tais elementos são apontados na esperança de serem “salvos” pelos “livros, cinema, artistas”, o que torna visível que o cenário de mudança ameaçava a sua permanência no presente. Com isso, mais adiante aponta Raimundo Nonato como típico escritor regionalista, preocupado com os assuntos da sua terra, mesmo que

morando distante espacialmente. O que atesta que Nonato era entendido como sendo capaz de fazer ressurgir o que seria o “verdadeiro” Nordeste. O exemplo abaixo também segue como ilustração a tais questões.

Em “Carta aberta a um escritor potiguar”, de 30/06/1980, o professor e jornalista, Israel Nazareno, narra:

[...] O Dr. Nonato reside no sul, mas o pensamento preso ao Nordeste, onde abriu os olhos à luz, balbuciou os primeiros sons e viu florir o primeiro sonho. Este Nordeste que hoje clama, implora pelas águas abundantes e salvadoras, porém, sempre vivendo de esperanças... Este Nordeste traçando a página forte dos seringueiros, desbravadores da selva e criadoras de riqueza. [...] E não é possível fugir a tais impulsos do sentimento. Brotam dos profundos abismos da alma. Não os buscamos. Rompem como força dominadora, irrefreável. O amor do Dr. Nonato ao Estado decerto o faz sofrer. Mas todos sabemos não haver amor sem padecimentos. A saudade lhe abre os braços de toda a parte, no imenso amplexo do horizonte (NONATO, 1987b: p. 99, grifo nosso).

Como se vê, a própria ideia de Nordeste e nordestino confere uma abordagem imagética e discursiva. De maneira que aparece não somente enquanto recorte econômico, político e geográfico, mas como um campo de saberes e produção cultural. Como já vem atentando o historiador Durval Muniz (2010) através de uma vasta obra sobre a temática. Assim, ao aludir a escrita de Raimundo Nonato à cultura historiográfica em voga no seu período de escrita, é inevitável que cruzemos com tais questões. Pois, o processo que permeia as construções narrativas se ambienta onde confluem poder e linguagem. Foi o que tentamos esboçar até este ponto: pensando o lugar do personagem, individual e inserido numa coletividade; a sua escrita em si, com as representações que esta ajuda a compor e significar; até chegar a este ponto de reflexão, que articula o saber produzido aos seus referenciais. Logo mais, entraremos numa discussão acerca da relação da sua escrita com a construção de uma cultura histórica para o Oeste Potiguar, que como veremos, complementarás as questões expostas até aqui.

4.2. Raimundo Nonato da Silva e a Cultura Histórica

“Todos nós julgamos escrever a história, quando apenas escrevemos para a história.”⁷¹

A História nunca foi monopólio dos historiadores, mas objeto de disputas entre agentes sociais diversos. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, há uma ampliação em torno das representações do passado para além da disciplina histórica. O rompimento com os modelos explicativos do pensamento moderno trouxe a baila um diálogo intenso com a memória. Esta surge enquanto fonte profícua às múltiplas leituras e abordagens capazes de alargar e complexificar os horizontes das representações sobre o passado (DIEHL, 2002: p. 14-16). Neste sentido, refletimos: afinal, quem detém a prioridade e legitimidade acerca das representações do passado, a história científica dos historiadores acadêmicos ou a memória dos historiadores amadores?

A compreensão em torno de tal questionamento, parte da premissa de que o entendimento que uma dada sociedade tem sobre o passado não é resultado exclusivo da produção historiográfica da academia. Mas, resultado de um processo dinâmico que envolve recortes visuais, intelectuais, nomes, valores e símbolos responsáveis por orientar a atribuição de sentido sobre a experiência humana no tempo. O conceito de *cultura histórica* – que rege a área de concentração do programa de pós-graduação ao qual este trabalho se vincula –, apresenta-se como basilar ao entendimento do processo de construção de sentido sobre o passado. Não por acaso, vem ensejando debates e suscitando tentativas de delimitação dentro do próprio campo da história.

A *cultura histórica* tem sido pensada desde 1980, por autores como Bernard Guenée (1980), Jacques Le Goff (1996) e Jörn Rüsen (1994). O primeiro autor pode ser entendido como aquele que ofereceu um ponto de partida para se pensar a conceituação desta noção. Ele parte do pressuposto de que a cultura histórica corresponde à “bagagem profissional do historiador, à sua biblioteca de obras históricas, o público e a sua audiência” (GUENÉE, 1980). Partindo desta premissa, Le Goff amplia esta concepção ao afirmar que é “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva, mantém com o passado”. Acrescenta ainda

⁷¹ Citação feita por Raimundo Nonato, que diz ser do “mestre Cascudo” (NONATO, 1988g: p. 115, grifo do autor).

que, “a história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica, ou melhor, a mentalidade histórica de uma época” (LE GOFF, 1996: p. 4).

No entanto, a definição de Le Goff tem causado certo desconforto em alguns historiadores, pois, iguala o conceito de cultura histórica ao de “mentalidade histórica”. O que acaba por homogeneizar as ideias e pensamentos que uma dada sociedade tem sobre o passado. O historiador Elio Chaves Flores (2007), esclarece o que chama de “equivoco categórico”:

[...] se realmente existe uma mentalidade histórica, ela prescinde de qualquer sinal de letramento, sendo atributo incontestemente também das sociedades ágrafas e pré-capitalistas. Entretanto uma cultura histórica se evidencia quando as categorias de clérigos, profissionais e leigos tomam para si a cruzada da vulgarização e divulgação do que foi feito no passado, dando-lhe um sentido histórico. Avançamos, pois, no sentido de que a cultura histórica não pode ser uma exclusividade da narrativa dos historiadores, a historiografia. Ela tanto pode ser narrada pelo cronista, jornalista, cineasta, documentarista ou memorialista. Trata-se da história sem historiografia, mas que não prescinde do fato de que a narração de qualquer feito tenha, pelo menos, as condições do sentido histórico [...] (FLORES, 2007: p. 96).

Ou seja, a noção de *mentalidade*, utilizada pelos *Annales* durante a primeira metade do século XX, e por Le Goff nesta definição, hierarquiza e enxerga na sociedade um todo homogêneo em suas representações sobre o passado. E, portanto, não comporta a multiplicidade de pensamentos e visões de mundo que o conceito de cultura histórica abarca. Elio Flores o define da seguinte forma:

Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais (FLORES, 2007: p. 95).

Por sua vez, Jörn Rüsen (1994) afirma que a cultura histórica “pode se definir como a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade”. Podendo se manifestar de modo “individual e coletivo”, através de diversos meios e estratégias ligadas à

memória histórica, englobando o inconsciente e os “não ditos” (RÜSEN 1994: p. 4). No que concerne à maneira como operacionalizamos tal conceito, temos como base as reflexões do historiador Hans-Georg Gadamer (2009) acerca da consciência histórica. Que se refere à tomada de consciência sobre a historicidade humana, segundo a qual, “ter senso histórico é superar de modo consequente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual” (GADAMER, 2009: p.18). Entendemos que a cultura histórica diz respeito à maneira como voltamos o nosso olhar sobre o passado; à produção do conhecimento histórico, que surge como uma consciência humana sobre o tempo, capaz de dar percepção tanto sobre o passado, o presente, quanto sobre o futuro enquanto possibilidade de realização.

Não por acaso, nos referimos anteriormente à relação mantida por Raimundo Nonato com os intelectuais da Coleção Mossoroense. Haja vista ter sido este o lugar onde produziu os escritos aqui problematizados. O intuito foi pensar a sua escrita articulando-a a “topografia de interesses” capaz de determinar os caminhos do que é narrado. Visto que a Coleção Mossoroense foi criada visando contribuir, através de uma bibliografia especializada, para a projeção de Mossoró como centro de produção científica e editorial regional. Para tanto, os letrados que escreviam sobre temas científicos eram, em sua maioria, especialistas que detinham certa autoridade para falar sobre tal. Por isso, é importante inserir tais narrativas dentro das práticas escriturárias do seu lugar de produção.

A Coleção Mossoroense tem contribuído significativamente à historiografia Potiguar, ao servir como fonte para pesquisas e estudos em diversas áreas. A compreensão das práticas escriturárias em torno de tais fontes – notadamente aqui nos referimos aos escritos de Raimundo Nonato –, consiste em historicizar o modo como estas forjam uma coesão social em torno de uma “cultura mossoroense”. Posto que, como demonstrado, os autores da Coleção criam uma cidade por meio de práticas de natureza ritual e simbólica que visam inculcar valores, através da repetição, que estabelecem continuidade entre o presente e um passado histórico comum. Entende-se que a família Rosado utilizou-se dessas práticas simbólicas, de natureza escriturária, para respaldar um presente com base em um passado virtuoso que poderia ser “acessado” por meio das inúmeras narrativas impressas pela editora.

Dentro de tal contexto, acredita-se que as narrativas produzidas por Raimundo Nonato, serviram para que se construíssem concepções e maneiras de pensar o passado da cidade. De maneira que, a subjetividade da comunidade seleciona e associa simbolicamente

representações, de acordo com o modo como dotam o meio em que vivem de significados, muitas vezes, condicionados por seu momento histórico, mas que atuam na construção de uma tradição em torno do passado de Mossoró e Oeste Potiguar.

É primordial partir do pressuposto de que os intelectuais envolvidos no projeto político-intelectual da Coleção Mossoroense, se constituíam dentro de um *campo intelectual* de elaboração e colaboração mútua. Basta observar, por exemplo, a maneira como estes intelectuais utilizavam suas escritas para conferir legitimidade umas às outras. A exteriorização de tais relações se consolida de modo mais concreto na citação e divulgação mútua encontradas em suas obras. É como se fizessem uso do seu próprio prestígio em favor do outro, numa espécie de artimanha intelectual com intuito à autoafirmação de ideias. Tais práticas configuram maneiras de fortalecer os laços entre os que compartilhavam de ideais, percepções e leituras do mundo. Exemplo disso é a matéria abaixo, escrita por Nilo Pereira⁷²:

Leio tudo quanto se diz sobre Mossoró. Portanto, leio Raimundo Nonato e o outro – Raimundo Nunes – dois Raimundos que são, sem trocadilho, reis do mundo em que vivem e viverão sempre. Nonato tem por si uma inquietação criadora. Quem escreveu a História Social da Escravidão, disse tudo sobre o grande episódio que Nabuco ignorou. Mas aí está Nonato para dizer, como outros disseram, desse grande pioneirismo histórico mossoroense – uma página que, ainda hoje há mais de um século, nos sacode o patriotismo e o orgulho (*Jornal do Comércio* – 16.08.1986).

Os indivíduos inseridos no campo intelectual, em questão, corroboravam com representações que, em muitos momentos, conferiam poder à família Rosado. Um poder demarcado, sobretudo, na história da cidade. Observemos o que escreve Raimundo Nonato sobre o ex-prefeito e governador, Dix-sept Rosado:

[...] um mossoroense de espírito ungido pelo evangelho da bondade. Justamente, aquele de quem afirma o escritor do Ceará-Mirim, Nilo Pereira, num depoimento afirmativo, como um fato histórico: ser “a expressão imorredora do telurismo mossoroense na política e na administração” (NONATO, 1992: p. 25, grifo do autor).

⁷² Nilo Pereira foi um escritor norte-rio-grandense do Ceará-Mirim. Com intensa produção literária e jornalística nos meios culturais de Recife, assumiu a vaga deixada por Gilberto Freyre na presidência do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco.

No trecho acima, Dix-sept é narrado quase que de forma mítica, dando a ver o modo como muitos dos intelectuais que escreviam na Coleção se referiam a ele e também à sua família. Desse modo, a editora vai promovendo narrativas estabelecidas em torno da tradição desse grupo familiar e da sua influência política para com a cidade de Mossoró. Narrativas capazes de constituir representações tanto na historiografia, quanto no imaginário coletivo potiguar. Uma vez que, as leituras que ensejam são capazes de “mobilizar simultaneamente os diferentes e sucessivos modos de inscrição e transmissão da palavra escrita que herdamos do passado” (CHARTIER, 2002: p. 31). Aqui, é possível observar também, o cunho pedagógico por meio de exemplos morais, típico da *historia magistra vitae*.

Deste modo, entende-se que os escritos de Raimundo Nonato, enquanto integrantes deste projeto político-intelectual, são responsáveis por ajudar na constituição de uma cultura histórica para Mossoró e Oeste Potiguar. Não ignorando o que alerta a historiadora Rosa Godoy Silveira (2007), ao dizer que “toda cultura é histórica e tudo que é histórico, é cultural”, se tratando de um conceito “circular e redundante em sua substantivação e em sua adjetivação”, multifacetado e condutor de diversas possibilidades de abordagens (SILVEIRA, 2007: p. 42). E, por esse motivo, dado a leituras diversas e significados plurais.

A relação entre as representações narrativas, produzidas pela escrita de Raimundo Nonato, com a cultura histórica do Oeste Potiguar, parte da articulação entre as temporalidades, o representado e as representações (SILVEIRA, 2007: p. 33). Pois, requer o entendimento do tempo e das relações através dos textos que se apresentam diante de nós. Plenos de sentidos e capazes de transmitir experiências cuja compreensão não é revelar apenas um modo de conhecer, mas de ser diante do tempo. De maneira que sua narrativa, enquanto intriga, apreende e unifica elementos externos, com base em experiências compartilhadas socialmente com pessoas e/ou grupos (RICOEUR, 2010).

Admite-se que pensar a cultura histórica aliada a esta produção, significa considerar o percurso histórico e historiográfico de práticas e maneiras de entender o passado, cristalizadas pelo tempo. Os comentários expressos abaixo são representativos da maneira como a escrita de Raimundo Nonato foi recepcionada à época. Dando a vislumbrar em que medida esta contribuiu a uma dada maneira de pensar o passado narrado por ele. Sem ignorar, que são comentários que partem, muitas vezes, de figuras que partilhavam de um mesmo lugar institucional. Mas, trata-se de comentários que serviam para formular um consenso em torno do escritor e das representações por ele produzidas:

Raimundo Nonato tornou-se o autor da mais vasta e categorizada bibliografia da nossa região: sociólogo e historiador, fez uma história da qual participou sua humanidade mais humilde. Construtor de pontes, que ligam e confraternizam os homens e as mulheres de todas as condições sociais e econômicas.⁷³

Vingt-Un traça um perfil da escrita de Nonato como “construtora de pontes”, ao afirmar que se detém aos indivíduos de todas as camadas sociais. Além disso, também se refere a ele enquanto historiador, conferindo legitimidade ao que é narrado. É recorrente nos comentários, acerca da escrita de Raimundo Nonato, a menção à diversidade de sujeitos narrados por ele, como: parteiras, comerciantes, engraxates, políticos, magistrados, etc.

Hoje, ao meio dia, um grupo de intelectuais natalenses oferece almoço ao escritor Raimundo Nonato, que veio a Natal para o aniversário, amanhã, do Instituto Histórico, ocasião em que lançará o mais recente livro “Serra do Martins”. Com 70 anos de idade, residindo no Rio de Janeiro, onde tem a sua central de atividades no campo da inteligência e da cultura, Nonato é hoje o maior editorialista de livros da província, depois de Luís da Câmara Cascudo.

Diário de Natal - 21/03/1978 (NONATO, 1991b: p. 81).

Acima, a reportagem enaltece a sua vasta produção editorial, sem deixar de estabelecer uma comparação direta com as publicações de Câmara Cascudo. Este, tido como *mestre* e símbolo na produção de conhecimento dentro do Estado. É interessante notar que embora os comentários sejam elogiosos em relação a Nonato, tendem a demarcar o lugar de Cascudo sempre em posição superior. A seguir, percebe-se novamente o tom comparativo entre os dois:

Voltando, hoje, de Mossoró, o escritor Raimundo Nonato, que passa uma semana no Estado. Nonato, além de ser o intelectual que mais produz livros, depois de Cascudo, é representante do nosso Estado junto a Federação das Academias de Letras do Brasil, cuja nova diretoria será empossada nesta sexta-feira.

Diário de Natal – 21/03/1979 (NONATO, 1991b: p. 90).

⁷³ Escreve Vingt-Un Rosado, em 08 de agosto de 1981, na apresentação do livro: NONATO, Raimundo. *Entre Livros*. Col. Mossoroense, série B, vol. 374, Rio de Janeiro, 1981.

O jornal *A República* de Natal, publicou em 19 de agosto de 1977, em comemoração aos seus 70 anos:

CÂMARA CASCUDO afirma – “É uma figura de emocional respeito. A simplicidade de seu trato valoriza a esplêndida documentação de sua obra”. [...] “Professor, Magistrado, Historiador, Folclorista, membro do Instituto Histórico e da Academia de Letras, tudo alcançou com naturalidade e alegria criadora. Seus livros documentam Mossoró e os aspectos sociais da sua época” (NONATO, 1988f: p. 7, grifo do autor).⁷⁴

A ideia de considerar as múltiplas formas de conhecimentos, como forma de compreender o passado – que podem ser entendidas como cultura histórica –, também aparecia nos comentários. Talvez numa tentativa de legitimar o que era narrado por Raimundo Nonato e muitos outros intelectuais da época.

[...] o testemunho que Raimundo Nonato tem dado, permanentemente, é de total envolvimento com a terra e a gente de Mossoró: com as gerações mais novas, revelando aspectos de um passado que não deve ficar apenas na memória dos que o edificaram; com os mais velhos levando-os a evocar passagens e episódios que fizeram parte da história de suas vidas e da cidade onde viveram (NONATO, 1991c: p.6).⁷⁵

Acima, é feita uma referência à tradição oral, que se configura como elemento importante na composição da cultura histórica, uma vez que esta evoca as diversas maneiras de vislumbrar o passado. É comum encontrar relatos provenientes da tradição oral na narrativa de Raimundo Nonato, tanto de sujeitos já falecidos à época, quanto de pessoas que lhe compartilhavam lembranças individuais e coletivas sobre o passado.

No artigo “reencontro dos amigos”, Raimundo Nunes promove um relato que nos faz pensar a escrita de Nonato enquanto repositório de cultura histórica. Aqui enfatiza os seus conhecimentos nas áreas da história e sociologia em prol de uma “obstinação literária”. De maneira que reitera o pensamento de que a sua escrita configura uma dada maneira de olhar para o passado:

⁷⁴ O comentário acima, nos faz refletir sobre o que talvez represente “o atestado do mestre”, como se a sua fala atestasse o valor simbólico de Raimundo Nonato para as “causas do Estado”.

⁷⁵ Fala do então Reitor da Universidade Federal do Ceará, Prof^o Walter de Moura Cantídio. Fortaleza, 20 de setembro de 1973.

RAIMUNDO NONATO é uma enciclopédia circulante, concentrando matéria especializada em assuntos do país de Mossoró. [...] Estudioso e divulgador da história, sua obstinação literária e sociológica se aprofunda, quando aborda temática mossoroense. [...] Em meia centena de publicações, livros, conferências e títulos diversos, já tomou sua obra demasiado abrangente. Desde os fundamentos históricos, situando a cidade em dimensões nacionais, até o dia-a-dia dos fatos rotineiros, perfilando homens, desde o maior destaque empresarial, profissional ou cultural, até as mais humildes figuras populares, que compuseram a fisionomia sociológica e humana da terra do sal. De Zé Alinhado a Maria Pata Choca, de Pé Ôco e Rosendo Veneranda e João de Conceição, de Regina do Caroço a Mené Cachimbim – passando pela sociologia dos bordéis [...] Sua destinação é a densidade cultural e histórica de Mossoró, que até parece infinita no mapeamento de suas fontes inexauríveis (NONATO, 1988c: p. 85-86).

Em “Raimundo Nonato, professor emérito”, o jornalista norte-rio-grandense Rafael B. F. Negreiros, pontua:

No dia em que Mossoró tiver que escolher seu historiador, somente um homem poderá desempenhar o papel a contento – RAIMUNDO NONATO DA SILVA, ora morando no Rio, que conhece tudo sobre nossa cidade, seus costumes, suas ruas, seus becos, suas vielas, as figuras que foram exponenciais, com detalhes, minúcias de artesão, uma espécie de investigador que vai ao fundo do poço, procurando tudo, sem descansar um só instante, um homem que nunca se desligou de sua terra porque, tendo nascido em Martins, ele é mais mossoroense que muitos de nós. Fico impressionado com a persistência e a memória de Raimundo Nonato, em tudo quanto procura analisar, sem ódios, sem ressentimentos, tranquilamente. Nem lhe seja perguntado se pertence a algum partido político, porque isto para ele é indiferente, o que vale mesmo, é a História com H maiúsculo, uma vontade de perquirir, investigar, procurar um rumo, que fariam inveja a muito medalhão que anda por aí, bancando o historiador [...] Raimundo Nonato é simplesmente incansável, vale a pena ler o que ele escreve, por que tudo é documento. Um homem que trabalha sem o objetivo de lucrar (NONATO, 1988e: p. 61-62).

Aqui, o jornalista traça o seu perfil de historiador, como sendo isento, “sem ressentimentos”, conhecedor de todos os fatos da cidade. Define a sua escrita como documento, como se fosse a verdade sobre o que é narrado. Além disso, estabelece elo direto com o conceito de cultura histórica, ao considerar diversos tipos de saberes, ditos “populares”, advindos tanto das conversas informais, quanto de outras instâncias da experiência cotidiana. Sigamos com mais alguns exemplos da relação da sua escrita com a cultura histórica.

Sobre os escritos que dão ênfase às escolas e professores, o professor Gama Lima, ressalta:

Raimundo Nonato fêz-me, com o seu conhecimento e seu espírito ágil de sertanejo, um enamorado das gentes e das coisas do Rio Grande do Norte [...] Surge, agora, em sua inesgotável capacidade de rebuscar e produzir o Ensino de Mossoró – “Suas escolas, seus professores”. Na mesma diretriz de suas outras obras. **Raimundo Nonato faz-nos penetrar no passado, com toda a sua emotividade** [...] Nonato conta-nos a história dos velhos professores. Com sua imaginação põe-nos em contato com a escola do tempo [...] Focaliza na cidade em evolução: Mossoró, centro progressista, de porosa economia e apreciável profecção comercial, abastecendo cidades do interior de quatro Estados Nordestinos. [...] Considero Raimundo Nonato um homem símbolo. Símbolo do que é capaz o cabôclo de nosso interior, transfigurado pela inteligência, iluminado por seu ideal, por sua tenacidade e pelo seu profundo amor ao nosso Brasil.

RIO DE JANEIRO, 14 de julho de 1964.

Rua dos Araújo, 27 – Tijuca (NONATO, 1989b: p. 43-44, grifo nosso).

É interessante atentar à maneira como a sua escrita é descrita neste trecho, aqui, ela não representa apenas uma forma de dizer o passado, mas de ver. O depoimento revela que a sua escrita traz à tona algo que já não é. De modo que, age no imaginário do leitor criando representações – a imagem presente de uma coisa ausente, *eikón* – e produzindo identificação com o que é narrado.

A escrita em trânsito, espacial e temporal, também é considerada pela imprensa da época. Enfatiza-se o empenho em escrever sobre o lugar de origem, mesmo já tendo alcançado projeção nacional. É como se fosse um ato que demonstrasse gratidão e respeito:

Poucos intelectuais no rio grande do norte construíram uma obra de tamanha significância, mostrando o pitoresco e a importância da toponímia Potiguar e sua gente, quanto Raimundo Nonato. Ao se afastar da terra em que chegou ao mundo, iniciou sua obra literária premiando Mossoró que o agasalhou na adolescência e o ajudou na juventude. Daí foi fácil partir, mais tarde com o auxílio da capital, em busca da projeção nacional que não tardou. Quantos livros bons fez Nonato sobre sua terra e sua gente.

Diário de Natal – 23/03/1978 (NONATO, 1991b: p. 78-79).

O Jornal *O Mossoroense*, de 07 de junho de 1988, publicou o seguinte texto de Maria Anunciada Dutra da Cruz – a quem não conseguimos identificar:

Autodidata, leitor assíduo dos bons autores, cedo iniciou a carreira das letras. [...] Dono de invejável memória, colocou-a a serviço de sua pena e avolumou a bibliografia Potiguar, notadamente a da zona Oeste do Estado, **fez reviver, das cinzas do passado, pela pesquisa e poder de evocação,**

lugares, tempos, homens, ruas, figuras e fatos. Reavivou lendas, superstições, tradições, costumes, roteiros, dando à literatura regional obras editadas pelos órgãos oficiais de âmbito municipal, estadual e nacional. [...] **A tônica dos seus escritos tem sido a terra mossoroense, pessoas e fatos ligados à terra inesquecível, que o tempo levaria para o esquecimento, se o autor não os reavivasse com a sua memória prodigiosa, para que continuassem latentes na lembrança e no coração de todos.** [...] No Rio de Janeiro, Raimundo Nonato, magistrado, historiador, mestre da indagação artística, econômica, anedotoria, representa, psicologicamente um órgão suplementar, sensitivo, indispensável a multidão nordestina que o Estado do Rio de Janeiro seduziu e fixou. É a voz que não deixa esquecer o sertão (NONATO, 1989b: p. 51-52, grifo nosso).

Mais uma vez, o depoimento atenta para a “força” da escrita de Nonato, em trazer à tona o passado. Em produzir uma narrativa que gera “empatia” ao leitor, a ponto de produzir identificação com o que seria um passado compartilhado por uma coletividade. Como se percebe, a memória é um elemento versátil, que acaba por penetrar no terreno historiográfico. E, como alerta Júlio Pimentel Pinto (1998), está “mais interessada nos ritos de conformação do passado do que em sua percepção no momento em que relampeja” (PINTO, 1998: p. 6), ainda que almeje estabelecer uma dialética entre o passado e o presente.

Cabe-nos operar sob uma base de criticidade, visando apreender como estas memórias se consubstanciam não somente a partir dos textos escritos, mas através de matrizes que representam hábitos, lugares, sujeitos e recordações. Pois, assim se cria uma teia identitária, responsável pela autoafirmação de sujeitos e grupos, como se representassem uma memória historicamente herdada. Como sugere Michael Pollak (1992):

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992: p. 204).

Em “O amigo em todas as latitudes”, Vicente Lopes⁷⁶ – potiguar, industrial e médico –, descreve:

⁷⁶ Sobre ele, Raimundo Nonato pondera: “inscrito no livro do mérito da medicina nacional”; no que talvez represente uma forma de legitimar a fala feita a seguir.

O professor Raimundo Nonato, cuja atividade intelectual, nos últimos quarenta anos, tem se exercitado, ativamente, no magistério primário e médio, na imprensa, na literatura, na magistratura e em várias associações culturais, possui, em sua já numerosa bibliografia, vários trabalhos focalizando figuras e episódios históricos de Mossoró. Por esses trabalhos, realizados à base de pesquisas criteriosas e documentação idônea, grangeou ele o título de um dos melhores especialistas, senão o melhor, no estudo e reconstituição do passado do tradicional e progressista município potiguar (NONATO, 1987b: p. 109).⁷⁷

Em “Depoimento da juventude”, aparece o trabalho da aluna Maria das Graças Iemos Ferreira, do 2º ano pedagógico do Colégio Imaculada Conceição, em Natal:

[...] Confesso que o interesse me veio, para conhecer terras, gentes e fatos do nosso sertão Oeste, ou de se localizar a cidade serrana de Martins, berço natural da minha querida mãe, que me aconselhou ler as obras do seu conterrâneo martinense, para bem conhecer os costumes, os meios agrícolas e pecuários, a vida social de uma pequena cidade sertaneja [...] Todo aquele que lê os livros de Raimundo Nonato notará a predileção dele de focalizar nomes, trabalhos, caracteres, profissões de pessoas pobres, anônimas e humildes, dando-lhes um canto nas suas páginas de escritor, um bocado de luz em vida que só encontraram a sombra do anonimato (NONATO, 1987b: p. 114).

Acima, condensamos relatos de professores, jornalistas, de um médico e por último de uma aluna do ensino primário. Buscando com isso, demonstrar a heterogeneidade de depoimentos publicados sobre a sua escrita à época. Como todos estes depoimentos estavam presentes na sua coleção de memórias, entende-se que esta singularidade tenha sido percebida por ele. O que nos faz pensar, que a publicização destes, opera na estratégia de construção de si do próprio autor. Queria ele ser lembrado como uma unanimidade? Onde estariam os seus desafetos?

Sobre este ponto, é importante salientar o artigo publicado por seu amigo, Walter Wanderley, intitulado *A outra face de Raimundo Nonato I*:

⁷⁷ Nota-se expressões que remontam à tradição iluminista do IHBG, dando a compreender que a narrativa de Nonato traria à baila um “verdadeiro passado”, focado nos aspectos progressistas da espacialidade. Há ainda a menção à “pesquisa criteriosa” e “documentação idônea”, como se houvesse uma documentação inteiramente “confiável”.

Falar de Raimundo Nonato daria um livro. [...] Mas, entre o Nonato de ontem e o de hoje vai uma grande distância. É o que os amigos dizem e eu confirmo e dou fé. Antes, em Mossoró, era aquele professor austero com os alunos, disciplinador, pouco comunicativo. Tinha os seus “amigos do peito”. Não aceitava que ninguém discordasse de seus pontos-de-vista. Com o poeta Cosme Lemos teve discussões que, felizmente, dado o temperamento de Cosme, não tiveram substância nem arrefeceram a amizade dos dois conterrâneos. Com Padre Mota, Lauro Escóssia, Costa Filho suas divergências eram frequentes (NONATO, 1992a: p. 111).

O artigo denota um temperamento forte por parte de Nonato. É um relato que difere dos demais, a começar pelo título. Não há nada em seu conteúdo que venha a ferir a “honra” do escritor. Porém, chama a atenção, a ênfase dada a uma personalidade diferente das narradas em todos os demais depoimentos sobre ele. Que, sempre era definido como sendo um sujeito alegre, comunicativo e que não abria mão de uma brincadeira. Como o próprio artigo nomeia, eis uma “outra face” de Nonato.

No Jornal *Gazeta do Oeste*, de 24 de agosto de 1993, o jornalista Dorian Jorge Freire, escreve em sua coluna:

Eu o sabia doente. Mas não acreditei fosse doença que mata, mas manha de velho enxerido. Quinta-feira, 18, dei notícia de seu aniversário, o 86º e o coloquei na minha galeria de notáveis. A palavra de respeito e amizade ao cangaceiro, um diabo jovial e cheio de talentos. Passei a espera-lo, que Raimundo Nonato de há muito era evento maior de nosso 30 de Setembro. “Presidia” o encontro na alvorada daquele dia na Praça da redenção. [...] Eu o chamei, dia 18, de “pedaço bom da minha adolescência...” Meu professor de português no Colégio dos Padres, digo, de Santa Luzia. Já era moderno naquele tempo e suas aulas eram fascinantes. Depois Raimundo Nonato partiu para a capital e **começou carreira de escritor com o romance “Quarteirão da Fome” que julguei fraco e escrevi isso. Ficou de mal comigo por umas luas e depois fumamos o cachimbo da paz.** Raimundo continuou a escrever e se tornou admirável memorialista, competente historiador e apoteótico cronista exagerado por que bom e de elogio fácil. Eu me lembro: uma vez o encontrei num ônibus que levava a Natal madrugadinha. Ele trocou cadeira com um dorminhoco e iniciamos juntos a viagem. Raimundo falou de Mossoró a Natal sem errar e sem tomar fôlego. Era a única voz do ônibus, porque também eu ouvia encantado a sua prosa viva e brilhante, suas histórias, causos seus e alheios. Quando chegou o desembarque, ele ainda falava, e suscitou um comentário de um companheiro de viagem: “que homem de conversa boa: aprendi muito, aprendi muito...” Eu também. [...] Era tão amado e tão terno. É o primeiro lamento caótico deste anotador de saudades e incorrigível chorão (grifo nosso).

Assim como o anterior, o comentário acima não prova desafetos do professor Raimundo Nonato. Mas destoam minimamente de todos os outros, que são condensados num

sopro de elogios quase inquebrantáveis. Aqui, percebe-se que havia divergências de ideias com sujeitos com quem dividia os mesmos espaços. Mas não foi algo que ficou marcado na historiografia Potiguar. Talvez isso se deva ao fato de não haver um projeto escriturário e identitário concorrente ao da Coleção Mossoroense. Se caso houvesse, as divergências seriam muito mais latentes e certamente teriam deixado marcas nas fontes que dispomos sobre o período. Mas essas são apenas conjecturas frente aos questionamentos colocados. Abaixo, Dorian escreve:

O que saberemos, o que virão a saber do nosso século XX em Mossoró, saberemos por obra e graça desse trabalhador, inteligente, obstinado, fiel e extremamente lúcido que é Raimundo Nonato da Silva.

São Paulo, 20 de janeiro de 1973 (NONATO, 1981: p. 16).

Nota-se que o presente comentário confere credibilidade aos escritos publicados por Raimundo Nonato. E, se torna bastante singular a julgar que tenha sido feito pelo mesmo jornalista que fez duras críticas ao seu primeiro livro, “Quarteirão da Fome” – como vimos na matéria apresentada anteriormente. Cabe ressaltar que o mesmo jornalista veio a integrar posteriormente o projeto escriturário da Coleção, na qual publicou diversos livros. Levando-nos a inseri-los nas regras típicas do campo intelectual, com suas críticas elogiosas e suavizações de diferenças no âmbito externo em nome de um projeto comum.

No que tange à sua legitimidade enquanto historiador, esta não parece ser questionada pelos pares à época. Ao contrário, parecia haver um consenso quanto à relevância da sua obra como documento histórico. Não sendo estranhamento que Lauro da Escóssia comentasse em determinado momento que, “este, [é] um primoroso trabalho do nosso maior historiador, o Prof. Raimundo Nonato” (NONATO, 1992a: p. 24, grifo nosso).

Já em fala na ANRL, Veríssimo de Melo – jurista, professor e jornalista –, atesta:

Raimundo Nonato é sobretudo memorialista e historiador, mas envereda por muitos outros caminhos, escrevendo romances, ensaios literários e folclóricos, desenterrando e revivendo figuras e episódios da Zona Oeste do Estado (NONATO, 1992b: p. 53).

As cartas do renomado escritor, Carlos Drummond de Andrade, que se referem a publicações que apesar de não serem exclusivas sobre a coleção de memórias em questão, contribuem ao entendimento de que a sua escrita não se restringiu ao âmbito regional, mas dialogou com o cenário nacional da época exposto no ponto anterior:

Rio, 24 de abril de 1977.

Prezado Dr. Raimundo Nonato:

Graças ao seu livro, pude conhecer a história de Jesuíno Brilhante, narrada com apoio em documentação veraz e lucidamente suavizada. Muito lhe agradeço o amável oferecimento deste trabalho, tão importante para o estudo do fenômeno do cangaço brasileiro.

O agradecimento e a visita cordial de

Carlos Drummond de Andrade.⁷⁸

Rio de Janeiro, 4 de abril de 1978.

Prezado Dr. Raimundo Nonato:

Pelas mãos do nosso bom amigo ANTÔNIO CARLOS OLIVEIRA, tive o prazer de receber o exemplar do seu livro, “SERRA DO MARTINS”, com amável dedicatória que agradeço. Leio sempre com interesse as obras que falam de nossas cidades e de seus elementos humanos, pois permitem um conhecimento mais amplo do país. O volume que me ofertou é dos que engrandecem a nossa bibliografia brasileira pela soma de dados e informações nele reunidas sobre a comunidade Martinense. Deus haja, pois, a sua proveitosa atividade intelectual.

Cordialmente,

Carlos Drummond de Andrade.

(ROLIM & ROSADO, 1998: p. 3-4).

O conceito de *capital simbólico* auxilia no entendimento deste processo, ao advertir que os agentes sociais posicionam-se e utilizam-se do seu capital para definir hierarquias e construir relações arquitetadas de maneira a validar uns aos outros. Haja vista que cada comentário feito a respeito da escrita de Raimundo Nonato é carregado de uma natureza simbólica conferida pelo capital de cada sujeito que ajudou a lhe conferir notoriedade. O fato de os comentários encontrados tanto nas cartas pessoais, quanto nos jornais da época, terem sido publicados em livros do próprio Raimundo Nonato, denota o valor simbólico que estes representam. De modo que, tais comentários ajudam a recompor a importância que a sua

⁷⁸ Veja-se que Drummond atenta ao apoio dos documentos “lucidamente” suavizados. Estaria ele se referindo a uma forma menos densa de se narrar?

escrita desempenhava na construção de uma cultura histórica em torno do Oeste Potiguar. Nota-se que a sua produção foi afetada diretamente pelas relações sociais estabelecidas dentro do seu campo social e intelectual.

Assim, ao nos debruçarmos sobre as recordações do passado narradas pelo autor, entendemos que a problematização e contextualização em torno destas, contribuem para a melhor compreensão do contexto histórico e social no qual foram gestadas. Suas assertivas revelam detalhes e minúcias que auxiliam na percepção de aspectos relacionados à cultura e sociedade. A sua escrita passa a interferir nas representações e significações identitárias acerca dos sujeitos e lugares da região Oeste Potiguar. Fazendo referência a Benedict Anderson (2008), o seu varal de memórias ajuda a imaginar o Oeste enquanto comunidade.

A tradição escrita em torno da espacialidade possibilitou a Raimundo Nonato atuar, consciente ou inconscientemente, como artífice no processo que representou uma forma de consciência histórica na produção de um passado para este espaço. Ao conduzir, a partir da sua seleção de memórias, o sentimento de pertencimento identitário nos sujeitos e grupos, ajuda a “fundar” um passado para o Oeste. De maneira que demarca não apenas o tempo, mas o espaço regional, afinal, “o que um leitor recebe é não somente o sentido da obra mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si” (RICOEUR, 1994: p. 120). Logo, pensar o processo que circunda esta escrita é, sobretudo, uma busca pela desnaturalização do espaço e do tempo, pela historicidade do que é narrado.

Os elementos apontados até aqui, corroboram com o que pretendíamos esboçar a priori. Revelam a atuação da escrita de Raimundo Nonato na construção de uma cultura histórica para o Oeste Potiguar. Uma vez que, como afirma o historiador Astor Diehl (2009), a cultura histórica está ligada à própria reconstituição do passado. Sendo que tanto pode estar relacionada à comunidade acadêmica, como aos historiadores não acadêmicos.

A posição que ocupamos ao desempenhar o nosso fazer historiográfico, busca constituir uma fala que argumenta “o mais próximo possível de uma racionalidade disciplinar, de uma racionalidade acadêmica”. Contudo, quando trabalhamos com cultura histórica, não desprezamos os saberes produzidos fora do âmbito acadêmico e disciplinar, “não quer dizer que esse conhecimento racionalizado pelos historiadores seja mais ou menos importante do que aquele que é subjetivado individualmente ou por grupos sociais”, sendo importante atentar a especificidade de cada um (DIEHL, 2009).

Como é possível inferir, pensar a cultura histórica acende um debate acerca da própria história como disciplina. Cabendo frisar que há uma diferença ao nos referir à história enquanto disciplina hoje, em comparação ao período no qual Raimundo Nonato escreveu. Mesmo que consideremos que, as fontes aqui problematizadas tenham sido escritas durante as duas últimas décadas do século XX. Hoje se tem uma disciplina consolidada, com moldes mais bem definidos e estruturados. Já o período de escrita da coleção de memórias, se refere a um momento de transição dos parâmetros da cultura historiográfica. Não seria o mesmo que comparar aos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos por historiadores como Jurandir Malerba (2014)⁷⁹ e Bauer e Nicolazzi (2016)⁸⁰.

Isso porque, até os anos 30, não havia uma fixidez em torno da disciplina histórica no Brasil. Posto que, não existiam faculdades para formar profissionais na área. Ao invés disso, o ofício do historiador era desempenhado por uma categoria de intelectuais, os “homens de letras”. Assim, entende-se que a linha que dividia o que era um historiador profissional de um “amador” ainda se fazia muito tênue. Sem contar que, a tradição do IHGB se perpetuou ao longo do século XX, pelo menos até a história-disciplina se firmar no seio historiográfico brasileiro.

Em meados da década de 40, que foi quando Nonato iniciou o seu trabalho como escritor, os historiadores eram “em tese, todos aqueles que produziram na área dos ‘estudos históricos’”, portanto, tratava-se de um campo intelectual ainda pouco comprometido institucional e profissionalmente com a história-disciplina, diferente do que se tem hoje. Angela de Castro completa que os historiadores eram “com frequência poetas, romancistas, juristas e, praticamente todos, jornalistas militantes” (GOMES, 1996: p. 37-38). Assim sendo, é preciso localizá-lo, bem como as suas contribuições, dentro do seu tempo, enquanto fruto do lugar de produção da narrativa. Aqui, cabe o questionamento feito pelo historiador Michel de Certeau: *O que fabrica o historiador quando “faz história”?*

Vejamos o que diz Albuquerque Jr:

⁷⁹ Ver: MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History. hist. historiogr.* • ouro preto • n. 15 • agosto • 2014 • p. 27-50 • doi: 10.15848/hh.v0i15.692.

⁸⁰ Ver: BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016.

O conhecimento histórico é perspectivista, pois ele também é histórico e o lugar ocupado pelo historiador também se altera ao longo do tempo. Nem sempre se fez a História do mesmo jeito, e ela serviu a diferentes funções no decorrer do tempo. O historiador não pode escamotear o lugar histórico e social de onde fala, e o lugar institucional onde o saber histórico se produz (ALBUQUERQUE JR, 2007: p. 61).

Como se vê, a consciência histórica relaciona a experiência do tempo ao processo da vida prática do homem (RÜSEN, 2001). Assim, o sentido das experiências da vida prática auxilia a entender como a cultura historiográfica ajuda a determinar um sentido para o mundo e sua interpretação sobre o homem. Desta maneira, o que conhecemos sobre o passado depende muito das condições políticas, culturais e estéticas do tempo presente, estas que ajudam a moldar o passado.

Assim sendo, pensar a construção dos saberes históricos é atentar aos diversos modos de elaboração e compreensão do seu tempo de produção. Sem desprezar o processo de significação que cada sociedade promove sobre o passado. O conceito de cultura histórica auxilia no entendimento de tais questões por “democratizar” a produção de sentido sobre o passado. Ao considerar não somente os saberes institucionalizados academicamente, mas o modo como os indivíduos e/ou grupos dotam o tempo humano de sentido.

É de notar que, Raimundo Nonato através dos anos vem escrevendo temas de muita significação para o aprimoramento da sociologia, pesquisando os variados complexos das sociedades humanas. A sua obra, iniciada há precisamente sessenta anos, relatando a vida de salteadores-bandoleiros, retirantes, revoltosos, mercadores, negociantes, cantadores, violeiros, vultos populares, poetas e escritores do Nordeste, forma uma enciclopédia, tanto contribuindo para subsidiarem o engrandecimento da Cultura Popular, como iluminando a inteligência humana no panorama, também da Cultura Erudita, onde a antropologia e sociologia se estendem no comportamento social deste agrupamento. [...] Raimundo Nonato, em sua juventude e mesmo depois de adulto, visitou frequentemente velhos historiadores anônimos enclausurados em fazendas, casa de farinha, engenhos de cana de açúcar, taperas em beira de estradas, feiras livres, onde em contacto em inteligência de observadores, conseguiu material importante para transmitir através de conferências e obras, atingindo um lugar de destaque na literatura importantes no conhecimento das tradições populares do nosso povo. Sem ser folclorista, e bem longe de ser sociólogo, uma vez que não cursou Faculdade de Sociologia, Raimundo Nonato, a nosso ver, tem profundo conhecimento destas duas disciplinas e bem poderia da lições aos pseudos antropologistas espalhados em Universidades brasileiras de Norte a Sul do país. O seu conhecimento na área dessa Ciência não aprendeu em cursos de três ou quatro anos, mas, na convivência perene, incessante, fundamental dos grupos humanos, ouvindo, assistindo e divulgando honestamente os fenômenos dos

caracteres físicos de uma região subdesenvolvida como o Nordeste brasileiro.

Gumercindo Saraiva (NONATO, 1990c: p. 298-301).

O comentário acima exemplifica a maneira como a produção de uma narrativa memorialística sobre o passado, empreendida por Raimundo Nonato, atuou também no processo de construção de uma cultura histórica para os espaços relatados por ele. Pois, como se percebe, a sua escrita conduzia os leitores a adotarem suas memórias como se correspondessem a um passado vivido pela coletividade que compunha o Oeste. Gumercindo Saraiva, autor do depoimento referido acima, defende ainda que a construção de sentido sobre o passado independe de uma possível formação na área, quando afirma que o seu conhecimento não foi adquirido em cursos de três ou quatro anos, mas na convivência com “os grupos humanos, ouvindo, assistindo e divulgando honestamente os fenômenos dos caracteres físicos de uma região subdesenvolvida como o Nordeste brasileiro”. Trata-se, portanto, de uma leitura que corrobora com a constituição de uma cultura histórica fora dos moldes necessariamente acadêmicos, em detrimento de uma construção empreendida pelos próprios sujeitos que experienciam os mesmos lugares e lembranças.

Portanto, ao estabelecer a relação de Raimundo Nonato com a cultura histórica do Oeste Potiguar, rompe-se um pouco com a ideia de que somente os historiadores formados na academia, ditos profissionais, têm a ver com a produção de conhecimentos e sentido sobre o passado. Ao contrário, o exercício de “reconstituição do passado” por meio da cultura histórica está ligado ao modo como voltamos o nosso olhar sobre o tempo. Podendo, pois, ser realizado tanto por profissionais ou não. Isso porque, o exercício que cada indivíduo realiza ao olhar para o seu próprio passado, é uma forma de produzir cultura histórica, mesmo que de modo individual (DIEHL, 2009).

Nesses termos, é importante destacar, por fim, que ao apresentar esta série de comentários acerca da escrita de Raimundo Nonato, não intencionamos tecer uma narrativa elogiosa em torno do autor, com vias a aclamá-lo. Os comentários, retirados da própria coleção *Minhas Memórias do Oeste Potiguar* – muitos deles compilados de matérias de jornais publicadas à época –, figuram como meio de demonstrar a recepção da sua escrita pela comunidade de leitores que a recebia. O intuito é refletir sobre a maneira como os indivíduos recebiam e significavam os seus escritos dentro do processo de construção de uma cultura

histórica para Oeste Potiguar. Tendo em mente que a publicização de tais depoimentos em sua coleção de memórias auxilia na construção que o próprio autor realiza sobre si.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As décadas finais do século XX foram marcadas por reflexões em torno do ofício do historiador, do seu campo de estudo e pressupostos que regem a disciplina. É neste contexto que o estudo da historiografia surge como objeto e modo de compreensão da investigação historiadora. O redirecionamento epistemológico, conduzido por uma consciência historiográfica em torno da história da história, também passou a indagar sobre os procedimentos e postulados conceituais da disciplina. Nesta perspectiva, a historiografia passa a ser dotada de historicidade, sendo condicionada pelo ponto de vista tanto de quem escreve, quanto do tempo e espaço de elaboração.

A escrita da história, forma narrativa possível da experiência humana no tempo, vincula-se às práticas sociais e culturais de reconstrução do passado ligadas a cultura histórica e historiográfica. A historiografia, o *corpus* documental, pode ser compreendida como narrativa que responde à demanda do seu tempo e o que se pretende legar à posteridade. Para além de representar apenas um balanço bibliográfico com nomes de autores e obras, quando elevada ao patamar de fonte, representa uma possibilidade de investigar objetos e problemas através da crítica aos documentos oriundos da operação historiográfica. Diz respeito à produção de sentido sobre o passado.

No início desta investigação, nos referimos à intenção de pensar o *tempo*, o *espaço* e o *homem*, como instâncias que caminham juntas nas constantes mudanças conduzidas por cada período histórico. E, como demonstrado, o espaço pode ser responsável por cristalizar o tempo, por ser o ponto de confluência entre o passado e o futuro segundo relações humanas dadas no presente. No nosso entender, a narrativa de Raimundo Nonato promove uma interação entre tempo, espaço e homem, por meio da qual, parafraseando Assunção Barros (2005: p. 104), a temporalidade é espacializada e o tempo infiltra-se no solo a ponto de quase desaparecer. Portanto, têm-se aqui um imbricamento no qual essas instâncias aparecem como indissociáveis. Pois, se o espaço está sujeito ao tempo, por sua vez, a temporalidade está sujeita aos ditames do espaço.

Ao longo deste trabalho, buscamos discorrer acerca da escrita do intelectual Raimundo Nonato da Silva. Para tanto, levamos em consideração a sua trajetória de vida, alçando os caminhos que o conduziram a escrever e os espaços nos quais a sua escrita foi desenvolvida. A compreensão da sua narrativa passa pela problematização da cultura histórica que esta ajuda a construir em torno da região Oeste. Como disposto, a sua escrita atua na construção

histórica da região. De modo a tecer um passado comum, legitimado por uma coletividade. Este passado integra o processo de significação em torno dos espaços e sujeitos que a compõem, tem a ver com a construção de uma identidade para si.

A descrição detalhada dos lugares e das coisas figura como uma estratégia narrativa que busca, em larga medida, aguçá-la a imaginação do leitor na construção imagética da coisa representada: o Oeste Potiguar. Afinal, descrever bem é também fazer ver bem. O que pode significar uma forma de dar a *ver* o Oeste, de construí-lo em suas linhas e entrelinhas narrativas. Trata-se de uma construção histórica em torno de aspectos naturalizados pelo tempo. De maneira que entendemos que a oficialização da região, não foi responsável por fundá-la. Pois, neste caso, o oficial não funda, mas é utilizado para legitimar algo que já estava presente na memória social e se fazia arraigado à identidade local/regional. Assim sendo, a construção da especialidade pelos praticantes, por meio da sua cultura histórica, antecedeu a sua oficialização.

Ao final, buscamos articular a sua escrita à cultura historiográfica da qual sofreu influência, notadamente, a tradição historiográfica dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros. Neste ponto, é possível toma-lo como estudo de caso para se pensar a maneira como os postulados de uma escrita da história nacional influenciam nas escritas das histórias regionais. Mesmo que estas venham a divergir em alguns aspectos e momentos históricos, o referencial historiográfico nacional continua de maneira intrínseca nos modos de realização da cultura histórica destes intelectuais.

Por fim, inserimos a escrita de Raimundo Nonato da Silva num projeto político-intelectual, notadamente centrado na Coleção Mossoroense, no qual não somente ele foi artífice, mas cuja narrativa histórica e historiográfica sobre o tempo, corroborou para legitimar um presente que se pretendia afirmar politicamente, com vias a um projeto de futuro para a cidade. Com base em discursos de progresso, expressos na retórica política, intelectual, e tantos outros meios de produção simbólica, construíram uma bibliografia sobre a história da região. Tal exercício demonstrou compreensão da historicidade, uma vez que pensar historicamente, considera o pensamento teleológico – a consciência histórica é capaz de captar o passado no presente e vislumbrar um futuro – para compor uma tradição. A isso, soma-se o privilégio de um discurso único, haja vista não haver narrativas concorrentes no período.

A cultura histórica engendrada desde o período ao qual nos referimos neste trabalho reverbera até os dias atuais, sendo responsável por organizar e modificar o espaço físico e simbólico da cidade de Mossoró e Oeste Potiguar. Nesse sentido, ao abrirmos a “gaveta da história” de Raimundo Nonato, nos deparamos com uma escrita que pode ser compreendida como uma dada maneira de inserir o espaço no tempo ou vice e versa. Atribuindo-lhe foro de *verdade* e credibilidade intelectual que se entrelaça à construção de uma História local.

5. FONTES

5.1. *Coleção Minhas Memórias do Oeste Potiguar*

NONATO, Raimundo. *As andanças de um cambiteiro de cana - minhas memórias do oeste Potiguar*. Coleção Mossoroense, 1992a.

_____. *O país de Mossoró - minhas memórias do oeste potiguar* - Coleção Mossoroense: série “C”; vol. 808 – 1992b.

_____. *A Janela do Tempo Memórias de Meus Remotos Dias* – Col. Mossoroense, série C, vol. DCCXXXII, 1991a.

_____. *O Romeiro do “30 de setembro” viagens do Rio de Janeiro a Mossoró presença nas sessões das “noites da cultura”* vol. 20 - *minhas memórias do oeste potiguar* - Coleção Mossoroense, 1991b.

_____. *Reencontro com as imagens do tempo I - minhas memórias do oeste potiguar* vol. 16 – Coleção Mossoroense, 1990a.

_____. *Reencontro com as imagens do tempo III - minhas memórias do oeste potiguar* vol. 16 – Coleção Mossoroense, 1990b.

_____. *Vidas errantes - Minhas memórias do Oeste Potiguar*. Coleção Mossoroense. ESAM/FGD, 1989a.

_____. *Os arrancadores da arca da botija; minhas memórias do Oeste Potiguar*. ESAM/FGD, 1989b.

_____. *Relembrações do tempo e da vida - minhas memórias do oeste potiguar* vol. VII - Coleção Mossoroense, 1988b.

_____. *Conversa a luz das piracas.- minhas memórias do oeste Potiguar*. Coleção Mossoroense. ESAM/FGD, 1988c.

_____. *Estrangeiros e Mossoró*. vol. 8 - *minhas memórias do oeste potiguar* - coleção mossoroense, 1988d.

_____. *As miragens da estrada do sal - minhas memórias do oeste potiguar* vol. 5 - coleção mossoroense, 1988e.

_____. *Varal das memórias - minhas memórias do oeste potiguar* vol. 4 - coleção mossoroense, 1988f.

_____. *Quando cai o nordeste* - minhas memórias do oeste potiguar vol. 3 - coleção mossoroense, 1988g.

_____. *Diocese de Santa Luzia de Mossoró* - minhas memórias do oeste potiguar - coleção mossoroense, 1988h.

_____. *Memórias de um Retirante - Minhas Memórias do Oeste Potiguar*. 2ª edição - Coleção Mossoroense, 1987a.

_____. *Entre sol e poeira* - minhas memórias do oeste potiguar vol. 2 - coleção mossoroense, 1987b.

5.2. Outros Livros

BRITO, Raimundo Soares de. *Raimundo Nonato ano 80*. Coleção Mossoroense, vol. CDIV, 1987.

_____. *Apostila do afeto: Câmara Cascudo*. Coleção Mossoroense, série C – Vol. CCCXXXVI, 1986.

Divisão do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Geografia. Vol. 2. Tomo 2 – Região Nordeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

ESCÓSSIA, Lauro. *Cartas de amizade a Raimundo Nonato*. ESAM/FGD, 1990.

NONATO, Raimundo. *Adauto Câmara*. ESAM/FGD, 1988a.

_____. *Evolução urbanística de Mossoró*. FJA, 1974. 2ª Ed 1983.

_____. *Árvores do Costado. Histórias que a História esquece*. Col. Mossoroense – vol. ESAM/FGD, CLXVIII, 1981.

_____. *À sombra dos tamarindos*. ESAM, 1979.

ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado. & ROSADO, Vingt-un. *Carlos Drummond de Andrade e Mossoró*. Coleção Mossoroense, Série B, número 1512, Maio, 1998.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *No Espaço em que me Centro, em que me Identifico: sobre identidade e região*. Programa de Pós-Graduação em História. Mestrado em História e Espaço, 2012.

_____. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade nacional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALBURQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. *A invenção do nordeste e outras artes*. 3. Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1988.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. nº 21, 1998, p. 9-34.

BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. *Revista de História Regional* 10(1): 95-129, Verão, 2005.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Bastidores da escrita da história [manuscrito]: a amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2008;

BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papirus, 2011. 11 ed. p.15.

_____. *Campo de poder, campo intelectual*. Itinerario de un concepto. s/l: Montessor, 2002.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. S.A, 1989.

CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 40, p. 59-83. 2001

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. *Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação urbana de Campina Grande – PB (1970 – 2000)*. Tese (Doutorado). UFPB-CCHLA, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. 5 ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010.

_____. *História da Cidade do Natal*. 3 ed. Natal: RN Econômico, 1999.

_____. *História do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto; Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COSTA, Bruno Balbino Aires. As “Batalhas” dos Rosados: política e cultura em Mossoró – RN (1948-1967). IN: *OP SIS*, Catalão, v. 12, n. 1, p. 146-163, jan./jun. 2012.

CURY, Cláudia Engler. O papel dos intelectuais na configuração da brasilidade e das políticas de educação/cultura nos anos trinta do século XX. *Educação em Foco* (Juiz de Fora), Juiz de Fora MG, v. 7, n.n.2, p. 69-82, 2003.

DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrépida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local*. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996.

DIEHL, Astor Antonio. *Cultura Historiográfica. Memória, Identidade e Representação*. Bauru, Edusc, 2002.

_____. HISTÓRIA, TEORIA DA HISTÓRIA E CULTURAS HISTORIOGRÁFICAS: ENTREVISTA COM ASTOR ANTÔNIO DIEHL. *SÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [21]; Entrevistadores: Cláudia Engler Cury, Elio Chaves Flores e Raimundo Barroso Cordeiro Jr. Transcrição: Alessandro Moura de Amorim (Mestrando PPGH/UFPB) João Pessoa, jul./ dez. 2009, p. 219-232.

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. /Tradução Fernanda Abreu. – Bauru, SP: Edusc, 2004.

FELIPE, José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”*. João Pessoa, PB: Grafset, 2001.

FERNANDES, Paula Rejane. *A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005*. Vitória, 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, 2014.

FLORES, Elio Chaves. Dos Feitos e dos Ditos: História e Cultura Histórica. In: *SÆculum – Revista de História*, DH/PPGH/UFPB: João Pessoa, v. 16, jan./jun. 2007, pp. 83-102.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

GADAMER, Hans-Georg; FRUCHON, Pierre; ESTRADA, Paulo Cesar Duque. *O problema da consciência histórica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GASTAUD, Carla Rodrigues. *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo, n. 30, p.110-127, 2002;

GOMES, Angela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A.C. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GOMES NETO, João Maurício. *Entre a ausência declarada e a presença reclamada: a identidade Potiguar em questão*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, Natal, 2010.

GONTIJO, Rebeca. História, Cultura, Política e Sociabilidade Intelectual. In: SOIHET, R.; BICALHO, M.; GOUVÊA, M. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro, MAUAD/FAPERJ, 2005, p. 259-284.

GUENÉE, Bernard. *Histoire et Culture Historique dans l'Occident Médiéval*. Paris: Aubier-Montaigne, 1980.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos: caminhos da historiografia*. Rio de Janeiro, n.1, 1988. p. 5-27;

_____. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 184-200, dez. 2002.

HALEWELL, L. *O livro no Brasil – Sua História*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008 [1984].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 10ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro/2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 97-114.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEROI-GOURHAN, A. *Le geste et la parole*, 2 vol. Paris: A. Michel, 1964-1965. Lisboa: Edições 70, 1981-83.

LYRA, Augusto Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2008.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *hist. historiogr.* • ouro preto • n. 15 • agosto • 2014 • p. 27-50 • doi: 10.15848/hh.v0i15.692

MORAIS, Hélia Costa; GOMES NETO, João Maurício. Sociabilidades em Correspondências: a escrita epistolar como espaço de sociabilidade – o acervo de Raimundo Nonato. *Bilros*, Fortaleza, v. 3, n. 4, p. 158-177, jan.-jul. 2015.

_____. *Varal das Memórias: O Oeste Potiguar na obra de Raimundo Nonato*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Departamento de História. – Mossoró/RN, 2013.

MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de Filosofia: lições preliminares*. Tradução:

Guillermo de La Cruz Coronado. São Paulo: Mestre Jou, 1964.

NÓBREGA, Alessandro Teixeira. *A Coleção Mossoroense e a construção dos mitos: Dix-sept Rosado, o herói imolado*. Natal: UFRN, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa-PR: Editora UEPG, 2010, v. 15. pp.169-193.

PINTO, Júlio Pimentel. Os Muitos Tempos da Memória. *Projeto História*. São Paulo, (17), nov. 1998.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

POMBO, Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*. Edição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil (1822-1992). Rio de Janeiro: Anuario do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

PRADO JR. Caio. *Evolução política do Brasil – Colônia e Império*. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

QUINTAS, Amaro. *A revolução de 1817*. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: FUNDARPE, 1985;

REIS, José Carlos. *História & Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. 3 v.

_____. A representação historiadora. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Tradutores: Alain François [ET AL.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 247-301.

_____. Tempo e narrativa. Vol. I. Campinas: Papyrus, 1994.

ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POTIGUAR A PARTIR DO RIO DE JANEIRO (1934 A 1952). *Caderno de resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2012.

RÜSEN, Jörn. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia, 1994. Trad. de F. Sánchez e Ib Schumacher. In: FÜSSMANN, K. GRÜTTER, H. T. RÜSEN, J. (eds.). *Historische Faszination. Geschichte skulturheute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, 2009, p.3-26.

_____. *Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALOMON, Marlon. *As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Monica. “O Oeste Catarinense não pode parar aqui”. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338 - 374. maio/ago. 2017.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. *Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação do mando*. Mossoró: Queima-Bucha, 2004. (Coleção SBEPIC).

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A Cultura Histórica em representações sobre territorialidades. In: *Saeculum*– Revista de História, DH/PPGH/UFPB: João Pessoa, v. 16, jan./jun. 2007, pp. 33-46.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231- 269.

TAVARES, Mariana Rodrigues. Editando a nação e escrevendo sua história: o Instituto Nacional do Livro e as disputas editoriais entre 1937-1991. IN: *Aedos*, nº 15, v.6, Jul/Dez. 2014. P. 164- 180. Porto Alegre.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, n.15, p. 51-84, 1997.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

TURIN, Rodrigo. Os antigos e a nação: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860). *L'atelier du Centre de recherches historiques* [En ligne], avr. 2011.

SITES

<http://cronologiadassecas.openbrasil.org/search/label/Seca%20-%201919%20%2F%201920%20%2F%201921> acessado em: 26/03/2017 às: 10:45 h

<http://marcosfilgueira.wdfiles.com/local--files/minha-loja-mae/REVISTA%20COMEMORATIVA.pdf> acessado em: 03/05/2017 às: 11:00 h

<http://docente.ifrn.edu.br/ednardogoncalves/regionalizacoes-do-espaco-potiguar> acessado em: 10/08/2017 às: 17:58 h